

LUÍS EDUARDO LOBIANCO

**O OUTONO DA JUDÉIA
(SÉCULOS I a.C. - I d.C.)**

**RESISTÊNCIA E GUERRAS JUDAICAS SOB O DOMÍNIO ROMANO
FLÁVIO JOSEFO E SUA NARRATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito para a obtenção do grau
de Mestre em História

Orientador: Professor Doutor CIRO FLAMARION SANTANA CARDOSO

Niterói
1999

L 797

Lobianco, Luís Eduardo.

O Outono da Judéia (séculos I a.C. - I d.C.): Resistência e Guerras Judaicas sob o Domínio Romano - Flávio Josefo e sua Narrativa / Luís Eduardo Lobianco.– Niterói: sn, 1999.

207 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 1999.

1. História social – séculos I a.C. - I d.C. 2. História antiga I título.

CDD 309.1

LUÍS EDUARDO LOBIANCO

**O OUTONO DA JUDÉIA
(SÉCULOS I a.C. - I d.C.)**

**RESISTÊNCIA E GUERRAS JUDAICAS SOB O DOMÍNIO ROMANO
FLÁVIO JOSEFO E SUA NARRATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito para a obtenção do grau
de Mestre em História

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor **Ciro Flamarion Santana Cardoso**
Orientador
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora **Sílvia Damasceno**
Universidade Federal Fluminense

Professora Doutora **Norma Musco Mendes**
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Niterói
1999

A meus pais, Nelma e Wanderley Lobianco,
que me deram a vida e a felicidade de viver,
que me ensinaram a ser sincero, honesto e verdadeiro,
que têm sido para mim um exemplo de dedicação à profissão,
e que acima de tudo me amaram, me amam e me amarão para sempre.

AGRADECIMENTOS

A meu Orientador, Professor Doutor Ciro Flamarion Santana Cardoso, por sua amizade e dedicação e por toda a erudição que me transmitiu, sem as quais esta Dissertação não seria possível;

Ao CNPq, pela bolsa de estudos que me concedeu para a realização desta pesquisa;

A meus avós Dinah, Assunta, Quito e Settimio, por me terem dado meus pais e por estarem, junto a Deus, há tantos anos cuidando de mim;

A meu irmão Wanderley Junior e à minha cunhada Terezinha (Tetê), por sua grande amizade e incentivo permanentes, e à minha sobrinha Daniela, porque trouxe mais felicidade à minha vida;

A meus primos Adriana e José Eduardo por seu carinho e apoio constantes;

A meus amigos Maria Clara (Kakala) e José Rodrigues e Clarice e Alessandro, por sua grande amizade;

Aos Professores Sílvia Damasceno, Manuel Rolph, Maria Paula Graner, Francisco José Silva Gomes, Neyde Theml, Norma Musco Mendes, Maria Regina Cândido e Cláudia Andréia Prata Ferreira, por acreditarem em meu trabalho;

Aos colegas historiadores Carlos Augusto, Keila e Marcela, por seu grande apoio;

Às primas Isabela, Carla, Cláudia e Flávia, e às amigas Ana Paula, Maria Aparecida, Denise e Solange, por seu carinho;

E sempre a Deus, por me permitir existir, e por me abençoar e amar infinitamente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO PRIMEIRO: A JUDÉIA ROMANA: DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA	25
1.0 PREÂMBULO	26
1.1 JUDÉIA	28
1.2 TEORIA PÓS-COLONIAL	32
1.3 ROMANIZAÇÃO - ACULTURAÇÃO E ASSIMILAÇÃO	35
1.4 O PODER POLÍTICO ROMANO SOBRE A JUDÉIA: (<i>QUADRO 1-1</i>)	45
1.4.1 <i>O Poder Político na Judéia antes de Roma:</i>	48
1.4.2 <i>1.4.2 O Poder Político na Judéia a partir da chegada de Roma:</i>	49
1.4.3 <i>As instituições político-religiosas da Judéia sob o domínio romano:</i>	51
1.4.4 <i>Os Judeus e os Líderes Judaicos e Romanos da Judéia - Caifás e Pilatos:</i>	52
1.5 RESISTÊNCIA PASSIVA – O PODER DO JUDAÍSMO	56
1.6 FENOMENOLOGIA DO DISSENSO:.....	62
1.7 A SUPERESTRUTURA DO BLOCO HISTÓRICO:.....	64
1.7.1 <i>No concernente à guerra judaico-romana:</i>	66
1.7.2 <i>No concernente à guerra civil judaica:</i>	67
1.8 RESISTÊNCIA ATIVA: RUMO À GUERRA JUDAICO - ROMANA (66 - 73):	69
1.8.1 <i>As questões sócio-político-culturais:</i>	72
1.8.2 <i>As questões sócio-econômicas:</i>	73
1.8.3 <i>As questões sócio-político-religiosas:</i>	75
1.8.4 <i>As questões sócio-políticas:</i>	85
1.8.5 <i>As questões da fonte primária:</i>	90
1.9 A GUERRA CIVIL JUDAICA (66 - 70):.....	92
1.9.1 <i>As questões sócio-econômicas:</i>	93

1.9.2	<i>As questões sócio-políticas:</i>	93
1.9.3	<i>As questões sócio-político-religiosas:</i>	94
1.9.4	<i>A pluralidade de líderes e facções:</i>	98
1.9.5	<i>As questões da fonte primária:</i>	103
1.10	EPÍLOGO:	106

CAPÍTULO SEGUNDO: FLÁVIO JOSEFO BEN MATTHIAS: UMA ETNIA - DUPLA

IDENTIDADE ?.....108

2.0	PREÂMBULO	109
2.1	JOSEFO - DA JUDÉIA À ROMA:	109
2.1.1	<i>A Trajetória: (Quadro 2-1):</i>	110
2.1.2	<i>O Nome:</i>	113
2.2	ETNIA JUDAICA:	117
2.3	IDENTIDADE DE FLÁVIO JOSEFO:	126
2.3.1	<i>Josefo: Identidade por Auto-Reconhecimento:</i>	126
2.3.2	<i>Josefo: Identidade por Origem e por Aquisição:</i>	128
2.3.3	<i>Josefo: Identidade pela Alteridade:</i>	130
2.4	FLÁVIO JOSEFO: UM JUDEU EM ROMA:	130
2.5	FLÁVIO JOSEFO: O HISTORIADOR JUDEU DA JUDÉIA E DE ROMA:	132
2.6	EPÍLOGO:	133

CAPÍTULO TERCEIRO: HISTÓRIA DA GUERRA DOS JUDEUS CONTRA OS ROMANOS:

QUÁDRUPLA AMBIGÜIDADE.....135

3.0	PREÂMBULO	136
3.1	OS IDIOMAS DA OBRA - ARAMAICO E GREGO:	137
3.2	AMBIGÜIDADE NO TÍTULO:	139
3.3	AMBIGÜIDADE NA ORIGEM:	141

3.3.1	<i>Verdade ou “Propaganda” ?</i>	141
3.3.2	<i>Teoria do Discurso Colonial:</i>	144
3.4	AMBIGÜIDADE DE ESTRUTURA.....	148
3.4.1	<i>Josefo - duas noções de história:</i>	148
3.4.2	<i>Antigas noções greco-romanas de história:</i>	149
3.4.3	<i>Tucídides - o paradigma historiográfico de Josefo:</i>	151
3.4.4	<i>Josefo - historiador greco-romano:</i>	160
3.4.5	<i>4.4.5 Antigas noções hebraico-judaicas de história:</i>	168
3.4.6	<i>Josefo - historiador hebraico-judaico:</i>	169
3.5	AMBIGÜIDADE NO CONTEÚDO:	174
3.5.1	<i>Josefo Pró-Romano:</i>	177
3.5.2	<i>Josefo Anti-Judaico:</i>	180
3.5.3	<i>Josefo Pró-Judaico:</i>	189
3.5.4	<i>Josefo Anti-Calígula (não anti-Romano):</i>	192
3.6	EPÍLOGO:	196
	CONCLUSÃO	197
	FONTES :	203
	BIBLIOGRAFIA	204

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-1: O Império Romano no Século II d.C.....	28
Figura 1-2: A Judéia (amplo sentido) sob domínio romano (63 a.C.–132 d.C.).....	31
Figura 1-3: Judéia (amplo sentido) – Guerra Judaico-Romana (66 – 73 d.C.).....	89
Figura 1-4: Os grupos religiosos na Judéia (amplo sentido) – séc. I d.C.....	96
Figura 1-5: Maquete de Jerusalém (século I d.C. – anterior ao ano 70).	100
Figura 1-6: Mapa de Jerusalém (século I d.C. – anterior ao ano 70).	101
Figura 1-7: O cerco de Tito à Jerusalém (verão de 70 d.C.).	102
Quadro 1-1: Imperadores Romanos / Prefeitos e Procuradores Romanos da Judéia (de Augusto à Vespasiano - séculos I a.C. - I d.C.)	45
Quadro 2-1: “ <i>Curriculum Vitae</i> ” de Flávio Josefo ben Matthias.....	110
Quadro 2-2: A Genealogia de Josefo	114

RESUMO

Esta dissertação tem um tríplice objetivo. Primeiramente, analisar a sociedade judaica no período em que a Judéia esteve sob o domínio de Roma. Em seguida refletir sobre a vida e a obra do historiador Flávio Josefo. Por fim, discutir sua primeira obra, *Ἰστορία Ἰουδαϊκῆς Πολέμου πρὸς Ῥωμαίους* - *Istória Ioudaïkou Polémou pròs Romaious* - *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, que narra a resistência judaica face ao domínio romano, bem como as guerras judaico-romana (66-74) e civil judaica (66-70).

ABSTRACT

The aim of this dissertation is threefold. Firstly, it analyses the Jewish society during the period when Judaea was under Roman rule. Secondly, it considers the historian Flavius Josephus's life and work. Finally, it discusses his first work *The Jewish War* – **Istoriva **Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY - Istoría Ioudaïkou Polémou pròs Romaiou*s - which describes the Jewish resistance against the Roman rule, as well as the Jewish-Roman war (66-74) and the Jewish civil war (66-70).

INTRODUÇÃO

Entendo por “*Outono da Judéia*” o lento e gradual declínio da autonomia dos judeus em seu solo ancestral, a gestação do processo de desagregação da comunidade judaica, neste território, na medida em que o domínio romano crescia sobre esta mesma sociedade, bem como aumentava a rejeição desta contra tal dominação; por fim, as treze décadas e três anos que presenciaram o controle cada vez mais rígido de Roma sobre a Judéia (63 a.C. a 70 d.C.), sendo meu objetivo, compreender como este “*outono*” se desenvolveu.

O que tenho a pesquisar, portanto, é o ambiente de hostilidades que pulsou na Judéia, desde a década de 60 do século I a.C até a década de 60 do século I d.C., cujo ápice foi a guerra judaico-romana, iniciada no verão de 66 e praticamente encerrada no outono de 70 (queda de Jerusalém), estendendo-se, porém, até 73 (queda de Massada). Neste cenário de choques, destaco em especial o período do reinado de Herodes Magno (37 a 4 a.C.) e a época dos prefeitos e procuradores romanos (respectivamente 6-41 e 44-66 d.C.).

O que aqui pesquiso, então, é exatamente o antagonismo que se fez presente no tempo e espaço supracitados e que se traduziu pela seguinte oposição: *dominação romana x resistência judaica* e para tanto não conto com o auxílio de qualquer fonte não literária, uma vez que a arqueologia pouco pode auxiliar-me para o desenvolvimento do presente trabalho. Entretanto, ela fornece material que ilustra - dentro do conceito de romanização - tanto as práticas de resistência, quanto as de assimilação/aculturação com relação à comunidade judaica. Da mesma forma, a numismática não traz grandes contribuições a esta pesquisa; porém, ela fornece material que alimenta a especificidade da Judéia - no aspecto econômico -, singularidade esta que confronta com o conceito de romanização, e por fim, a epigrafia também tem pouca utilidade neste estudo, mas ela sinaliza práticas de aculturação da elite judaica, portanto uma vez mais tocando ao mesmo conceito acima referido.

Como apenas emprego poucos dados arqueológicos, numismáticos e epigráficos, optei por trazê-los a este estudo por via da bibliografia. Então, praticamente uma só fonte opero na presente dissertação, que considero basicamente judaica, mas também romana. Do seio da sociedade judaica, de sua elite, emergiu, no século I d.C., um fariseu que posteriormente se tornou não só cidadão romano, como também um historiador da Judéia e de Roma de grande importância, e cuja primeira obra trata clara e profundamente do período pertinente ao presente estudo, da época em que a Judéia estava sob a dominação selêucida (século II a.C.) até o final da guerra contra Roma em 73 d.C., portanto é uma narrativa que fornece material suficiente para a reflexão do complicado contato entre

judeus e romanos, na Judéia, sobretudo de 63 a.C. a 70 d.C. É o melhor, mais preciso e completo relato para tal reflexão, por conseguinte é a fonte primária central deste estudo.

Trata-se de Flávio Josefo, nascido ben Matthias e de *&Istoriva* ***Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY* - *Istória Ioudaïkou Polémou pròs RomaiouS* - *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* ou *PeriV Tou~ *Ioudai>kou~ Polevmou* - *Peri Toû Ioudaïkoû Polémou* - *No Concernente à Guerra dos Judeus*, em geral conhecida por *Guerra Judaica*¹, obra em sete livros publicada no final do reinado de Vespasiano (entre 75 - 79 d.C.). Embora Josefo também posteriormente tenha concluído (93-94 d.C.) outra obra de grande importância: **Ioudai>khV *Arcaïologiva* - *Ioudaïkè Archaiología* - *Antigüidades Judaicas*, que abrange o longo período que vai da criação do mundo, para os judeus, até o governo do Procurador Floro - logo imediatamente anterior à deflagração da guerra contra Roma em 66 d.C. -, esta última será utilizada neste trabalho apenas a nível informativo, já que não se detém com a mesma profundidade no período ora estudado e muito menos trata do referido conflito bélico.

¹ Estes dois títulos serão tema de análise do item - *Ambigüidade no Título*, no Capítulo Terceiro e doravante utilizarei por toda a Dissertação o título **Istoriva* ***Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY* - *Istória Ioudaïkou Polémou pròs RomaiouS* - *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, pois é este que consta no início da narrativa da fonte.

Quanto às demais fontes literárias romanas, que fazem referência ao contato romano-judaico na Judéia ao longo do século I d.C., em especial sobre a guerra de 66-73, há as obras de: (i) Tácito - *Histórias e Anais*, (ii) Suetônio - *A Vida dos Doze Césares*, em especial os Livros que tratam das biografias de *Vespasiano e Tito* e ainda (iii) Dio Cássio - *História Romana*. Todas, entretanto são insuficientes para meu trabalho, pois tratam apenas em pequenos trechos do tema de minha pesquisa. Quanto às demais fontes literárias judaicas, que igualmente fazem referência a este mesmo contato, há a obra de Fílon de Alexandria *Embaixada a Caio Calígula*, que noticia brevemente a relação deste Imperador com os judeus em todo o mundo romano e na Judéia, portanto uma vez mais insuficiente.

A exceção ao uso de *&Istoriva* ***Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY* - *Istória Ioudaïkoû Polémou pròs Romaíous* - *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* como única fonte primária de pesquisa será o emprego de curtos excertos de duas obras da Antigüidade, uma grega e outra hebraico-judaica.

A primeira é *Qoukudivdou &Istorivai* - *Thoukydídou Istoríai* - *Histórias de Tucídides*, em geral conhecida como *História da Guerra do Peloponeso*, cuja redação ocorreu no século V a.C., tratando do litígio entre Atenenses e Peloponésios. Assim, é óbvio que esta fonte não pode tratar dos acontecimentos ocorridos cerca de meio milênio depois na Judéia (séculos I a.C. e I d.C.), tempo e lugar trabalhados nesta dissertação, ou seja, esta fonte não tem com a fonte central de pesquisa deste estudo nenhum vínculo de conteúdo narrativo e portanto, por este aspecto, não daria apoio a este

estudo, contudo dá sustentação quando revela grande ligação de estrutura narrativa, já que, como se verá no *Capítulo Terceiro*, Tucídides foi o paradigma historiográfico de Josefo.

A segunda é a תנ"ך² - *Tanach* - *Bíblia Hebraica*, e como ensina Cláudia Andréa Prata Ferreira³, o nome hebraico תנ"ך - *Tanach* é “uma acrossemia das palavras תורה - *Torah* “*Pentateuco*”, נביאים - *Neviim* “*Profetas*” e כתובים - *Ketuvim* “*Escritos ou Hagiógrafos*””, ou seja, é o conjunto dos vinte e quatro livros do Cânon Judaico - a Bíblia Hebraica -, chamado pelos cristãos de Antigo Testamento. A redação desta obra ocorreu ao longo do Iº milênio a.C. e sua configuração completa foi demarcada pela assembléia rabínica acontecida na localidade de Jâmnia, poucos quilômetros a oeste de Jerusalém, no final do século I d.C., cerca do ano 90, contudo sua forma final já encontrava-se pronta no século II a.C. Assim, é óbvio que esta fonte não pode tratar dos acontecimentos dos dois séculos seguintes na Judéia, repito, tempo e lugar trabalhados nesta dissertação, e portanto, por este aspecto, não daria apoio a esta pesquisa, contudo dá sustentação para a realização deste trabalho, uma vez que trata-se da mais importante obra produzida pelos hebreus / judeus na Antigüidade - porque, desde então e até hoje, é a base

² Todas as palavras hebraicas foram grafadas em caracteres hebraicos pela Profª. Cláudia Andréa Prata Ferreira, de Língua e Literatura Hebraicas do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras da UFRJ.

³ FERREIRA, Cláudia Andréa Prata. “A Literatura Hebraica Bíblica: A Construção da Identidade e o Pacto da Memória”, in *Anais do V Congresso Internacional da ABRALIC*, v. 3, p.p. 627 - 635. Rio de Janeiro: ABRALIC / UFRJ, 1998.

da identidade judaica, ancorada no judaísmo, e também alicerce da resistência dos judeus ao domínio romano, portanto é essencial para a compreensão da relação judaico-romana que ora analiso e que, por sua vez, é o tema do *Capítulo Primeiro*.

Portanto para compreensão do que chamei “*Outono da Judéia*” três fatores devem interagir entre si: 1) a oposição: *dominação romana x resistência judaica*; 2) a obra *Ἰστορία Ἰουδαϊκῆς Πολέμου πρὸς Ῥωμαίους - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* e 3) o historiador judeu e também portador da cidadania romana Flávio Josefo, nascido ben Mathias. Logo, o tema desta pesquisa nada mais é que a reunião destes três tópicos, a problemática que aqui emerge também toca os três e ainda cada um deles transformou-se um capítulo desta dissertação.

Assim, o *Capítulo Primeiro - A Judéia Romana* tem como ponto central de reflexão a oposição: *dominação romana x resistência judaica*, que necessariamente tem que apoiar-se na sociedade judaica. Tal reflexão pode perfeitamente ser desenvolvida sob um enfoque sócio-econômico, mas prefiro fazê-lo sob um enfoque sócio-político-cultural. Optei por tal abordagem em primeiro lugar porque na sociedade judaica é comum observar-se que religião e poder se articulam com muita facilidade e atuam com objetivos comuns, em segundo lugar, porque no caso da Judéia, Roma ali opera pondo em prática nitidamente esta articulação, e, em terceiro lugar, porque há na fonte primária que ora utilizo claras e suficientes referências desta simbiose. Este capítulo, buscando nortear a primeira parte da dissertação, isto é, analisar a grande oposição *dominação romana x resistência judaica*,

pretende unir o conhecimento da religião dos judeus, base de sua identidade e sociedade, com a trajetória política da Judéia, sobretudo no período romano, no “*Outono da Judéia*”.

Como base teórica deste capítulo utilizo a teoria pós-colonial e os conceitos de romanização e resistência, nela inseridas, bem como os conceitos de revolta e reivindicação de Gualberto Gualerni, como ainda a análise de Gramsci acerca da superestrutura do bloco histórico e suas duas esferas essenciais, sociedade política e sociedade civil, que dão sustentação à toda a análise que desenvolvo acerca de domínio/submissão/insubmissão na Judéia Romana.

Por fim, neste *Capítulo Primeiro* proponho duas hipóteses de pesquisa:

1) A resistência dos judeus ao domínio de Roma aumentava na medida em que os líderes romanos da Judéia desrespeitavam a religião judaica e diminuía na medida em que estes líderes a respeitavam.

2) O ápice da resistência judaica contra a dominação romana - a deflagração da guerra de 66-73 d.C. - teve como causa um fator político: a ruptura da aliança entre as então classes dirigentes judaica e romana, para o comando da Judéia.

O *Capítulo Segundo - Flávio Josefo, nascido ben Mathias* tem como ponto central de reflexão a etnia judaica e a identidade de Josefo, nascido judeu *Josefo ben Mathias, filho de Mathias*, e que na segunda metade de sua vida, após receber do Imperador Vespasiano a cidadania romana, passou a chamar-se *Flávio Josefo*.

Tal reflexão pode perfeitamente ser desenvolvida conhecendo-se a trajetória conflituosa deste homem que se divide entre duas civilizações: a judaica e a romana, sobretudo no Oriente, logo fortemente influenciado pelo mundo grego. Esta tríplice influência leva à constatação, desde logo, do envolvimento deste homem com estas três culturas, fato que sem dúvida alguma refletiu-se em seu ofício de historiador, em geral conhecido como o maior dos historiadores judeus da Antigüidade, e em geral também pouco lembrado como historiador romano.

Este capítulo, buscando nortear a segunda parte da dissertação, não só pretende apresentar a trajetória de Josefo, como também a partir dela considerar o valor de seu papel, muitas vezes como testemunha ocular, sobre a situação de domínio romano da Judéia nos séculos I a.C. e I d.C., - “*O Outono da Judéia*” - uma vez que viveu muito próximo e mesmo dentro desse período (Jerusalém, 37/38 - Roma ,cerca de 100), mudando-se da Judéia para Roma no ano 70.

Como base teórica deste capítulo utilizarei os conceitos de etnia, identidade individual por origem / por aquisição, e também de identidade sócio-cultural a nível igualmente individual, que dão sustentação a toda a análise que desenvolvo acerca de Josefo.

Por fim, neste *Capítulo Segundo* proponho uma hipótese de pesquisa:

- Nascido judeu e tornando-se cidadão romano, Josefo pode ser considerado, apesar destas duas condições e de sua trajetória conflituosa, dividida entre Judéia e Roma, como um homem vinculado à etnia judaica e portador de uma única identidade: a judaica.

O *Capítulo Terceiro - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* tem como ponto central de reflexão a primeira e mais significativa obra de Josefo, exatamente *&Istoriva **Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY - Istoría Ioudai&ou Polémou pr&os Romaíous - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*⁴ e que é a única fonte primária a ilustrar esta pesquisa, à exceção de pequenas passagens da **ן** **ן** *Tanach* - Bíblia Hebraica e de *Qouku&iv&ou &Istorivai - Thouky&id&ou Istoríai - Histórias de Tucídides (História da Guerra do Peloponeso)* como já antes referido. Tal reflexão pode perfeitamente ser desenvolvida a partir da principal característica desta obra: a ambigüidade, que está presente tanto no nome, quanto na origem, bem como na estrutura, e ainda no conteúdo desta narrativa. No primeiro caso – ambigüidade no nome – há dois títulos, um sob uma ótica romana e outro sob um ponto de vista judaico. No segundo caso - ambigüidade na origem - emerge a seguinte dúvida: este relato foi produzido para apoiar a dinastia dos Flávios (Vespasiano - Tito - Domiciano - 69 - 96) ou para que uma testemunha ocular (Josefo) contasse a verdade, sobretudo para seu povo (os judeus) mas também para outros vizinhos e mesmo gregos e romanos ? No

⁴ Doravante apenas irei me referir a esta obra por *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*.

terceiro caso - ambigüidade na estrutura - há nitidamente nesta produção literária o emprego dos antigos modelos e entendimentos grego e hebraico-judaico de história. No quarto caso - ambigüidade no conteúdo - este discurso oscila entre argumentos ora pró-judaicos, ora pró-romanos e ainda anti-judaicos, mas nunca anti- romanos, no máximo contrário a alguns líderes do Império.

A presença da ambigüidade nesta obra de Josefo, em todos os três níveis acima apontados, é nitidamente um reflexo da própria trajetória do autor, entre Judéia e Roma. Este capítulo, buscando nortear a terceira parte da dissertação, pretende conhecer e avaliar a mais detalhada e praticamente única narrativa que ilumina o período do “*Outono da Judéia*”

Como base teórica deste capítulo utilizo a abordagem que Carlo Ginzburg⁵ faz acerca dos antigos modelo e entendimento gregos de história, os quais os romanos também utilizaram e onde emergem os termos de *e*navrgeia* - *enárgeia* - *clareza*, *au*toyiva* - *autopsía* - *o ver com os próprios olhos* e *e*kfrasiY*- *ékfrasis* - *descrição*, que são os três pilares deste modelo, bem como a reflexão de Millar Burrows⁶ no tocante aos antigos modelo e entendimento hebraicos/judaicos de história onde a

⁵ GINZBURG, Carlo. “Apontar e Citar - a Verdade da História”, in *Revista de História* n° 2/3. Campinas: Unicamp, 1991, p.p. 91-100.

⁶ BURROWS, Millar. “Ancient Israel”, in DENTAN, Robert (ed.) *The Idea of History in the Ancient Near East*. New Haven: American Oriental Society / Yale University, 1983, p.p. 128-130.

presença de seu Deus - יהוה - *YHWH* - é muito relevante, modelos que são a base da construção de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, e dão sustentação ao aspecto híbrido desta obra, já radiografado nos quatro níveis de ambigüidade acima expostos.

Por fim, neste *Capítulo Terceiro* proponho uma hipótese de pesquisa:

- *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* é uma obra que reflete um relato histórico repleto de ambigüidades, no título, na origem, na estrutura e no conteúdo, sempre oscilando entre as influências judaica e romana que atingem seu autor.

Por fim, tendo em vista que praticamente só possuo uma fonte para operar em minha pesquisa, e ainda, que esta constitui-se em um relato, que tem como principal característica a ambigüidade, e cujo autor é portador de uma trajetória conflituosa, decidi eleger como metodologia de trabalho a ser aplicada a este documento, uma técnica de análise textual, baseada em reflexões que opõem duas idéias centrais contidas na narrativa, uma apoiada por seu autor, outra por ele rejeitada. Logo, refiro-me à semiótica textual, apresentada pelo Prof. Ciro Cardoso⁷, e em especial à construção de quadrados semióticos - uma elaboração de Algirdas Julien Greimas -, quadrados que são portadores de investimentos tímicos - emocionais -, o que me possibilita claramente perceber a expressão gráfica do sentido do documento sob análise, e que reflete a intenção de seu autor.

Ademais, pelo tipo de fonte que manipulo - uma narrativa longa e cronologicamente linear -, a semiótica textual se apresenta como metodologia, que fornece excelentes resultados, ao que acrescento ainda, que a sua utilização tem sido uma inovação em trabalhos de história. Por conseguinte, entendo que tal método de análise da fonte me permite tentar comprovar as hipóteses, que formulei nesta pesquisa, supracitadas, uma vez que o aspecto conflituoso, presente em todas elas, está espelhado na própria obra de Josefo, sob estudo, e uma vez que todo conflito se traduz por oposições, os quadrados semióticos que aqui emprego, sempre refletem dois pólos antagônicos, por esta razão é que, como dito acima, tais quadrados apresentam investimentos tímicos, que incidem em suas dêixis, levando-as à euforização - valorização positiva - ou disforização - valorização negativa -, e seus dois percursos possíveis serão indicados quando de suas análises. Contudo, será apontado o percurso pretendido pelo narrador, aquele que parte da dêixis disforizada e desemboca na dêixis euforizada, assim como o percurso por ele rejeitado, que parte da dêixis euforizada e chega na dêixis disforizada, se reconhecendo, portanto, a intenção do narrador, tanto pelo apoio quanto pelo repúdio dado a uma idéia contida no texto. Os quadrados surgirão ao longo deste trabalho, após alguns textos - trechos de fonte primária, alguns de Josefo e excepcionalmente um de Tucídides - exatamente com o objetivo de analisá-los.

⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Narrativa, Sentido, História*. São Paulo: Papirus, 1997, cap. III.

Portanto, nesta Introdução procurei sinalizar todos os passos que dei rumo à elaboração de minha dissertação, que se desenvolve nos próximos três capítulos e conclusão e cujo objetivo é, vale lembrar, compreender o que foi o período que decidi chamar de “*Outono da Judéia*”.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A JUDÉIA ROMANA: Dominação e Resistência

1.0 Preâmbulo

Roma, do século III a.C. ao II d.C. lenta e gradualmente foi se expandindo em todas as direções, a ponto de que, no apogeu do Império - final do século I d.C. ao início do século III d.C. - este era banhado por todo o Mar Mediterrâneo e atingira toda a Europa Ocidental e Meridional, a Ásia Menor, o Oriente Próximo e todo o norte da África.

Tendo a cidade de Roma como referência, uma das mais distantes regiões sob controle romano, inicialmente como um reino cliente e em seguida contida dentro da província da Síria, sendo governada por um Prefeito e mais tarde por um Procurador, localizava-se na porção extremo-oriental do Império, área estratégica entre o Egito e a Síria e que separava o Império Parta do Mediterrâneo: a Judéia (*Figura 1-1*)⁸.

⁸ Mapa extraído de CORNELL, Tim e MATTHEWS, John. *Roma – Legado de um Império*. (vol.1). Tradução de Maria Emilia Vidigal. Madrid: Edições del Prado, 1996, p.p.106-107.

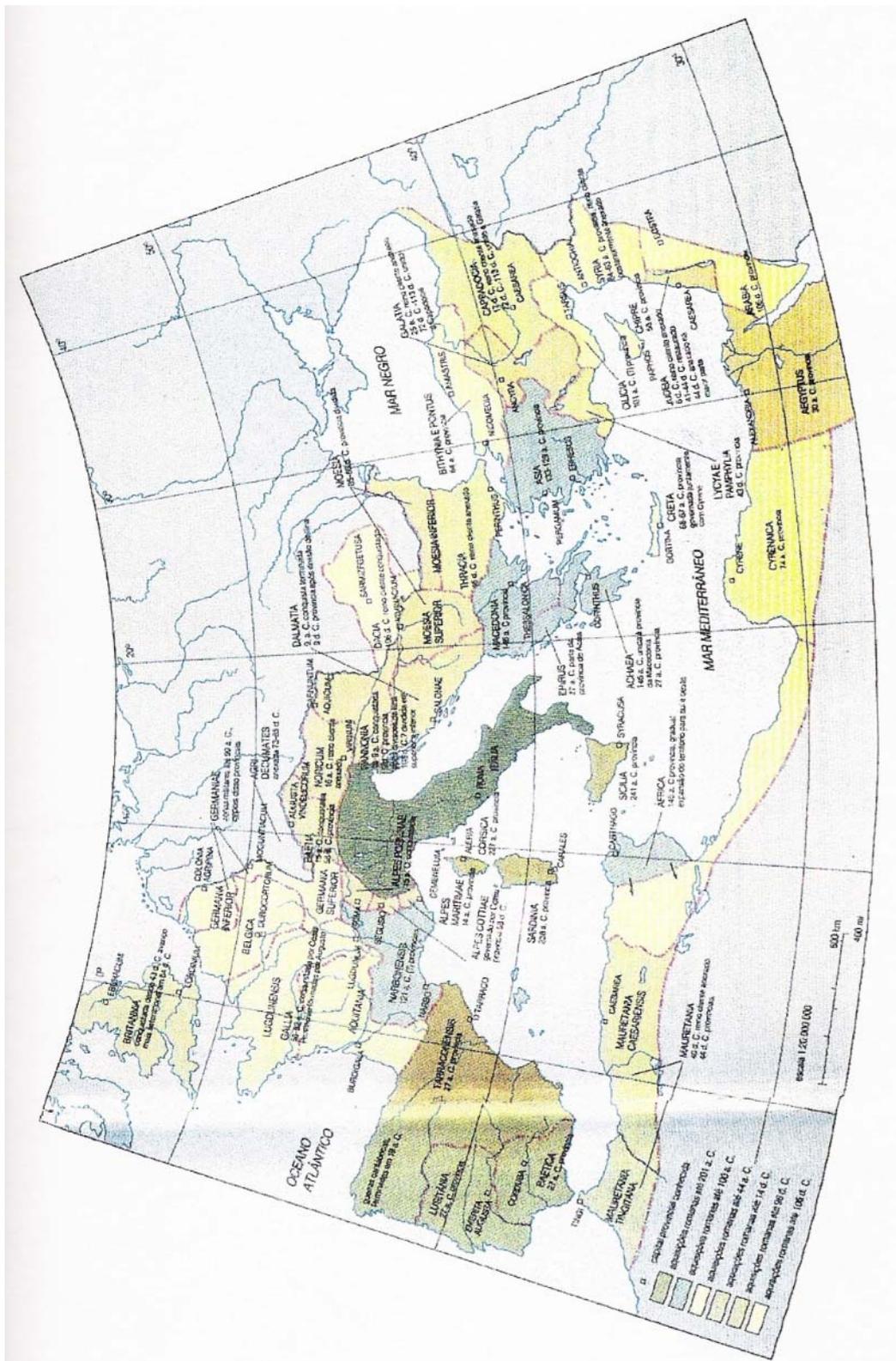


Figura 1-1: O Império Romano no Século II d.C.

1.1 Judéia

A Judéia era uma região - que juntamente com poucas outras, como o Egito, por exemplo -, desde sempre foi portadora de uma singularidade, que a tornou um caso excepcional na relação de domínio de Roma sobre suas províncias, ou áreas a ela subordinadas. Tal especificidade revela-se em três diferentes níveis: o cronológico, o espacial e o etimológico.

No primeiro caso, trata-se de uma área já delimitada e reconhecida como unidade administrativa, cerca de meio milênio antes de Roma entrar no cenário mundial, sobretudo do Oriente, e que assim, cronologicamente já sobrevivera, até a época romana, ao domínio de três grandes Estados: o Império Persa Aquemênida e os Reinos Lágida e Selêucida. No segundo caso, espacialmente conseguiu manter seu território durante todo este período de tempo e, por fim, no terceiro caso, etimologicamente era profunda e ancestralmente ligada à população que majoritariamente a habitava de há muito: os judeus.

Cronologicamente, Judéia foi o nome do território ocupado pelos judeus, da segunda metade do século VI a.C. à primeira metade do século II d.C, que sucessivamente passou pelos domínios persa (538 - 331 a.C.), helenístico em três fases: macedônico (331 - 301 a.C.), da dinastia Lágida (301 -200 a.C.) e da dinastia selêucida (200 - 164 a.C.), judaico, dos irmãos Macabeus - Judas, Jônathas e Simão (164 - 142 a.C.) e sua descendente

dinastia dos Asmoneus (142 - 63 a.C.) e por fim romano indireto (63 a.C. - 6 d.C.) e direto (6 - 135 d.C.).⁹

Especialmente, Maurice Sartre¹⁰ revela que o termo Judéia é portador de dois sentidos: no estrito, ele se aplica à região de Jerusalém que separa a Samaria ao norte da Iduméia ao sul; no lato ele refere-se aos limites do reino de Herodes Magno, portanto abrangendo não só a Judéia propriamente dita, bem como a Samaria e a Galiléia. Logo, embora a extensão territorial da Judéia tenha variado ao longo dos períodos supra-elencados, levando-se em conta o sentido lato do termo, apresentado por Sartre, pode-se afirmar que aproximadamente a Judéia estendia-se em torno da estreita faixa de terra que tem como marco norte: o Mar da Galiléia; sul: o Mar Morto; leste: o Rio Jordão; e oeste: o Mar Mediterrâneo ()¹¹.

⁹ Utilizo as datas fornecidas por John Bright, in *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 488 e André Paul, in *O Judaísmo Tardio - História Política*. São Paulo: Paulinas, 1983, p.p. 22 - 62.

¹⁰ SARTRE, Maurice. *L'Orient Romain. Province et sociétés provinciales en Méditerranée Orientale d'Auguste aux Sévères (31 avant J.-C. - 235 après J.-C.)*. Paris: Éditions du Seuil, 1991, p. 357.

¹¹ Mapa extraído de BARNAVI, Élie.(dir.) *História Universal dos Judeus – Da Gênese ao Fim do Século XX*. Coordenação de Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Cejup, 1995, p.49.

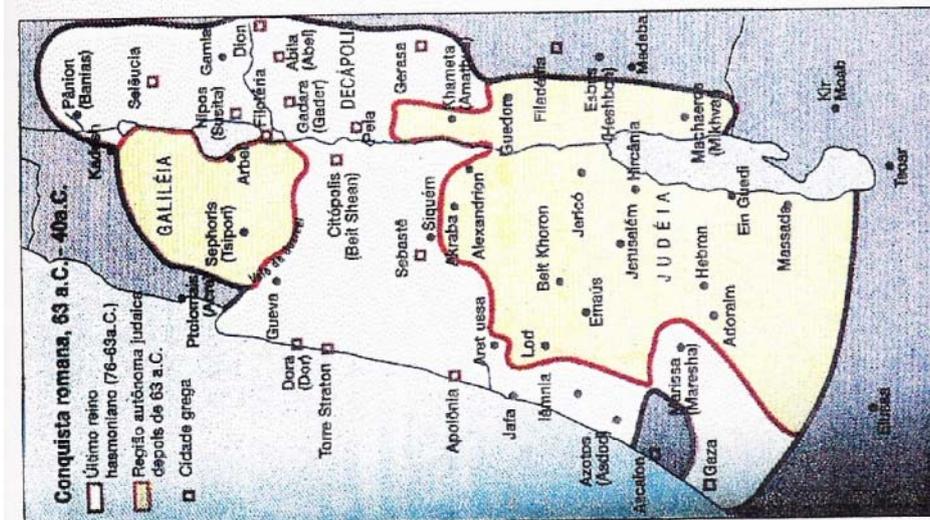
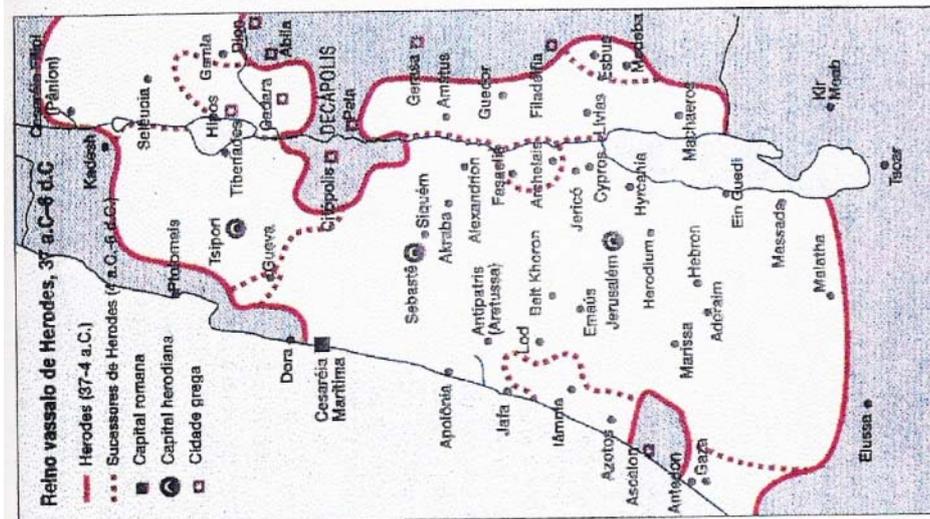
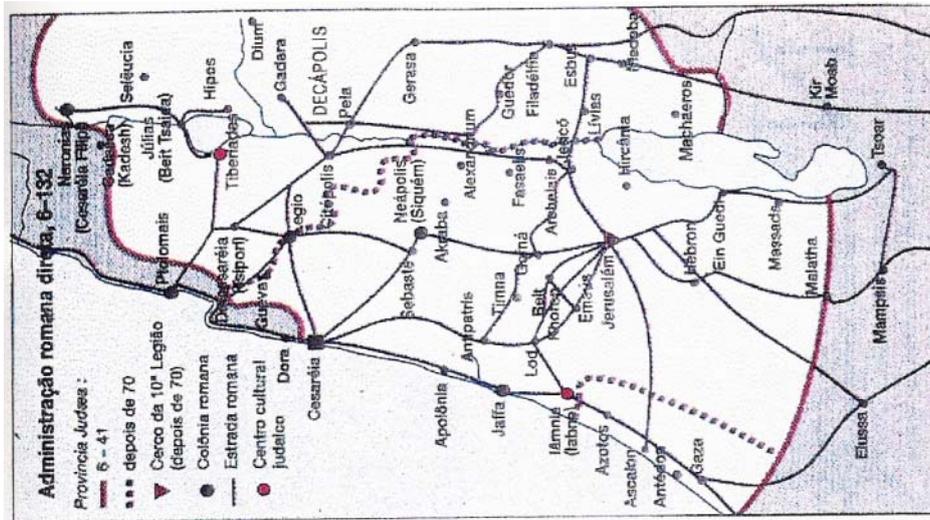


Figura 1-2: A Judéia (amplo sentido) sob domínio romano (63 a.C.–132 d.C.).

A etimologia mostra a grande importância do termo Judéia, dentro do contexto da civilização judaica na Antigüidade. Como afirma André Paul¹² para persas, gregos e romanos a *Judéia* era uma unidade geográfica ou administrativa, nunca religiosa. Entretanto, devido exatamente a sua etimologia, tal nome era portador, para os judeus, de um valor quase patronímico, visto que estava diretamente vinculado a Judah, filho de Jacó - ou Israel -, logo bisneto de Abraão, considerado pela tradição judaica como o primeiro patriarca hebreu. De fato, em hebraico, a palavra יהודה, cuja transliteração é - *Iehudah*, traduz-se por *Judah* ou *Judéia*.

Em grego, o mesmo autor¹³ esclarece que a palavra *I*oudaiva* - *ioudaía* - que era o feminino de *I*oudai~oY* - *ioudaios* - judeu, era adjetivada e vinculava-se ao termo *gh~* - *gê* - terra, país ou *cwvra* - *chóra* - lugar, território, região, país, em geral zona rural¹⁴. Posteriormente transformou-se em substantivo, assim **Ioudaiva Ioudaía* significava Judéia. Em latim, a expressão *Iudaea* - *Judéia* está vinculada àquele que é ancestralmente seu principal habitante, o *iudaeus* - *judeu*.

¹² PAUL, André. *O Judaísmo Tardio - História Política*. São Paulo: Paulinas, 1983, p.p.94-96.

¹³ Idem.

¹⁴ LIDDEL and SCOTT'S. *An Intermediate Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 898.

André Paul¹⁵ resume esta questão dos nomes *Judeu e Judéia*, de forma bastante didática e sucinta, valendo a pena, portanto, transcrever parte de seu texto¹⁶, assim:

“O termo “judeu” vem do latim *judaeus*, tradução do grego *ioudaïos* {*I*oudai~o Y#*}, que, por sua vez, é a transliteração mais ou menos estrita do hebraico *yehudi* {יהודי} (plural, *yehudim* {יהודים}) (...). Adjetivo, depois substantivo, este termo tem por base primeira o hebraico *yehudah* {יהודה} (em aramaico *yehud* {יהוד}; em grego *Iouda*{ **Iouda* } ou *Ioudaía* { **Ioudaiva* }; em latim *Judaea*; em português “Judéia”), nome do antigo reino do Sul, chamado “Judá”.

Já na época do primeiro Templo, de 940 a 587 a.C., o termo hebraico *yehudim* {יהודים}, “judeus”, designava os originários do reino de Judá (...). Em seguida, “judeu” foi aplicado ao povo de Israel em seu todo. Além disso, depois do exílio assírio, quando aquilo que restava de Israel estava concentrado em Judá, “judeu”(yehudi) {יהודי} era sinônimo de “israelita”{(israeli) - ישראלי } ou de “hebreu”{(ivri) - ברי-ע}”

1.2 Teoria Pós-Colonial

Como um dos alicerces teóricos deste *Capítulo Primeiro*, lanço mão de três artigos produzidos na esteira de um simpósio realizado em novembro de 1994, na Universidade de Leicester - Reino Unido, cujo resultado foi a publicação da obra *Imperialismo Romano: Perspectivas Pós-Coloniais*¹⁷, que reuniu eruditos de vários campos profissionais

¹⁵ PAUL, André. *Op.cit.*, p. 87.

¹⁶ As palavras dentro de chaves, em caracteres gregos e hebraicos foram por mim inseridas no texto ora transcrito.

¹⁷ WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds). *Roman Imperialism: Post - Colonial Perspectives*. Leicester: School of Archaeological Studies - University of Leicester, 1996.

intimamente vinculados à Antigüidade, tais como Arqueologia Romana, História Antiga e Estudos Clássicos, cujo principal objetivo foi realizar o debate de temas centrais da teoria pós-colonial e sua íntima conexão na análise do Império Romano

Desta forma, de Jane Webster, “Imperialismo Romano e a “Idade Pós-Imperial””, extrai-se a definição de teoria Pós-Colonial; de Simon Clarke, “Aculturação e Continuidade: Reavaliando o Significado da Romanização no Interior de Gloucester e Cirencester”, obtém-se a conceituação de Romanização e uma avaliação do caso da Britânia¹⁸. Romana; e por fim de Richard Hingley, “O “Legado” de Roma: a Ascensão, Declínio e Queda da Teoria da Romanização”, retoma-se o conceito de Romanização, adicionando-se, ainda, propostas sobre assimilação e aculturação, bem como oposição e resistência. Obviamente, todos estes artigos ilustram a questão da alteridade no contato romano-provincial.

Pelo acima exposto é possível detectar-se que tais escritos utilizam como estudo de caso, regiões colonizadas por Roma na porção ocidental de seu Império: sobretudo a Britânia. Entretanto, como região a ser confrontada com as teorias acima apontadas, minha pesquisa opera não com uma província do Ocidente, mas ao contrário, uma área que se localizava na porção extremo-oriental do Império e cuja população majoritária guardava, desde muitos séculos antes da entrada de Roma no cenário mundial, uma identidade

¹⁸ O termo aqui, em português, refere-se a *Britannia Romana*, hoje Inglaterra e País de Gales.

bastante específica. Por esta razão, a singularidade da Judéia - já amplamente comentada anteriormente - torna seu estudo de caso uma referência sem igual dentro do contexto do Império Romano.

Segundo Jane Webster¹⁹ a teoria pós-colonial pesquisa a política cultural colonial, tendo como meta produzir uma nova história, descentralizando as versões elaboradas pelo Ocidente. Esta teoria formou-se nos anos 70 do século XX, a partir dos movimentos nativistas, que floresceram nos países pré ou recém independentes, e da análise do discurso colonial, isto é, de textos produzidos pelo Ocidente a propósito dos países colonizados. O embrião desta teoria, para Robert Young²⁰, bem como para muitos outros eruditos, foi a obra de Franz Fanon “*O Miserável da Terra*”, de 1961, um estudo que se constituía em manifesto revolucionário pela descolonização e também em uma reflexão primeira dos efeitos que o colonialismo legou aos povos colonizados e suas culturas.

Ainda, de acordo com Jane Webster²¹, a teoria pós-colonial não se traduz por um bloco homogêneo, sendo detentora, contudo, de algumas propostas centrais como: a) condenar a dominação do que se entende por “*centro*” - ou seja, o colonizador -, e

¹⁹ WEBSTER, Jane. “Roman Imperialism and the “Post Imperial Age”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds.), *Op.cit.* p.p. 6-8.

²⁰ YOUNG, Robert. *White Mythologies. Writing History and the West.* APUD WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op.cit.* p.p.6-8.

²¹ WEBSTER, Jane. “Roman Imperialism and the “Post Imperial Age”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds.), *Op.cit.* p.p.6-8.

promover a história do que se considera as “*margens*” - isto é, os colonizados -, incluindo aí suas formas de resistência ativa e passiva; b) desconstruir as oposições por meio das quais o Ocidente definiu-se a si mesmo e classificou o outro, criando modelos binários, tais como “*eu / outro*”, “*metrópole / colônia*”, “*centro / periferia*”, segundo sugeriu Mc Clintock²²; c) criticar o chamado imperialismo de representação, quer dizer, a relação entre poder e conhecimento no ato de elaboração do outro em um contexto colonial. Emergiu daí a análise do discurso colonial - também chamada teoria do discurso colonial, melhor apresentada no *Capítulo Terceiro*.

1.3 Romanização - Aculturação e Assimilação

Martin Millet²³ afirma que o conceito de romanização continua a ser essencial para as relações sociais no corpo do Império Romano. Simon Clarke²⁴ lembra que tal conceito

²² Mc CLINTOCK, A. “The Angel of Progress: pitfalls of the term “post-colonialism”, APUD WEBSTER, Jane “Roman Imperialism and the “Post Imperial Age” ”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op.cit.* p.p. 6-8.

²³ MILLET, Martin. *The Romanization of Britain. An Essay in Archaeological Interpretation*. Cambridge, 1990, APUD CLARKE, Simon. “Acculturation and Continuity: Re-assessing the Significance of Romanization in the Hinterlands of Gloucester and Cirencester”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* p. 71.

²⁴ CLARKE, Simon. “Acculturation and Continuity: Re-assessing the Significance of Romanization in the Hinterlands of Gloucester and Cirencester”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* . p. 71.

foi pela primeira vez elaborado por Haverfield²⁵ em 1912, quando ele sugeriu a existência de um processo, por meio do qual, a cultura nativa lentamente tornava-se parecida com a de Roma. Naquela época, no entender de Clarke²⁶, tal modelo foi um grande passo nas reflexões acadêmicas, já que pela primeira vez a seqüência dos fatos ocorridos na Britânia Romana não foi entendida como conseqüência da imigração de pessoas vindas do Mediterrâneo, mas, na verdade, como resultado das adaptações ocorridas junto aos nativos bretões.

Arqueologicamente, afirma este mesmo autor, na Britânia Romana, o processo de romanização manifestou-se pelas grandes mudanças que se observaram na cultura material local, sobretudo nos utensílios e na arquitetura, ocorrendo ainda uma alteração na estrutura da própria sociedade.

No tocante à Judéia, no início do período romano de sua história, pode-se igualmente detectar vários traços de modificação de sua cultura material, revelando-se a presença de aspectos da cultura ocidental, inicialmente trazida pela helenização e cuja continuidade foi

²⁵ HAVERFIELD, FJ. *The Romanization of Britain*. (2ª ed.). Oxford, 1912, APUD CLARKE, Simon. “Acculturation and Continuity: Re-assessing the Significance of Romanization in the Hinterlands of Gloucester and Cirencester”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* . p. 71

²⁶ CLARKE, Simon. “Acculturation and Continuity: Re-assessing the Significance of Romanization in the Hinterlands of Gloucester and Cirencester”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* . p. 71.

assegurada pela romanização. Segundo informam Jonathan Tubb e Rupert Chapman²⁷, as pesquisas arqueológicas em Israel e na Palestina têm demonstrado alterações ocorridas no contexto do processo de helenização, como se vê de cidades e vilas que foram edificadas ou restauradas sob linhas arquitetônicas de influência grega. No espaço de tempo em que os judeus obtiveram independência política entre o domínio selêucida e o romano, isto é, durante os anos da dinastia dos Asmoneus (142 - 37 a.C.), a helenização foi ameaçada, mas não se diluiu, ao contrário preservou-se e ampliou-se graças à entrada definitiva dos romanos na cena judaica. De qualquer forma as construções helenísticas foram sobrepostas pelas romanas.

Herodes Magno, o idumeu judaizado e Rei de toda a Judéia - lato sensu, um reino cliente (*Figura 1-2*) -, era um líder fantoche nas mãos de Roma e exemplo da parcial aculturação da elite local. Durante seu razoavelmente longo reinado (37 - 4 a.C.), ele foi o responsável pelas mais notáveis obras de arquitetura realizadas no início do período em que a romanização começou a fazer efeito na Judéia. Tal era o grau de influência romana sobre o rei, que os nomes por ele dados, a prédios novos e a cidades que foram ampliadas e restauradas, edificações vinculadas à vida política local, receberam nomes em homenagem aos dois maiores líderes romanos do período.

²⁷ TUBB, Jonathan N. e CHAPMAN, Rupert L. *Archaeology and the Bible*. London: British Museum Publications Ltd., 1990.

Inicialmente ao construir a Fortaleza e a Torre, vizinhas à área do Templo de Jerusalém, e que ao tempo da administração direta romana (6 - 41 e 44-66 d.C.²⁸) era o local de onde o Procurador espreitava a movimentação dos judeus na Esplanada do Templo, sobretudo quando das grandes festas de peregrinação de seu calendário²⁹, Herodes nomeou-as Antônia, em honra a Marco Antônio, a quem o rei apoiou até sua derrota em Ácio, no final do verão de 31 a.C.

Em seguida, sendo forte aliado de Otávio, pode-se apontar, de acordo com André Paul³⁰ a ampliação de duas antigas cidades: Samaria e Torre Straton, cujos novos nomes eram uma homenagem a Otávio, na verdade ao então imperador, entitulado Augusto. Samaria passou a se chamar Sebaste - em grego Σεβαστοῦ - *Sebastós* - que significa “*Reverenciado, Augusto*”, inaugurada por volta de 25 a.C., e, Torre Straton recebeu o novo nome de Cesaréia, em honra a Augusto César e inaugurada em 13 a.C. e que durante as seis décadas de administração direta, era o local de residência permanente dos Prefeitos

²⁸ O domínio romano volta a ser indireto após a Judéia tornar-se parte subordinada da Província da Síria (ano 6 d.C.), excepcionalmente durante o curto reinado de Agripa I(41 - 44) , quando então o domínio direto recomeça até a guerra de 66 - 73 d.C.

²⁹ As três grandes festas religiosas do calendário judaico são Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos, festas de peregrinação ao Templo de Jerusalém, para a oferta de sacrifícios. Todas as três estão vinculadas ao episódio do Êxodo, bem como ao ano agrícola.

³⁰ PAUL, André. *Op. cit.*, p.p. 228-229.

e Procuradores, sendo ainda em período posterior a capital das Palestinas Romana e Bizantina.

Em Cesaréia, Herodes determinou a construção de um porto, que era considerado maior que o Pireu de Atenas e ao qual denominou porto Sebaste - do grego *SebastovY limhvn* - *Sebastós limén*, ou seja porto Augusto. Para que se pudesse distingüí-la de outra localidade homônima, no caso Cesaréia de Felipe, a antiga Torre Straton às margens do Mediterrâneo, e por essa razão, era também chamada de Cesaréia Marítima, ou Cesaréia de Straton e mais tarde de Cesaréia da Palestina.

De acordo com Peter Connolly³¹, Cesaréia Marítima representava um forte elo entre Herodes e o mundo greco-romano, os judeus eram minoritários na cidade, nela havia um templo dedicado a Augusto e a mesma era detentora de todo o tipo de edificações para entretenimentos de molde da cultura clássica ocidental, como teatro, anfiteatro, estádio e termas públicas. Era uma cidade gentia, de claras linhas arquitetônicas greco-romanas. Entretanto, nem todas as edificações lançadas por Herodes eram voltadas para a cultura clássica ou se constituíam em produtos da romanização da Judéia.

O grande exemplo encontrava-se na cidade de Jerusalém, seu Templo - em hebraico בית-המקדש - *Beit Ha-Mikdash* - maior instituição judaica na época romana e símbolo da

³¹ CONNOLLY, Peter. *A Vida no Tempo de Jesus de Nazaré*. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 1988, p.p. 32-33.

resistência local, no caso passiva, uma vez que sua própria existência demonstrava a força que o judaísmo, em plena atividade, tinha como poder bloqueador do desenvolvimento do processo de aculturação - romanização plena da Judéia.

O rei tratou de ampliá-lo e embelezá-lo, uma vez que o modesto prédio do Templo, até então edificado, havia sido construído no início do período persa - pós-exílico, e inaugurado em 516 a.C., no local do antigo Templo de Salomão, destruído por ordem de Nabucodonosor em 587 a.C. As reformas ordenadas por Herodes iniciaram-se em 20 a.C. e já no ano seguinte os cultos já se realizavam. As obras só foram concluídas em 64 d.C., quase sete décadas após sua morte em 4 a.C. e apenas dois anos antes da deflagração da 1ª Guerra Judaica contra Roma e seis antes de sua total destruição a mando de Tito, que comandou os exércitos romanos que saquearam Jerusalém no verão do ano 70 d.C.

Ainda, levando-se em conta as considerações de Peter Connolly³² bem como as informações contidas na Enciclopédia Ilustrada da Bíblia³³, em seu livro sobre arqueologia do Novo Testamento, pode-se apontar que a maioria das residências de Jerusalém do tempo de Herodes Magno, portanto da Judéia Romana, possuíam banheiros onde se podia praticar o מִקְוֵה - *mikveh* - banho ritual por imersão, para purificação, segundo as normas judaicas.

³² Idem.

³³ ALEXANDER, Pat. (dir.) *Enciclopédia Ilustrada da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 76.

Como esclarece Alan Unterman³⁴ a palavra hebraica מִקְוֵה - *mikveh*, significa “reunião”, *ajuntamento*” e trata-se de uma piscina cuja água tem origem pluvial ou vem de uma fonte, água esta utilizada no ritual de purificação - ablução. No período da existência do Templo em Jerusalém - portanto anterior a 70 d.C.- , o מִקְוֵה - *mikveh* era o responsável pela remoção de muitas impurezas e era utilizado sobretudo na conversão de prosélitos ao judaísmo - que influenciou o batismo cristão, na origem -, e na purificação de utensílios de cozinha de procedência gentia antes do preparo de alimentos.

Entretanto, segundo Connolly e a Enciclopédia da Bíblia - no setor de Arqueologia, retrocitados, foram também encontradas em residências de pessoas ricas desta mesma cidade, tigelas e taças de pedra, não sujeitas a estas mesmas leis de purificação ritual, o que indica que ao menos parte da aristocracia pouco se preocupava com as tradições locais e portanto aculturava-se.

Retomando Simon Clarke³⁵ e sua abordagem sobre a romanização da Britânia, o autor enfatiza que tal processo ali produzira a adoção de novos padrões de comportamento, destacando o desenvolvimento de um novo sistema econômico, fundamentado no comércio e na utilização de moedas.

³⁴ UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Tradução de Paulo Geiger. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor, 1997, p.*Op. cit.*. p. 175.

No tocante à Judéia, o uso de moeda, inclusive de cunhagem local, é atestado desde o período persa, portanto pelo menos quatro séculos antes de Roma conquistá-la. Com base na análise de Hans Kippenberg³⁶ a existência e a expansão do uso da moeda traduziram-se por uma novidade para a economia da Judéia e serve como um dos marcos divisórios entre a época do domínio persa e tempos anteriores. Antes mesmo da utilização da moeda, já era prática na região o uso do ouro e da prata nas transações comerciais, metais estes que eram avaliados - pesados, a partir do método sumério-babilônico - *sekel*. As dracmas persas de ouro foram as primeiras moedas a que a תנך - Tanach - *a Bíblia Hebraica* faz referência, no caso no Livro de Neemias - Ne 7,70-72. Paralelamente a estas, durante a época de domínio persa, com base na arqueologia, eram correntes na Judéia as moedas de prata de Atenas. Contudo, o mais relevante é o fato de que as províncias do Império Aquemênida tinham liberdade em cunhar suas próprias moedas, assim, no caso da Judéia, pode-se apontar as moedas יהוד - *Yehud*, que eram de prata, pesavam 2,08 g cada, e eram apropriadas para o pagamento de tributos aos persas.

³⁵ CLARKE, Simon. “Acculturation and Continuity: Re-assessing the Significance of Romanization in the Hinterlands of Gloucester and Cirencester”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* p. 71.

³⁶ KIPPENBERG, Hans G. *Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia*. São Paulo: Paulinas, 1988, p.p. 46 - 47.

Richard Hingley³⁷ lembra que as abordagens da nova geração de romanistas, formados durante e a partir do declínio do Império Britânico, tais como Millet, Jones, Wolf e Hanson, apontam que a romanização não é mais encarada como progresso social, porém mais como aculturação, ou seja, pela adoção da cultura romana, por parte das sociedades nativas, em um processo de assimilação. Na verdade, esta adoção sofreu modificações por parte dos grupos indígenas. Millet³⁸ argumentou que nas províncias do Ocidente, a elite local apropriou-se de símbolos materiais romanos, com o objetivo de reforçar sua posição social, estabelecendo uma identidade com Roma.

Na Judéia, é verdade que ao menos parte da elite se aculturou, em especial o Rei Herodes Magno, o que se explica não apenas por sua paixão pela cultura de Roma, como também e principalmente pelo poder que esta lhe assegurava. Entretanto, apesar de Roma igualmente ter apoiado politicamente os sumo-sacerdotes, líderes de há muito na Judéia e também durante a época dos Prefeitos e Procuradores, não se pode dizer que estes tenham se aculturado nas proporções de Herodes, porque por sua própria função religiosa, deveriam manter-se fiéis ao judaísmo.

³⁷ HINGLEY, Richard. “The “legacy” of Rome: the rise, decline, and fall of the theory of Romanization”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* p.p. 39-43.

³⁸ MILLET, M. “Romanization: historical issues and archaeological interpretations “, in BLAGG, T. e MILLET, M. (eds.) *The Early Roman Empire in the West*. Oxford, 1990, APUD HINGLEY, Richard. “The “legacy” of Rome: the rise, decline, and fall of the theory of Romanization”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* p.p. 39-43.

Contudo, em recente artigo, Carsten Peter Thiede³⁹, diretor do Instituto de Pesquisas Científicas de Pederborn, afirma que o arqueólogo Zvi Greenhut encontrou o túmulo da família de Caifás - sumo sacerdote no momento da prisão de Jesus de Nazaré, segundo relatam os Evangelho de João 18, 13, e de Mateus, 26, 57. O túmulo está localizado em Talpiot leste, à sudeste de Jerusalém. Dentro dele encontrou-se um ossário adornado, com a epígrafe “*Joseph bar Kaiaphas*”⁴⁰ e segundo Thiede, pertence ao próprio Caifás citado no Novo Testamento. Igualmente, foi encontrado no mesmo local, em um recipiente menor, o crânio de outro familiar, uma mulher, de nome Miriam, de acordo com a epígrafe. Sob o palato havia uma moeda do Rei Herodes Agripa I, que reinou entre 41 e 44. Tal atitude, como explica Thiede, era um costume pagão, vinculado à mitologia grega, uma vez que a moeda teria como finalidade pagar ao barqueiro dos mortos a travessia para outro mundo.

³⁹ THIEDE, Carsten Peter. “Nos Passos de Jesus de Nazaré”, in *Revista 30Dias* - nº 8 - setembro de 1993.

⁴⁰ José, filho de Kaifás, em aramaico.

1.4 O Poder Político Romano sobre a Judéia: (*Quadro 1-1*)⁴¹

TEMPO DE REINADO DOS PRÍNCIPES (IMPERADORES) ROMANOS		
Em comparação com as datas dos Chefes de Prefeitura/Procuradores da Judéia, Samaria e Iduméia		
OTÁVIO AUGUSTO 31 a.C. (batalha de Accio) 27 a.C. (adota o título de Augusto) 14 A.D. (morte)	(Chefes de Prefeitura)	
	{ Copônio	6-9 A.D.
	{ M. Ambívio	9-12 (?)
	{ Anio Rufo	12-15 (?)
TIBÉRIO 14-37	{ Valério Crato	15-26
	{ Pôncio Pilatos	26-36
	{ Marcelo	36-37
CAIO (CALÍGULA) 37-41	Marulo	37-41 (?)
CLAUDIO 41-54	(Reinado de Agripa I sobre o restaurado reino dos judeus, 41-44)	
	(Procuradores)	
	{ C. Cuspio Fado	44-46
	{ Tibério Julio Alexandre	46-48
	{ Ventídio Cumano	48-52
NERO 54-68	M. Antônio Felix	52-60 (?)
	Porcio Festo	60-62 (?)
	Lucio Albino	62-64
	Cessio Floro	64-66
GALBA, OTÔNIO, VITÉLIO (todos em 69)	{ Revolta Judaica	66-70
VESPASIANO 69-79		

Quadro 1-1: Imperadores Romanos / Prefeitos e Procuradores Romanos da Judéia (de Augusto à Vespasiano - séculos I a.C. - I d.C.)

Martin Millet⁴² afirma que:

⁴¹ Quadro extraído de MEIER, John P. *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus Histórico.*

“O Império Romano, (...) como muito Impérios posteriores, administrou suas províncias, não através de coerção, mas por meio da cooperação das elites nativas.”

Hingley⁴³ defende que a administração provincial assumiu o controle da organização nativa que pré-existia à chegada de Roma, sempre que possível, visando estruturar as novas províncias, cooptando para tanto a elite local, no sentido de manejar os novos *civitates*, efetuar a coleta de tributos e dirigir o conselho local, como reforçam Garnsey⁴⁴ e Saller⁴⁵. Compartilhando deste argumento, Maurice Sartre⁴⁶ diz que na Judéia, como em todas as

Tradução de Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 430.

⁴² MILLET, Martin. “Romanization: historical issues and archaeological interpretations”, in BLAGG, T. e MILLET, M (eds.) *The Early Roman Empire in the West*. Oxford, 1990 e MILLET, Martin. *The Romanization of Britain. An Essay in Archaeological Interpretation*. Cambridge, 1990, APUD WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.*, p. 8.

⁴³ HINGLEY, Richard. “The “legacy” of Rome: the rise, decline, and fall of the theory of Romanization”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* p.p. 39-43.

⁴⁴ GARNSEY, P. “Rome’s African Empire under the Principate”, in GARNSEY, P. e WHITTAKER, C. (eds.) *Imperialism in the Ancient World*. Cambridge, 1978, e GARNSEY P. e SALLER R. *The Roman Empire: economy, society and culture*. London, 1987, APUD HINGLEY, Richard. “The “legacy” of Rome: the rise, decline, and fall of the theory of Romanization”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* p.p. 39-43.

⁴⁵ SALLER R. e GARNSEY P. *The Roman Empire: economy, society and culture*. London, 1987, APUD HINGLEY, Richard. “The “legacy” of Rome: the rise, decline, and fall of the theory of Romanization”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* p.p. 39-43.

⁴⁶ SARTRE, Maurice. *Op.cit.*

regiões, Roma buscava o apoio das instituições existentes nas comunidades nativas e contava com a elite local para mantê-las em atividade. Ainda com referência à Judéia, Martin Goodman⁴⁷ reafirma tal proposta, relatando ser uma prática comum de Roma, no momento da criação e conseqüente incorporação de uma nova província ao Império, manter sem alterações as instituições locais já existentes, bem como apoiar as lideranças nativas que já controlavam a região - só as tirando do poder em casos extremos. Acrescenta ainda o mesmo autor, que por sua atuação a serviço de Roma, as aristocracias nativas podiam em geral contar em receber o apoio romano a seu prestígio local, e ainda obter vantagens com a coleta de impostos e a concessão da cidadania romana.

Como então, Roma interagiu com a elite e as instituições judaicas? Para responder tal indagação, é necessário que se perceba quem eram os notáveis, ou seja, como era formada a elite e ainda quais eram as instituições existentes na Judéia no momento da interferência romana com a chegada de Pompeu em 63 a.C. e que se prolongaram pela segunda metade do século I a.C. e pelas seis primeiras décadas do século I d.C. Para tanto torna-se conveniente uma rápida apresentação do poder local desde o período persa, quando já se pode utilizar o termo *Judéia*, até a época romana.

⁴⁷ GOODMAN, Martin. *A Classe Dirigente da Judéia. As Origens da Revolta Judaica contra Roma, 66 - 70 d.C.* Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 41.

1.4.1 O Poder Político na Judéia antes de Roma:

Martin Goodman⁴⁸ de forma sucinta informa que com o apoio dado pelo Rei aquemênida Ciro, os judeus iniciaram a reimplantação de sua vida nacional nas terras do antigo Reino de Judá, destruído meio século antes pelos babilônicos, que por sua vez foram derrotados pelos persas. Desta forma, no início do período de dominação persa - fins do séc. VI a fins do século IV a.C. - o Templo de Jerusalém - de Salomão - destruído no verão de 587 a.C., quando da queda de Jerusalém frente às tropas de Nabucodonosor -, foi reerguido e reinaugurado no ano 516 a.C.

Por essa razão, o elemento da sociedade local, que mais se vinculava ao Templo - no caso o Sumo Sacerdote - foi identificado e aceito pelos Aquemênidas, como o líder da comunidade judaica, que assim, ao fim da dominação persa, encontrava-se relativamente em posição de razoável autonomia, sobretudo no tocante à religião, tendo como centro o Templo de Jerusalém e a figura do sumo sacerdote. Aliás, em 70 o fim do Templo e do sumo sacerdócio fecharam uma longa etapa de poder dentro da sociedade judaica, a época conhecida por período do Segundo Templo.

Durante a época helenística como lembra Goodman⁴⁹, (fins do séc. IV a meados do séc. II a.C.), seja sob o domínio Lágida, seja sob o Selêucida, os sumo sacerdotes

⁴⁸ Ibidem, p.p. 41-44.

⁴⁹, Ibidem, p.p. 41-44.

mantiveram-se como os governantes da Judéia. As mudanças no concernente aos dirigentes judeus só começaram a ocorrer no espaço de tempo entre o fim do domínio direto dos selêucidas e a chegada de Pompeu à Jerusalém, portanto entre 142 e 63 a.C.

Esta foi a época do auge do poder político dos asmoneus, sucessores dos irmãos macabeus - Judas, Jônathas e Simão - que - influenciados por seu pai Matatias - deflagraram a insurreição dos Macabeus e obtiveram a independência política da Judéia, quando então, o título de rei voltou àquelas terras, encarnado na pessoa do líder asmoneu Alexandre Janeu (103 - 76 a.C.). Assim, como conclui o mesmo autor, já se delineava a idéia de que a autoridade secular podia estar desvinculada do cargo de sumo sacerdote, informando que este era o quadro político que Pompeu, no caso Roma, encontrou ao chegar à Judéia.

1.4.2 O Poder Político na Judéia a partir da chegada de Roma:

Prosseguindo, o mesmo autor informa que em 67 a.C. , com a morte da rainha asmonéia Salomé Alexandra, seus filhos iniciaram uma forte disputa pelo trono. Hircano, o mais velho teve seu poder retirado por Aristóbulo. Pompeu interveio e reconduziu aquele a sua posição anterior de mando, contudo, apenas no tocante ao sumo sacerdócio, privando-o do título de rei. Assim, Hircano comandava Jerusalém sob taxaço e controle, ainda que indireto, romanos.

Aristóbulo e seu filho Alexandre perceberam a clara manobra romana, que esvaziava o poder dos asmoneus ao lhes conceder um papel unicamente religioso e se insurgiram. Na

verdade, os romanos observaram que seria mais seguro terem como aliados, dirigentes da Judéia, pessoas estranhas à dinastia asmonéia, como se vê da valorização que Júlio César dava à Antípater, o idumeu, conselheiro mais próximo de Hircano. Com o afastamento deste, feito prisioneiro dos partos, e com a morte de Antípater, seu filho Herodes foi declarado - pelo Senado Romano - rei da Judéia, cargo que exerceu de 37 a 4 a.C., quando faleceu.

Herodes, lembro, foi um soberano manipulado por Roma, inicialmente estando ligado e sendo admirador de Antônio, e após o episódio de Ácio, não por acaso, o vínculo e a admiração passaram à pessoa de Otávio, como já referido acima. Com a deposição do filho de Herodes, Arquelau (6 d.C.), que governou a Judéia por dez anos, após sua morte, o reino cliente da Judéia desapareceu, emergindo em seu lugar uma região administrativa subordinada à Província da Síria. Roma passou a exercer um controle, a partir do regime de administração direta, cristalizada pelo papel inicialmente dos prefeitos (6-41 d.C.) e após o breve reinado de Agripa I – neto de Herodes - (41-44 d.C.) dos procuradores (44-66 d.C.), entretanto, como ainda informa Goodman⁵⁰.a nível local Roma entregou o poder ao sumo sacerdote, que portanto mais uma vez voltava a ser - ainda que submetido a um Prefeito e depois a um Procurador -, a máxima liderança da Judéia, região sobre a qual, na prática, pode-se identificar três etapas nas quais se vê a gradativa e crescente interferência política romana, sempre buscando cooptar as elites nativas, reis ou sumo sacerdotes, e

⁵⁰ Ibidem, p.p. 53- 54.

tolerando a manutenção do funcionamento das duas principais instituições locais: o Templo - de importância não só religiosa, bem como política e econômica e o Sinédrio - conselho religioso e supremo, com funções jurídicas.

1.4.3 *As instituições político-religiosas da Judéia sob o domínio romano:*

De acordo uma vez mais com Alan Unterman⁵¹ o Templo, em hebraico chama-se **בית המקדש** *beit ha-mikdash*, que significa “*casa do que vem do sagrado*”. Tratava-se de edifício central, localizado em Jerusalém, onde se realizavam os cultos do sacrifício, sendo que os sacerdotes e os levitas eram os responsáveis por seu zelo e manutenção. No local mais sagrado e interior do templo, o Santo dos Santos se encontrava a pedra fundamental sobre a qual esteve a Arca da Aliança - de Deus com os hebreus no Sinai, realizada por intermédio de Moisés. Os judeus deviam rasgar suas roupas no momento em que vissem o Templo pela primeira vez, ou passado um período de trinta dias e em cada lar judaico, parte de uma parede não devia ser decorada, em razão da destruição do Templo.

Ainda é Unterman⁵² quem disserta acerca do Sinédrio. A palavra hebraica **סנהדרין** - *Sanhedrin* vem da grega *sunevdriou* - *sunédriou*, que significa não só um corpo de homens reunidos em assembléia, um conselho, e mesmo o *Sanhedrin* Judaico. Tratava-se de um conselho religioso supremo, composto de 70 ou 71 anciãos, localizado no Monte

⁵¹ UNTERMAN, Alan. *Op.cit.*, p. 261.

⁵² *Ibidem*, p. 230.

do Templo, em Jerusalém. As questões mais importantes eram levadas ao grande Sinédrio, que também demarcava o calendário religioso. Em seu interior os juízes sentavam-se em semi-círculo ficando o presidente do tribunal ao centro. Após a destruição do Segundo Templo, o Sinédrio deslocou-se para Jabne / Jâmnia, - localidade que após a queda de Jerusalém em 70 d.C. garantiu a sobrevivência da cultura judaica, organizando, por exemplo o cânon definitivo encontrado no תנך *Tanach*, e daquela localidade, rumou para a Galiléia, onde no início do século V desapareceu.

1.4.4 Os Judeus e os Líderes Judaicos e Romanos da Judéia - Caifás e Pilatos:

Retomando a história política da Judéia Romana, em resumo, a primeira interferência ocorreu ainda através dos asmoneus, (63 - 37 a.C.), em especial em um primeiro momento na pessoa de Hircano e posteriormente na de seu conselheiro Antípater; a segunda com Herodes, o rei fantoche e seu filho Arquelau (37 a.C. - 6 d.C.), e a terceira por meio dos Prefeitos e Procuradores, apesar da autoridade nativa do Sumo Sacerdote (6 - 66 d.C.). A figura do rei, - surgida com Alexandre Janeu - no auge da dinastia asmonéia -, havia desaparecido com Herodes. Assim, o quadro de lideranças locais, de pessoas ou instituições modificava-se uma vez mais.

Como ensina o Professor *Ciro Cardoso*⁵³, em Jerusalém, a autoridade era representada pela figura do Sumo Sacerdote e pelo conselho / tribunal do Sinédrio. Entretanto, o prestígio daquele cargo vinha perdendo força, assim o Sumo Sacerdote já não exercia um poder vigoroso, nem representava a totalidade do povo judeu, sendo seu papel fundamentalmente religioso - comandando o Templo e jurídico - liderando o Sinédrio. Então, a falta de prestígio das instituições tradicionais não só em Jerusalém, como também em toda a Judéia, dava apoio às múltiplas interferências dos Procuradores romanos em todos os graus da vida desta região.

De fato, o processo de afastamento e descrédito da população judaica de seus líderes já se iniciara no período do reinado de Herodes Magno e se prolongou durante a época de controle direto dos Prefeitos e Procuradores até o início da guerra judaico-romana em 66. *Goodman*⁵⁴ informa que a maioria dos Sumo Sacerdotes nomeados por Herodes eram oriundos da Babilônia e de Alexandria, de famílias totalmente desvinculadas da política da Judéia. A partir do domínio direto romano, *Haim Cohn*⁵⁵ afirma que embora para os judeus os Sumos Sacerdotes devessem permanecer no posto vitaliciamente, os líderes

⁵³ *CARDOSO, Ciro Flamarion. Exemplos de Conflitos Políticos na Antigüidade. - Notas de aula da disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa em História Antiga e Medieval”, ministrada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, no primeiro semestre de 1997.*

⁵⁴ *GOODMAN, Martin. Op.cit., p. 52.*

romanos os nomearam e removeram sem respeitar tal regra, dando o exemplo de Valério Grácio ou Crato - Prefeito de 15 a 26 -, líder que segundo narra Josefo em :
**Ioudai>khV *Arcaiologiva - Ioudaiè Archaiología - Antigüidades Judaicas*
 nomeou e depôs quatro Sumos Sacerdotes, o último dos quais Caifás, que manteve-se no posto de 18 a 36.

No que concerne ao relacionamento entre as classes dirigentes judaica e romana na Judéia, em especial entre Caifás e Pôncio Pilatos, sucessor de Valério Grácio – ou Crato⁵⁶ - Cohn⁵⁷ informa que embora se considere que a permanência pacífica do primeiro como Sumo Sacerdote durante o governo do segundo tenha sido conseqüência da amizade entre ambos, o real motivo que explica o apoio de Pilatos à autoridade de Caifás até o fim de seu governo como Prefeito (Pilatos e Caifás perderam seus postos no ano 36) pode estar vinculado à compra do cargo de Sumo Sacerdote, uma vez que sabe-se que a nomeação para tal posto proporcionava uma receita privada lucrativa para os governantes romanos.

No que concerne à relação do povo judeu com a classe dirigente judaica, prossegue Cohn⁵⁸ afirmando que no período do domínio romano da Judéia poucas famílias estavam

⁵⁵ COHN, Haim. *O Julgamento e a Morte de Jesus*. Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 45.

⁵⁶ Ver quadro 1-1.

⁵⁷ COHN, Haim. *Op.cit.*, p.46.

⁵⁸, *Ibidem*.

ligadas ao Sumo Sacerdócio, sendo todas elas integrantes da aristocracia saducéia. O mesmo autor lembra que a população judaica não apenas odiava os romanos, bem como desaprovava e desprezava não apenas a dependência dos Sumos Sacerdotes perante os romanos, mas também a colaboração daqueles com estes. Martin Goodman⁵⁹ sustenta que a classe dirigente judaica por muitas vezes foi omissa apesar da injustiça dos governantes romanos e que estes líderes judeus faziam concessões já que seu poder dependia dos Prefeitos e Procuradores. Por esta razão, a população judaica não confiava em seus líderes e assim os judeus agiam em grupo em casos de extrema ameaça, como por exemplo quando Pilatos colocou as imagens de Tibério em Jerusalém.

É relevante, a meu juízo, que se mencione aqui, desde já, o **texto II** que se encontra adiante. Trata-se do caso acima lembrado por Goodman. O texto proveniente de *&Istoriva **Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY - Istoría Ioudaikou Polémou pròs Romaious - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* em momento algum cita a pessoa de Caifás, que, como já antes aqui registrado, foi o Sumo Sacerdote por todo o período do governo do Prefeito Pôncio Pilatos. Ora, se Josefo cita Caifás em : **Ioudai>khV *Arcailogiva - Ioudaikè Archaiología - Antigüidades Judaicas*, como também se registrou anteriormente, por que então o omitiu no fragmento que chamo **texto II** ? Certamente porque o Sumo Sacerdote nada fez, foi omissa e fez concessões a Pilatos, como de fato indicou Goodman acima.

⁵⁹ GOODMAN, Martin. *Op.cit.*, p. 56.

1.5 Resistência Passiva – o Poder do Judaísmo

Ainda, retomando a questão da romanização, Richard Hingley⁶⁰ afirma que para se ajustar às necessidades locais, sobretudo aquelas das elites nativas, conceitos foram adotados ou sofreram adaptações. Tal proposta é perfeitamente aplicável, no concernente à Judéia, não apenas com relação à elite, mas também à toda a população, como se deduz de uma série de práticas judaicas, que foram mantidas, porque toleradas por Roma.

Tais práticas foram chamadas por Sartre⁶¹ de “liberdades judaicas”. Para a Judéia, este autor aponta que, no concernente ao respeito dos direitos locais, Roma reconhecia a **ה תורה** - *Torah* como a lei dos judeus, de base religiosa. Assim, por exemplo, devido a uma série de restrições do judaísmo, no tocante à alimentação, à pureza ritual e à proibição de vínculo a outros cultos, seus seguidores eram isentados do serviço militar, pela impossibilidade de plena interação com os chamados pagãos. Porém, genericamente, todas as normas que os romanos respeitavam no tocante ao Templo, à cidade de Jerusalém, aos livros sagrados e às sinagogas, eram consequência do respeito pela **תורה** - *Torah*, que não só regia a vida religiosa, como também a civil, dos judeus, que eram portanto portadores de uma situação singular no seio das províncias orientais do Império.

⁶⁰ HINGLEY, Richard. “The “legacy” of Rome: the rise, decline and fall of the theory of Romanization”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.*, p.p. 39-42.

⁶¹ SARTRE, Maurice. *Op. cit.*, p.p. 364-365.

Aliás, a singularidade desta comunidade estava intimamente vinculada ao fato de que, ao contrário das grandes civilizações do Oriente, ela era basicamente identificada por uma questão religiosa: o monoteísmo. Alan Unterman⁶² esclarece que o nome do Deus judaico é formado por quatro letras - o Tetragrama - יהוה - *YHWH* e é impronunciável, utilizando-se em substituição o termo - *Adonai*, que significa *meu Senhor*. Ainda, igualmente ensina⁶³ que a palavra hebraica תורה - *Torah* significa “*ensinamento*”, sendo um dos principais conceitos do judaísmo, e pode ser entendida em sentido estrito como o ensinamento da חמש - *Chumash*, o *Pentateuco*, - sendo este o mais comum, outrossim pode ser compreendida como a תנך - *Tanach* - toda a *Bíblia Hebraica*, ou em sentido mais amplo ainda, pode significar toda a tradição judaica.

Lembra ainda Sartre⁶⁴, que as instituições básicas romanas, tais como o culto imperial, o desfile de insígnias militares e a nudez atlética não eram praticadas em Jerusalém, bem como era aceito que um judeu não fosse convocado perante as autoridades judaicas ou romanas durante o שבת - *Shabat*.

⁶² UNTERMAN, Alan. *Op.cit.*, p.262.

⁶³ Idem. *Op.cit.*, p.264.

⁶⁴ SARTRE, Maurice. *Op. cit.*, p.p. 364-365.

Segundo ensina Alan Unterman⁶⁵ a palavra *sinagoga* tem origem grega e não hebraica, porém em ambas as línguas tem significado praticamente igual, já que *sunagwghv* - *sunagogé* - *sinagoga* significa “*lugar de reunião*”, enquanto que **בית-הפנסת** - *beit ha-kenesset* significa “*casa de reunião*”, afirmando ainda que calcula-se que a sinagoga tenha tido seu nascimento como instituição, durante o exílio da Babilônia (século VI a.C.), portanto logo em seguida à destruição do Primeiro Templo, porém de acordo com a tradição judaica as sinagogas já existiriam desde a época dos Patriarcas, bem como do Êxodo (IIº milênio a.C.). De qualquer forma, no período pós-exílico, logo, a partir da época persa, passaram a conviver, em Jerusalém, com o Templo, agora o Segundo, contudo após a destruição deste no ano 70 d.C., ao final da primeira guerra judaico-romana, as sinagogas tornaram-se instituições por si mesmas, onde os judeus liam a **תורה** - *Torah*, oravam e tratavam de assuntos comunitários.

Segundo uma vez mais o ensinamento de Alan Unterman⁶⁶ o **שבת** - *Shabat*, que se inicia no anoitecer de sexta-feira e encerra-se no sábado à noite, é para os judeus o dia abençoado por seu Deus, que nele descansou dos esforços da Criação, ocorrida em seis dias, logo assim como Deus, o judeu deve descansar neste dia sagrado, evitando qualquer trabalho que represente a interferência do homem sobre a natureza.

⁶⁵ UNTERMAN, Alan. *Op. cit.*, p. 250.

⁶⁶ Idem, p. 237.

A liberdade garantida aos judeus, acima apresentada, ou em outras palavras, a preservação da prática de sua religião, representava uma forma de resistência passiva ao poder romano, pois tanto o poder político quanto o cultural de Roma sobre a Judéia eram, por causa do judaísmo, diminuídos. Veja-se que, sem partir para o confronto bélico, a comunidade judaica, sobretudo as classes inferiores, conseguia deter não apenas o avanço da romanização, ou seja, do domínio cultural do invasor, aculturação que de fato ocorria, como já visto entre ao menos parte da elite, bem como conseguia evitar o total domínio político do Império sobre seu território.

Se está correta a narrativa de Josefo sobre a chegada de Pompeu a Jerusalém em 63 a.C., então tem-se aí um exemplo de resistência passiva judaica face ao domínio romano, logo no primeiro contato diretamente travado entre Roma e Judéia. O texto a seguir⁶⁷ será seguido de um quadrado semiótico. Narra, pois, Josefo:

TEXTO I ⁶⁸

⁶⁷ JOSEFO, Flávio. *No Concernente à Guerra Judaica*. Livro I - 152-153.

⁶⁸ Todas as traduções de grego para português dos textos de Josefo e de Tucídides e todas as transliterações das palavras gregas para o alfabeto latino foram feitas pela Professora Doutora Sílvia Damasceno, de Língua e Literatura Gregas, do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“Nas calamidades até aquele momento, nada agrediu tanto a nação como o Templo, até então não visto, ter sido desvelado pelos estrangeiros. Pompeu, em companhia de seus seguidores, tendo, na verdade, entrado na parte mais sagrada do Templo, lugar em que somente ao Sumo Sacerdote era permitido entrar, contemplou os objetos do interior: o candelabro e luminárias, a mesa, os vasos para libação e incensórios, todos de ouro maciço, um acúmulo de fragrâncias e o depósito de dinheiro sagrado, que somava dois mil talentos. Ele (Pompeu), porém, não tocou nem nestes, nem em quaisquer outros dentre os tesouros do Templo, entretanto no dia seguinte à (sua) captura, ordenou aos guardiães purificar o Templo e dar prosseguimento aos sacrifícios, como de costume.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1⁶⁹ §§ 152-153.

S1

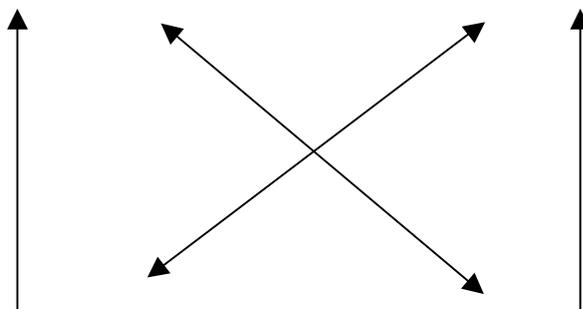
PROFANAÇÃO DO TEMPLO

“Pompeu, (...) tendo, na verdade, entrado na parte mais sagrada do Templo, lugar em que somente ao Sumo Sacerdote era permitido entrar, ...”

S2

FORTALECIMENTO DO JUDAÍSMO

“ ... no dia seguinte, ... ordenou aos guardiães purificar o Templo e dar prosseguimento aos sacrifícios, como de costume.”



⁶⁹ Livro.

-S2

ENFRAQUECIMENTO DO JUDAÍSMO

“Nas calamidades até aquele momento nada agrediu tanto a nação como o Templo, até então não visto, ter sido desvelado pelos estrangeiros.”

-S1

REVERÊNCIA AO TEMPLO

“Ele (Pompeu), porém, não tocou nem nestes, nem em quaisquer outros dentre os tesouros do Templo, ...”

O texto revela o primeiro contato direto - 63 a.C. de uma autoridade romana - Pompeu – com o espaço de culto mais importante para o judaísmo – o Templo de Jerusalém. Deste encontro, observa-se, a princípio, o desrespeito do comandante estrangeiro com o santuário, a profanação do Templo, por sua entrada no local mais sagrado e interno da edificação, o Santo dos Santos, recinto onde apenas a mais alta autoridade religiosa judaica, o Sumo Sacerdote, era permitida entrar. Tal ocorrência revela o enfraquecimento do judaísmo, uma vez que seu espaço cultural, segundo o autor, até então não visto, mostrou-se vulnerável, contudo logo a seguir ele relata que se fez presente a reverência ao Templo por Pompeu, já que este não tocou em seus tesouros e ainda mais mandou purificá-lo e restaurar seus cultos, o que significa o fortalecimento do judaísmo ao final deste episódio, fato que ilustra a redução da intensidade do domínio romano perante os judeus, por ação única do judaísmo, que saiu fortalecido do episódio e assim assegurou a preservação da atividade cultural local. A manutenção da prática religiosa dos judeus foi um forte ingrediente no processo de resistência deste povo face à dominação romana, no caso, de resistência passiva, uma vez que não houve necessidade de protestos para que Pompeu respeitasse o Templo e determinasse o reestabelecimento de seu culto.

No quadrado proposto para análise, a dêixis positiva encontra-se disforizada por palavras como “ *entrado lugar somente ao Sumo Sacerdote era permitido entrar*” que revelam a profanação do Templo e por expressões como “*Nas calamidades agrediu a nação Templo . desvelado pelos estrangeiros*”; que indicam o enfraquecimento do judaísmo. Em contrapartida a dêixis negativa é euforizada tanto por “ *não tocou em quaisquer tesouros do Templo,*” que mostram o respeito de Pompeu, sua reverência ao Templo, quanto por “*purificar o Templo e dar prosseguimento aos sacrifícios,*” que demonstram o fortalecimento do judaísmo.

O percurso proposto pelo autor é (S1 - -S1 – S2) , ou seja, parte da profanação do santuário, provocada pelo líder romano, passa por sua reverência a este prédio sagrado e por fim conduz ao fortalecimento do judaísmo, já revelando sua força e o papel que teria diante da dominação romana que então se iniciava. O percurso inverso (S2 - -S2 – S1), que parte do fortalecimento do judaísmo e passando por seu enfraquecimento chega à profanação de seu mais importante espaço cultural, é rejeitado pelo autor, visto que esta violação é desvalorizada por ele diante da reverência final.

1.6 Fenomenologia do Dissenso:

Uma vez que agora passarei a apresentar o quadro da resistência ativa judaica, julgo conveniente enquadrar tal processo dentro dos movimentos elencados por Giovanni

Bianchi e Renzo Salvi⁷⁰, no que concerne à fenomenologia do dissenso. São eles: a reivindicação; a revolta/rebelião; a oposição ao sistema constituído; a contestação e a secessão. Destes, os dois primeiros servem como base para as reflexões acerca da guerra judaico-romana de 66-73, exemplo maior da resistência ativa judaica contra Roma.

Segundo Gualberto Gualerni⁷¹ a reivindicação objetiva um maior grau de participação em determinado sistema, entretanto não questiona nem os valores, nem as instituições básicas da sociedade, e de acordo com Bianchi e Salvi a revolta ou rebelião é a expressão de grupos insatisfeitos.

Ora, uma vez que concordo com a teoria de Martin Goodman, como se verá a seguir, que sustenta que a classe dirigente judaica esteve desde sempre no comando da guerra contra Roma, e só com a sua participação ativa o conflito foi deflagrado, não posso deixar de perceber que neste episódio estão presentes os dois movimentos acima apontados, já que ao perder o apoio dos líderes romanos para governar a Judéia, a classe dirigente local não só tornou-se profundamente insatisfeita com esta situação, que lhe esvaziava o poder, bem como, ao promover a revolta, obviamente não questionava os valores, nem muito menos as instituições centrais de sua sociedade, pois é inconcebível que esta elite, ainda que

⁷⁰ BIANCHI, Giovanni e SALVI, Renzo. “Elementi di Sociologia Politica”, in MELOTTI, Umberto (org.) *Introduzione alla Sociologia*. Milão: Centro Studi Terzo Mondo, 1980, p. 194.

⁷¹ GUALERNI, Gualberto. “Tipologia del dissenso” APUD BIANCHI, Giovanni e SALVI, Renzo. “Elementi di Sociologia Politica”, in MELOTTI, Umberto (org.) *Op. cit.*, p. 194.

parcialmente sob os efeitos da romanização, pusesse em debate os ensinamentos da תורה

- *Torah* , portanto os valores de sua religião, bem como a importância do Templo e do Sinédrio, suas mais fortes instituições, que além do mais representavam o poder local.

1.7 A Superestrutura do Bloco Histórico:

Ainda, antes de passar à reflexão sobre a resistência ativa judaica face ao domínio romano, que é base da guerra judaico-romana, dentro da qual, por sua vez, emergiu a guerra civil judaica, julgo conveniente apresentar uma base teórica que dá sustentação não só à relação de Roma com suas províncias, bem como esclarece a posição que a classe dirigente judaica assumiu nos anos 60 do século I d.C., e que foi, a meu entendimento, concordando com Martin Goodman, como se verá, o maior símbolo deste tipo de resistência, uma vez que aí a guerra contra Roma começou. Trata-se da noção de Superestrutura do Bloco Histórico.

Hugues Portelli⁷² produziu importante obra que se refere aos *Quaderni della Carcere* - *Cadernos do Cárcere* de Antonio Gramsci e reúne suas idéias centrais acerca do conceito de Bloco Histórico, que segundo Portelli é considerado por muitos como o conceito-chave do pensamento de Gramsci. Lembra Portelli⁷³ que no Bloco Histórico há uma estrutura

⁷² PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

⁷³ Ibidem, p.p. 15, 19, 20, 30.

social bem como uma superestrutura ideológica e política, sendo esta última formada por dois elementos básicos, que se opõem: a *sociedade política* e a *sociedade civil*. Esta precisamente é definida por Gramsci nos *Quaderni - Cadernos* como “a hegemonia cultural e política de um grupo social sobre o conjunto da sociedade...”.

Por sua vez, a sociedade política tem algumas definições, também nos *Quaderni - Cadernos*, a saber: “Sociedade política ou Estado, que corresponde à (função de) ‘dominação direta’ ou de comando que se exprime no Estado ou no governo jurídico”; “Sociedade política ou ditadura, ou aparelho coercitivo...”; e “Governo político..., isto é, aparelho de coerção de Estado,...”. Portanto, como lembra Portelli⁷⁴ a definição gramscista de Estado é a seguinte: “Estado, isto é, sociedade civil mais sociedade política, hegemonia encouraçada de coerção.” Das definições de sociedade política, Portelli conclui que para Gramsci a obtenção do poder político leva ao controle da sociedade, lembrando ainda que a sociedade política exerce coerção, preserva a ordem, porém não apenas sob bases militares, mas também sob as leis e ainda indica Portelli que na prática Gramsci aponta que em situação excepcional a classe dirigente perdendo o domínio sobre a sociedade civil, ampara-se na sociedade política para preservar sua dominação.

⁷⁴ Ibidem, p.p. 35-36.

1.7.1 *No concernente à guerra judaico-romana:*

Refletindo não apenas acerca da relação político-cultural, que orientou a história do domínio do Estado romano sobre a Judéia, parte integrante do mesmo, bem como acerca da guerra judaico-romana, volto ao conceito de Estado para Gramsci, ou seja, “*sociedade civil mais sociedade política, hegemonia encouraçada de coerção*”. Roma, apesar de em geral propor-se a, no ato da dominação de uma província – no caso da Judéia, subordinada à Província da Síria, como se verá adiante – cooptar as elites locais evitando o uso da força, não segue tal postura na íntegra. Veja-se que é ela - Roma quem detém a hegemonia cultural e política no conjunto do Império, ainda que na Judéia isto ocorra em menor escala, e é ela quem possui o aparelho coercitivo, se assim não fosse a guerra judaico-romana teria sido um sucesso para os judeus.

Ademais, o caso de excepcionalidade lembrado por Gramsci quanto à classe dirigente, pode ser aplicado à política interna da Judéia, que posteriormente abalou as relações judaico-romanas. Ao perderem seu domínio sobre a sociedade civil, - ou seja, quando os líderes judeus sobretudo os Sumo Sacerdotes não mais eram portadores da mesma hegemonia política e cultural de outrora, frente ao conjunto de sua sociedade, fato inclusive que levou os líderes romanos a retirar-lhes o poder-, a classe dirigente judaica de fato lançou mão da sociedade política (coerção) para preservar seu poder e deflagrou a guerra contra Roma, aliás esta é a teoria de Martin Goodman para explicar o início desta guerra –à frente – teoria na qual me filio e argumento que está diretamente vinculado à segunda hipótese que formulei com relação a este *Capítulo Primeiro*.

1.7.2 *No concernente à guerra civil judaica:*

Refletindo também acerca do belicismo que foi na maior parte do tempo, o principal elemento que emergiu da relação entre as facções judaicas em guerra civil, retorno, uma vez mais, ao conceito de conceito de Estado para Gramsci: “*sociedade civil mais sociedade política, hegemonia encouraçada de coerção*”. Uma guerra demonstra que a hegemonia de um grupo, temporariamente líder, é exercitada pela coerção, sobretudo caso se trate de um conflito civil, o que conduz à estruturação do Estado ora sob disputa. E este precisamente é o caso da guerra civil judaica, onde as várias facções desejam a hegemonia dentro do Estado Independente Judeu, lançando mão de ingredientes coercitivos. Aliás, este Estado sobreviveu na Judéia em rebelião, de 67 a 70, portanto com o poder romano naquele instante afastado, até devido à guerra civil em Roma no período de 68-69, quando houve a rápida sucessão de três Imperadores: Galba, Otho e Vitélio, entre Nero (54-68) e Vespasiano (69-79).

Ademais, Gramsci⁷⁵ vincula a supremacia de um grupo social ao “domínio” e à “direção intelectual e moral”, esclarecendo que tal grupo é dominante em face de outros rivais, os quais busca aniquilar ou ao menos subjugar, empregando inclusive o uso das armas; e é dirigente de grupos que lhe são próximos ou aliados. Lembra ainda, que um grupo social deve ser portador de liderança, mesmo antes de chegar ao poder - que por

⁷⁵ GRAMSCI, Antonio. *Antología*. Seleção, tradução e notas de Manuel Sacristán. Cidade do México: Siglo XXI, p. 486.

sinal, é uma das condições fundamentais para assenhorar-se dele -, e posteriormente, ao exercer o poder, torna-se dominante, contudo precisa manter sua liderança. Com relação à supremacia de um grupo social, Gramsci lembra que este, para obter sua liderança, com o objetivo de destruir ou dominar seus adversários, pode chegar ao confronto armado, bélico. Ora, uma guerra, no presente caso, a civil judaica, é o melhor exemplo disto. Nela, a política de alianças, ainda que instáveis, entre as facções em luta interna, reflete uma prática de liderança entre partidários ou aliados.

Entretanto, o caráter efêmero do domínio de cada facção e seus dirigentes, sobre Jerusalém, comprova o entendimento de Gramsci acerca da necessidade da preservação do poder, por parte de um grupo social, após sua conquista. A fragilidade do domínio de um líder ou de uma facção, em confronto bélico pelo controle do Estado Independente da Judéia, tem raízes igualmente nas propostas do referido pensador, no sentido de que o grupo dominante deveria ser portador de liderança antes de alcançar o poder, fato não ocorrido na então sociedade judaica em guerra civil.

A reforçar tais abordagens gramscianas, acrescento a teoria de Martin Goodman⁷⁶, que defende claramente que a guerra civil judaica foi, em parte, fruto da disputa pelo poder político, dentro da classe dirigente, que se traduz por uma luta de facções e seus líderes, pelo controle da população e do Estado Independente Judeu, de 67 a 70 d.C., Estado este que era o objetivo de todas as facções.

1.8 Resistência Ativa: Rumo à Guerra Judaico - Romana (66 - 73):

Ao longo das seis primeiras décadas do século I d.C. - o período dos Prefeitos/Procuradores - questões sócio-político-culturais - o choque entre judeus e não judeus em cidades helenísticas - ou sócio-econômicas - a excessiva tributação romana -, segundo vários autores contemporâneos, formaram o cenário de protestos que de alguma forma se vinculou com a guerra contra Roma a partir de 66 d.C. Na realidade, a meu juízo e com base no relato de Josefo em - *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, e em tese de Martin Goodman, as manifestações marcantes de revolta na Judéia ocorreram a partir de questões sócio-político-religiosas, manifestações estas que, contudo, não deflagraram a guerra, cujo início só se deu por um fator sócio-político. As duas hipóteses de pesquisa que formulei para este *Capítulo Primeiro* esclarecem tal argumento.

A época em que Roma, seja através dos Prefeitos (6 - 41 d.C.), seja dos Procuradores (44 - 66 d.C.), dominou a Judéia, houve ali grande efervescência social, e entendo que os principais protestos foram consequência basicamente do desrespeito dos romanos às liberdades antes citadas, leia-se, à prática do judaísmo. Assim, quando o exercício de sua religião era limitado pela interferência sobretudo de lideranças romanas, a resistência dos judeus perdia seu aspecto passivo e manifestava-se de forma ativa, com grande tumulto, sendo que a situação só arrefecia quando tal interferência era revogada. É o caso a ser apreciado mais adiante - **textos II e III** e seus respectivos quadrados semióticos -, entre

⁷⁶ GOODMAN, Martin. *Op.cit.*, p.p. 34, 182, 200 e capítulo 8.

inicialmente Pilatos (26 d.C.) e posteriormente Calígula (41 d.C.) e os judeus. A deflagração da guerra ocorreu em 66 d.C., logo, vinte e cinco anos após o grave incidente com Calígula, e após sessenta anos de controle direto de Roma sobre a Judéia. Se por todos estes anos, e mesmo desde a chegada de Pompeu à Jerusalém em 63 a.C., a relação dos romanos com os judeus foi marcada ora pela resistência passiva, ora pela resistência ativa destes contra aqueles, o que fez com que esta última se cristalizasse na forma de guerra?

É importante voltar uma vez mais às opiniões de Richard Hingley⁷⁷, a propósito das questões acerca de reação, oposição e resistência. Este autor afirma que alguns romanistas em geral propõem que, uma vez conquistadas e pacificadas as novas províncias trazidas para o seio do Império, a oposição ao domínio romano era rara ou de pequenas proporções. Salvo algumas revoltas, no início do período de controle romano, estas novas áreas tornadas romanas podiam ser consideradas territórios pacíficos em favor do dominador.

As informações de romanistas lembrados por Hingley, antes descritas, no tocante à rápida pacificação das novas províncias, são totalmente divergentes no caso da Judéia, por duas razões. Em primeiro lugar era claro que a Judéia dispensava qualquer proposta de civilização de Roma. Os judeus, desde muitos séculos antes de Roma se erguer, já haviam constituído uma civilização bastante sólida no contexto do mundo antigo, e em segundo

⁷⁷ HINGLEY, Richard. “The “legacy” of Rome: the rise, decline, and fall of the theory of Romanization”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.*, p. 42.

lugar, o impacto traumático da conquista romana na realidade nunca passara, apesar das liberdades concedidas por Roma aos judeus, estes eram cientes da perda de sua independência desde o fim do Reino dos Asmoneus, e o estado de inquietação da Judéia prosseguiu fortemente durante o período da administração direta romana - lembro, a época dos Prefeitos e Procuradores, sobretudo quando as liberdades lembradas por Sartre, e que eram uma forma de resistência passiva, como já esclarecido, eram quebradas por demonstrações de poder, verdadeiras provocações conscientes ou não, por parte de Prefeitos inábeis, como Pôncio Pilatos ou de Imperadores arrogantes como Calígula, como se verá.

Portanto, as sete décadas do século I d.C., que antecederam a primeira revolta/guerra judaica contra Roma foram marcadas por uma série de rebeliões, que demonstravam a força da resistência ativa, por parte dos nativos da Judéia, que veio somar-se à já existente oposição de tipo passivo, que naturalmente antagonizava com o processo de aculturação e assimilação - leia-se romanização -, que parcialmente ocorrera na região.

Na primeira metade do Livro 2 de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, Josefo narra, com grande riqueza de detalhes, e com enorme clareza, conflitos que opuseram judeus a samaritanos, gregos e romanos na Judéia, durante a época dos Prefeitos e Procuradores. Tais revoltas ancoraram-se ora em questões sociais, ora econômicas, ora culturais, em especial religiosas e ora políticas, e vários fragmentos do texto de Josefo, na obra supracitada, dão base às diferentes reflexões, de vários

pesquisadores do tema, acerca do ambiente tenso que se apoderou da Judéia ao longo de boa parte do século I d.C., em especial a partir do ano 6.

1.8.1 As questões sócio-político-culturais:

André Paul⁷⁸ indica que as causas desta guerra podem ser observadas junto à questões sócio-culturais e políticas, ancoradas nos espaços das cidades da Judéia - sentido lato, que opunha seus habitantes judeus e não-judeus, sustentando ainda que nesta região, quando subordinada ao controle helenístico, inicialmente Lágida (301-200 a.C.) e em seguida Selêucida (200-167 a.C.) iniciou-se e desenvolveu-se uma prática de urbanização / helenização, sendo que a mesma foi neutralizada e combatida a partir da Revolta dos Macabeus (167-142 a.C.) e sobretudo durante o governo dos judeus Asmoneus (142 - 37 a.C.), período em que ali foi estimulado um processo de judaização.

Este quadro tornou a alterar-se durante o reinado de Herodes Magno (37-4 a.C.), que nos limites de seu Estado, como já visto, deu grande impulso ao processo de Romanização, embora, lembro, desse ao menos em proporções menores, importância à cultura judaica. Paul⁷⁹ prossegue afirmando que Herodes Magno voltou a adotar a política de urbanização e helenização da Judéia - em sentido lato -, assegurando ainda que após sua morte e ao longo dos anos de domínio direto romano sobre esta província - época dos Procuradores (6-66

⁷⁸ PAUL, André. *Op. cit.*, p.p. 227, 228/231.

⁷⁹ *Idem.*

d.C.), o que se observou, foi que esta política herodiana abriu caminho para a ocorrência de sérios confrontos em muitas cidades consideradas gregas, onde floresceu forte oposição entre seus habitantes judeus - minoritários - e não judeus, concluindo que houve nestas localidades profundos tumultos, que de alguma forma contribuíram para a deflagração ou o desenrolar da guerra dos judeus contra Roma. Tais localidades são Sebaste (antiga Samaria), Cesaréia Marítima (antiga Torre Straton), Ptolemaida, Ascalon, Hipos e Citópolis (*Figura 1-2*).

1.8.2 As questões sócio-econômicas:

Maurice Sartre⁸⁰, no concernente a esta guerra, tece a partir de questões econômicas, um quadro de graves antagonismos entre judeus e romanos, lembrando que a partir do ano 6 da era cristã, uma forte carga tributária era imposta pelos romanos à Judéia, carga esta que se refletia no *tributum soli* (12,5%) e na *capitatio* estabelecidos e amparados desde este ano, nos constantes recenseamentos impostos por Roma a esta região, e que eram repudiados pelos judeus, devido a sua função fiscal opressora. Ademais, o peso do fisco era igualmente expressado por várias taxas, que incidiam sobre as moradias e as vendas, e que também emergiam através de alfândegas internas e pedágios, elementos que reduziam o comércio local, tributos os quais ainda recebiam uma sobrecarga, graças à ação dos publicanos - cobradores de impostos, ávidos por aumentar sua riqueza. Por fim, os camponeses judeus eram subordinados a um sistema de corvéias.

Hans Kippenberg⁸¹ aponta uma questão econômica intimamente vinculada ao âmago desta guerra, que repousa na ligação direta entre a tributação romana e a escravidão judaica, ou seja, para os judeus a escravidão era reflexo da exigência dos romanos em tributar as regiões incorporadas ao Império, lembrando, com amparo na **Ioudai>khV* **Arcailogiva - Ioudaikè Archaiologia - Antigüidades Judaicas*, de Josefo, que o povo judeu, representado por Judas de Gamala, considerou como o início de uma plena escravidão, a determinação romana de registrar-se os bens privados para fins de tributação no ano 6 d.C. - o primeiro da época do controle imperial direto sobre a Judéia.

Por fim, Lucien Poznanski⁸² defende uma proposta sob um panorama econômico, que revela o ambiente tenso que se apoderou da Judéia e que dava sustentação à deflagração desta guerra, no caso, o empobrecimento dos judeus em consequência da ambição romana, que aumentava a carga tributária sobre a Judéia.

⁸⁰ SARTRE, Maurice. *Op.cit.*, p. 368.

⁸¹ KIPPENBERG, Hans G. *Op.cit.*, p. 123.

⁸² POZNANSKI, Lucien. *La Chute du Temple de Jérusalem*. Bruxelas: Éditions Complexe, 1997, p. 51.

1.8.3 As questões sócio-político-religiosas:

Ainda Poznanski⁸³, em nível sócio-religioso que demonstra a situação da Judéia no século I d.C., informa que chegara a era messiânica, sinônimo de libertação do domínio estrangeiro e do fim dos infortúnios até então presentes na região.

Retorno uma vez mais a Alan Unterman⁸⁴, que ensina que a palavra hebraica מָשִׁיחַ - *Mashiach*, que se traduz por *Messias*, significa *ungido*. Trata-se para os judeus do rei ungido, descendente de David, enviado por Deus com o objetivo de começar a redenção final no fim dos tempos. Ao longo do reinado do Messias, ocorrerá a ressurreição dos mortos e posteriormente o Dia do Juízo que atingirá toda a humanidade.

Ainda vinculado ao âmago da guerra, Kippenberg⁸⁵ aponta que o elo religioso entre Deus - יהוה - *YHWH* - e o povo eleito - inicialmente os hebreus e em seguida os judeus -, estabelecido na Aliança do Sinai, restringia as diferenças sociais, sendo que a venda de um judeu devido à insolvência era um ato que derrubava tal restrição.

Maurice Sartre⁸⁶, ainda no concernente ao clima tenso que antecedeu a guerra de 66-73, tece a partir de questões político-religiosas, um quadro de graves antagonismos entre

⁸³ POZNANSKI, Lucien. *Op.cit.*, p. 51.

⁸⁴ UNTERMAN, Alan. *Op.cit.*, p. 172.

⁸⁵ KIPPENBERG, Hans G. *Op.cit.*, p.p. 124/125.

⁸⁶ SARTRE, Maurice. *Op.cit.*, p.p. 369, 373/374.

judeus e romanos, especificamente, com líderes do Império, no caso o Prefeito Pôncio Pilatos, que esteve no comando da Judéia de 26 a 36 e o Imperador Gaio, cognominado Calígula, que governou de 37 a 41, e, apesar da existência das “liberdades judaicas”, que este mesmo autor lembrou anteriormente, frente ao domínio imperial., os levantes, sobretudo de base religiosa, não foram poucos, até mesmo porque, ainda segundo Sartre, a presença romana, para os judeus religiosos, era bastante contestada, uma vez que ela obstruía a plena observação da תורה - *Torah*.

Os textos abaixo - todos fragmentos extraídos de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* - mostram claramente o desrespeito das lideranças romanas face às regras da תורה - *Torah*. O **texto II** narra o choque ocorrido entre Pilatos e os judeus e o seguinte - **texto III** - relata o conflito entre Calígula e este mesmo povo.

No primeiro caso, Josefo expõe a situação de agitação que se instalou em Jerusalém, quando os judeus descobriram, ao amanhecer, que na madrugada anterior o recém chegado Procurador Pilatos (26 d.C.) mandara instalar na cidade símbolos do culto imperial, no caso estandartes, com a efígie do Imperador Tibério, atitude não comum, como visto anteriormente. Frente ao protesto por parte do judeus, Pilatos, segundo Josefo, admirado com o respeito que aquele povo tinha por sua religião, voltou atrás e retirou estes símbolos.

TEXTO II

“ Pilatos tendo sido enviado à Judéia sob Tibério, como **procurador (e**pivtropoY* - *epítropos*)**⁸⁷, introduziu à noite em Jerusalém as efígies de César cobertas, as quais são chamadas de estandartes. Isto provocou grande agitação entre os judeus durante o dia. Estes ficaram consternados diante da visão, como se as suas leis tivessem sido esmagadas com os pés, pois não era permitido colocar imagens na cidade, enquanto a indignação do povo da cidade agitava **(as pessoas do campo - *th~Y cwvraY laovY*- *tês chóras laós*)**⁸⁸, que afluíam juntas em multidão. Dirigindo-se às pressas a Pilatos (indo) a Cesaréia, (os judeus) imploraram-lhe retirar os estandartes de Jerusalém e guardar (respeitar) as leis de seus antepassados. Quando Pilatos recusou-se, eles caíram prostrados ao redor de sua casa e por cinco dias e noites inteiros permaneceram imóveis naquela posição. No dia seguinte, Pilatos tomou seu assento de magistrado no grande estádio e convocando a multidão, com a aparente intenção de responder-lhe, deu o sinal combinado, a seus soldados armados, para cercarem os judeus. Encontrando-se estes dentro de um anel triplo de tropas, os judeus ficaram em silêncio, face a esta visão inesperada. Pilatos, após ameaçar trucidá-los, caso eles se recusassem em admitir imagens de César, fez sinal a seus soldados para desembainharem suas espadas. Em consequência disso, os judeus, em ação combinada, atiraram-se em conjunto ao chão, estenderam seus pescoços e exclamaram que eles estavam mais preparados para morrer do que para transgredir a lei. Pilatos, enormemente admirado com a pureza do fervor religioso, ordenou retirar imediatamente os estandartes de Jerusalém.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 2 §§ 169-174.

Antes de passar a apresentação do quadrado semiótico, que será aplicado ao texto acima, chamo a atenção para as notas de rodapé indicadas no texto acima, notas que indicam que as expressões **(as pessoas do campo - *th~Y cwvraY laovY*- *tês chóras***

⁸⁷ Esta expressão é analisada logo após o texto XXVII, no item “Josefo anti-judaico”.

⁸⁸ Esta expressão é analisada logo após o texto XII, no item “As questões da fonte primária”.

laós) e *procurador* (*e*πivtropy - epítropos*) serão analisadas à frente, quando estiverem agrupadas a outras expressões, que no contexto darão relevância a tal reflexão.

S1

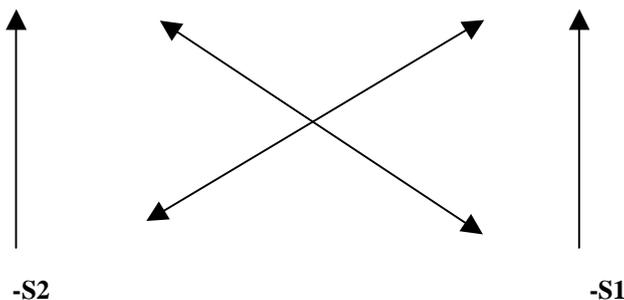
S2

TRANSGRESSÃO DA LEI JUDAICA

- “Pilatos, ... , introduziu à noite em Jerusalém as efígies de César cobertas, as quais são chamadas de estandartes.”

TRANSIGÊNCIA ROMANA

- “Pilatos, enormemente admirado com a pureza do fervor religioso, ordenou retirar imediatamente os estandartes de Jerusalém.”



INTRANSIGÊNCIA ROMANA

- “Quando Pilatos recusou-se, ...”

- “Pilatos ... convocando a multidão, com a aparente intenção de responder-lhe, deu o sinal combinado, a seus soldados armados, para cercarem os judeus.”

- “Pilatos, após ameaçar trucidá-los, ..., fez sinal a seus soldados para desembainharem suas espadas .”

MANUTENÇÃO DA LEI JUDAICA

- “ ... (os judeus) imploraram-lhe retirar os estandartes de Jerusalém e guardar (respeitar) as leis de seus antepassados”.

Neste trecho o autor relata um dos mais graves conflitos deflagrados entre o Prefeito Pôncio Pilatos, que liderou a Judéia de 26 a 36 , e o conjunto da sociedade judaica, que a ele se opõe, portanto, trata-se de caso de resistência ativa. A intransigência romana foi conhecida quando este introduziu imagens de César – o Imperador Tibério, que governou de 14 a 37 – em Jerusalém, o que era uma afronta à determinação da תורה - *Torah*, que proibia a confecção e o culto de imagens. A manutenção delas em Jerusalém representava a transgressão da lei judaica, contudo Josefo mostra que Pilatos se curvou frente à grande religiosidade dos judeus e assim a manutenção da lei judaica leva à transigência romana.

A dêixis negativa encontra-se euforizada pelas expressões “*enormemente admirado; pureza do fervor religioso; retirar os estandartes*”, que revelam a transigência romana e “*guardar(respeitar) as leis de seus antepassados*”; que apontam a manutenção da Lei judaica. A dêixis positiva encontra-se disforizada pelas palavras “*ameaçar trucidá-los; desembainharem suas espada; soldados armados cercarem os judeus*”; que indica a intransigência do procurador e “*introduziu em Jerusalém efígies de César*”; que exemplificam a intransigência ao judaísmo.

O percurso defendido por Josefo é (S1 - -S1 – S2) que parte da transgressão da Lei judaica e passando por sua manutenção e levando à transigência de Pilatos. O processo inverso (S2 - -S2 –S1), que vai da transigência romana à transgressão da Lei judaica, é repudiado pelo autor.

No segundo caso, Calígula, no final de seu curto período como Imperador, (37/41), superou Pilatos na imposição de símbolos romanos em Jerusalém, determinando que

fossem erguidas estátuas de sua própria pessoa dentro do Templo. A reação judaica foi igualmente ancorada em sua regra religiosa, mas neste caso a ordem foi cancelada não por iniciativa do Imperador, mas sim devido a sua morte, como conta Josefo.

TEXTO III

“Gaios (...) enviou Petrônio com um exército a Jerusalém, para erigir no Templo estátuas do próprio Gaios, tendo ordenado, caso os judeus não aceitassem, condenar à morte os recalcitrantes e reduzir à escravidão todo o restante do povo. Estas ordens, porém, estavam sob os cuidados de Deus. Petrônio, por conseguinte, com três legiões e um grande contingente de auxiliares sírios, deixou Antióquia em marcha para a Judéia. Entre os judeus, alguns não acreditavam nos rumores de guerra, outros creram, mas não viram meios de defesa, o alarme, entretanto, logo tornou-se universal, o exército tendo já atingido Ptolemaida.

(...)

Os judeus reuniram-se com suas esposas e filhos na planície de Ptolemaida e imploraram a Petrônio para primeiro dar atenção às leis de seus antepassados e em seguida a eles mesmos. Até então transigindo com a vasta multidão e suas súplicas, ele deixou as estátuas e suas tropas em Ptolemaida e avançou em direção à Galiléia, onde ele convocou para Tiberíades a população, inclusive todas as pessoas de distinção. Lá ele frisou o poder dos romanos e as ameaças do Imperador e, além disso, apontou a imprudência da solicitação deles, todas as nações súditas, ele advertiu, haviam erigido, em cada uma de suas cidades, estátuas de César, juntamente com aquelas de seus outros deuses, e que somente eles (os judeus) se oporiam a esta prática, o que equivalia quase a uma rebelião, agravada por insulto. Quando os judeus expuseram o costume e as leis de seu povo, que não permitiam colocar imagem, nem de Deus, nem de homem, não apenas no interior do seu Templo, nem em qualquer lugar do campo, Petrônio, tomando a palavra disse: “Mas eu também devo fazer cumprir a lei do meu senhor, se eu transgredí-la e os poupar, eu serei morto, com justiça. Guerra será feita sobre vocês por ele, que me enviou, não por mim, já que eu também, como vocês, estou sob ordens.” Com isto a multidão gritou que estava pronta para suportar tudo pela lei. Petrônio, tendo verificado seu clamor, disse: “Então vocês vão à guerra com César?” Os judeus responderam que eles ofereciam sacrifício duas vezes ao dia a César e ao povo romano, mas que caso ele desejasse erguer estas estátuas, ele primeiro deveria sacrificar toda a nação judaica, e então eles próprios

se apresentaram, suas esposas e seus filhos prontos para o massacre. Estas palavras encheram Petrônio de admiração e piedade diante de um espetáculo de incomparável devoção deste povo a sua religião e sua inabalável resignação à morte. Então, por ora, ele os dispensou, nada sendo decidido.

(...)

Desta cidade (Antióquia) ele (Petrônio) dirigiu-se às pressas para relatar a César sua expedição na Judéia e as súplicas da nação, acrescentado que, a não ser que ele desejasse destruir o país, assim como seus habitantes, ele deveria respeitar a lei deles e revogar as ordens. A este despacho Gaios respondeu em termos desmedidos, ameaçando matar Petrônio por seu atraso na execução de suas ordens. Entretanto, aconteceu que os portadores desta mensagem ficaram retidos pelo mau tempo por três meses no mar, enquanto outros, que trouxeram a notícia da morte de Gaios tiveram uma viagem afortunada. Então Petrônio recebeu esta última informação vinte e sete dias mais cedo do que a carta que trazia sua própria sentença de morte.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 2.§§ 184-203.

S1

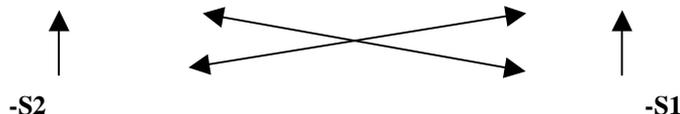
VIOLAÇÃO DA תורה - TORAH

- “Gaios (...) enviou Petrônio com um exército a Jerusalém, para erigir no Templo estátuas do próprio Gaios...”

S2

DESCUMPRIMENTO DAS ORDENS DE CALÍGULA

- “ Até então transigindo com a vasta multidão e suas súplicas, ele deixou as estátuas e suas tropas em Ptolemaida ...” - “... Petrônio, ... disse: ... a lei do meu senhor, se eu transgredí-la e os poupar, eu serei morto, com justiça.” - “Então, por ora, ele os dispensou, nada sendo decidido”. - “... ele deveria respeitar a lei deles e revogar as ordens.”- “... trouxeram a notícia da morte de Gaios ...”

**CUMPRIMENTO DAS ORDENS DE CALÍGULA**

- “... tendo ordenado (Gaios), caso os judeus não aceitassem, condenar à morte os recalcitrantes e reduzir à escravidão todo o restante do povo.”- “Petrônio, por conseguinte, com três legiões e um grande contingente de auxiliares sírios, deixou Antióquia em marcha para a Judéia.”- “... avançou em direção à Galiléia, Lá ele frisou o poder dos romanos e as ameaças do Imperador...”- “... Petrônio, tomando a palavra disse: “Mas eu também devo fazer cumprir a lei do meu senhor...”- “ ... Guerra será feita sobre vocês por ele, que me enviou, não por mim, já que eu também, ... , estou sob ordens.”- “ ...caso ele desejasse erguer estas estátuas, ele primeiro deveria sacrificar toda a nação judaica, e então eles próprios se apresentaram, suas esposas e seus filhos prontos para o massacre.”

PRESERVAÇÃO DA תורה - TORAH

“Os judeus reuniram-se com suas esposas e filhos ... e imploraram a Petrônio para primeiro dar atenção às leis de seus antepassados e em seguida a eles mesmos.”- “... os judeus expuseram o costume e as leis de seu povo...”- “... a multidão gritou que estava pronta para suportar tudo pela lei.”- “ Estas palavras encheram Petrônio de admiração e piedade diante de um espetáculo de incomparável devoção deste povo a sua religião...”

Este extrato narra um dos mais sérios incidentes entre um líder romano e a nação judaica antes da guerra de 66 – 73, logo de resistência ativa. O Imperador Gaius, cognominado Calígula determinou, assim como já fizera com relação a outras províncias, que estátuas suas fossem erguidas no Templo de Jerusalém. Coube a Petrônio o cumprimento das ordens de Calígula, porém caso isto ocorresse seria necessário que se fizesse presente também a violação da תורה - Torah, que como visto no caso de Pilatos, proibia a confecção e o culto de imagens, não só de sua própria divindade, quanto mais a de um líder estrangeiro. Claro ficou que para a preservação da תורה - Torah era necessário que também ocorresse o descumprimento das ordens de Calígula.

Neste caso, a disforização da dêixis positiva é claríssima pelas seguintes expressões: “*condenar à morte; reduzir à escravidão; ameaças do Imperador; guerra*”, que revelam a agressividade de Calígula, e ainda “*sacrificar toda a nação judaica, prontos para o massacre*”, que mostram a que ponto os judeus chegaram por respeito a sua lei. Em contrapartida a euforização da dêixis negativa é nítida pelas seguintes palavras: “*transigindo, poupar, nada sendo decidido e revogar as ordens*” – com relação à atitude tolerante de Petrônio e “*suportar tudo pela lei, admiração e piedade, incomparável devoção*”, palavras que indicam a fidelidade dos judeus no cumprimento da תורה - Torah.

(S1 - -S1 - S2) é o percurso apoiado pelo autor, ou seja, aquele que parte da violação da תורה - Torah e termina no descumprimento das ordens de Calígula, logo na manutenção da lei judaica, esta triunfando. Por conseguinte (S2 - -S2 – S1), que leva à violação desta mesma lei é o percurso rejeitado por Josefo.

É interessante observar que são exemplos de resistência ativa sobre bases sócio-político-religiosas, que envolvem a classe dirigente romana e a população judaica, em geral, e não sua classe dirigente. Note-se que Josefo não cita em nenhum dos dois casos, ocorridos respectivamente em 26 e 40/41 d.C., o nome de um líder judeu, o que me faz pensar que provavelmente de fato tratava-se de uma insurreição da população e não especificamente da classe dirigente judaica contra Roma. Embora Josefo relate que tais conflitos cessaram, por recuo acidental ou proposital das lideranças romanas, estas passagens reforçam a tese de Martin Goodman, adiante apresentada, de que a guerra só iniciou-se quando a classe dirigente judaica entrou em ação.

O texto a seguir, complementa os dois imediatamente acima, isto porque revelam o conteúdo das normas que os judeus respeitavam e que foram desconsideradas tanto por Pilatos, quanto por Calígula, ou seja, a proibição da confecção e adoração de imagens, sobretudo de estrangeiros.

Trago uma passagem da תנך - *Tanach* - Bíblia Hebraica, em especial da תורה - *Torah*, aqui sinônimo de חמש - *Chumash* - o Pentateuco, mais especificamente ainda do segundo livro da Bíblia, o שמות - *Shemot* - o Êxodo. Trecho praticamente igual pode ser encontrado no quinto livro da Bíblia – o דברים - *Devarim* - *Deuterônômio*, o qual não acrescentei a seguir, exatamente devido a esta semelhança, que se explica pelo fato de que este último livro, apesar de não ser uma repetição dos quatro livros que o antecedem, de certa forma volta a alguns de seus temas, portanto há dois registros praticamente idênticos

do decálogo, sobre o qual disserta Félix Garcia López ⁸⁹, indicando que em ambas as versões, o início do decálogo constitui-se em um discurso direto de Deus – יהוה - *YHWH*, portanto de grande força dentro de um contexto sagrado.

TEXTO IV

“1. E falou Deus todas estas palavras, dizendo: 2. Eu sou o Eterno, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa dos escravos. 3. Não terás outros deuses diante de mim. 4. Não farás para ti imagem de escultura, figura alguma do que há em cima, nos céus, e abaixo, na terra, nem nas águas, debaixo da terra. 5. Não te prostrarás diante deles, nem os servirás, pois Eu sou o Eterno, teu Deus, ...”

שמות - *Shemot* - Êxodo, 20, 1-5.⁹⁰

1.8.4 As questões sócio-políticas:

Hans Kippenberg⁹¹, ainda no concernente ao âmago da guerra judaico-romana, propõe que este conflito não seria possível sem o engajamento da aristocracia ligada ao דרין סנה - *Sanhedrin* - Sinédrio.

⁸⁹ LÓPEZ, Félix García. “Os Dez Mandamentos, Caminhos de Vida e Liberdade”, in LÓPEZ, Félix García (org.) *O Pentateuco*. Trad. José Afonso Beraldin da Silva. S. Paulo: Paulinas, 1998, p. 65.

⁹⁰ תורה - A Lei de Moisés e as “Haftarot”. São Paulo: Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, 1996, p.p. 134-135.

⁹¹ KIPPENBERG, Hans G. *Op.cit.*, p. 125.

Por fim, Martin Goodman⁹² em uma abordagem sócio-política dos fatores que levaram à deflagração desta guerra, sustenta que ao contrário das elites de boa parte das outras províncias, a elite judaica nunca fez parte da classe dirigente romana, sendo rara a concessão da cidadania romana aos governantes judeus, acrescentando que, em divergência ao que ocorria em outras localidades do Império, os governadores romanos opunham-se a considerar, como seus semelhantes, a classe dirigente judaica, classe esta que ainda segundo Goodman liderou este conflito desde o princípio, com o escopo de preservar sua relevância em sua sociedade, quando lhe foi retirada a sustentação antes concedida por Roma, assim, para Goodman o fator que explica a eclosão da guerra em 66 foi unicamente político, ou seja, a ruptura do pacto de governabilidade entre as classes dirigentes romanas e judaicas, para o controle da Judéia.

Segundo Goodman⁹³ em *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, Josefo, por pertencer à classe dirigente judaica, tentou defendê-la, tratando-a como uma vítima da guerra, e embora ele tenha evitado reconhecer e demonstrar o papel fundamental desta classe neste conflito, Goodman⁹⁴, a partir desta mesma narrativa desenvolve uma reflexão, fornecendo dois dados que comprovam o alto envolvimento da classe dirigente judaica na revolta/guerra.

⁹² GOODMAN, Martin. *Op.cit.*, p.p. 59-60, 173-174.

⁹³ *Ibidem*, p.p. 171-172.

⁹⁴ *Ibidem*, p.p. 172-173.

O primeiro dado revela que muitos integrantes deste grupo permaneciam em Jerusalém no momento da derrota do governador da Síria Céstio Galo e lá ficaram mesmo após tal episódio. As duas transcrições abaixo, segundo notas da edição da Loeb da obra supracitada, referem-se respectivamente ao verão de 66 d.C. e a novembro do mesmo ano.

TEXTO V

“Eleazar, filho de Ananias o sumo sacerdote, um jovem muito ousado, então sustentando a posição de capitão (do Templo), persuadiu aqueles que oficiavam nos serviços do Templo a não aceitar presente ou sacrifício de um estrangeiro. Esta atitude foi o marco inicial da guerra com os romanos, visto que os sacrifícios⁹⁵ oferecidos em nome daquela nação e do Imperador foram em consequência rejeitados.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 2 § 409.

TEXTO VI

“Após esta catástrofe de Céstio muitos judeus notáveis abandonaram a cidade como nadadores deserdam de um navio que naufraga.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 2 § 556.

Goodman cita esta última passagem, que de fato não deixa dúvidas de que na hora da vitória judaica sobre Céstio Galo muitos da elite judaica ainda encontravam-se em

⁹⁵ De acordo com nota da edição da Loeb: “Estes sacrifícios, oferecidos duas vezes ao dia, foram instituídos por Augusto e consistiam em dois cordeiros e um touro. As despesas, de acordo com Fílon de Alexandria eram suportadas pelo Imperador, de acordo com Josefo, pela nação judaica”.

Jerusalém, e a se levar em conta não só o fragmento imediatamente anterior, bem como a interação destes dois trechos, pode-se perceber que meses após o início da guerra, Jerusalém ainda abrigava boa parte da classe dirigente local.

O segundo dado mostra que após a derrota de Galo, os generais judeus escolhidos para a condução da guerra eram oriundos da classe alta, incluindo o próprio Josefo, que partiu em defesa da Galiléia. Aliás, este conflito desenvolveu-se em regressão territorial, ou seja, inicialmente abrangia toda a Judéia - em sentido lato -, com o passar dos anos o teatro de operações concentrou-se na Judéia - em sentido estrito, até a queda de Jerusalém em 70, e as fortalezas de Herodium e Machaeros (71) e por fim de Massada (73). (*Figura 1-3*)⁹⁶.

⁹⁶ Mapa extraído de BARNAVI, Élie.(dir.) *História Universal dos Judeus – Da Gênese ao Fim do Século XX*. Coordenação de Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Cejup, 1995, p.53.

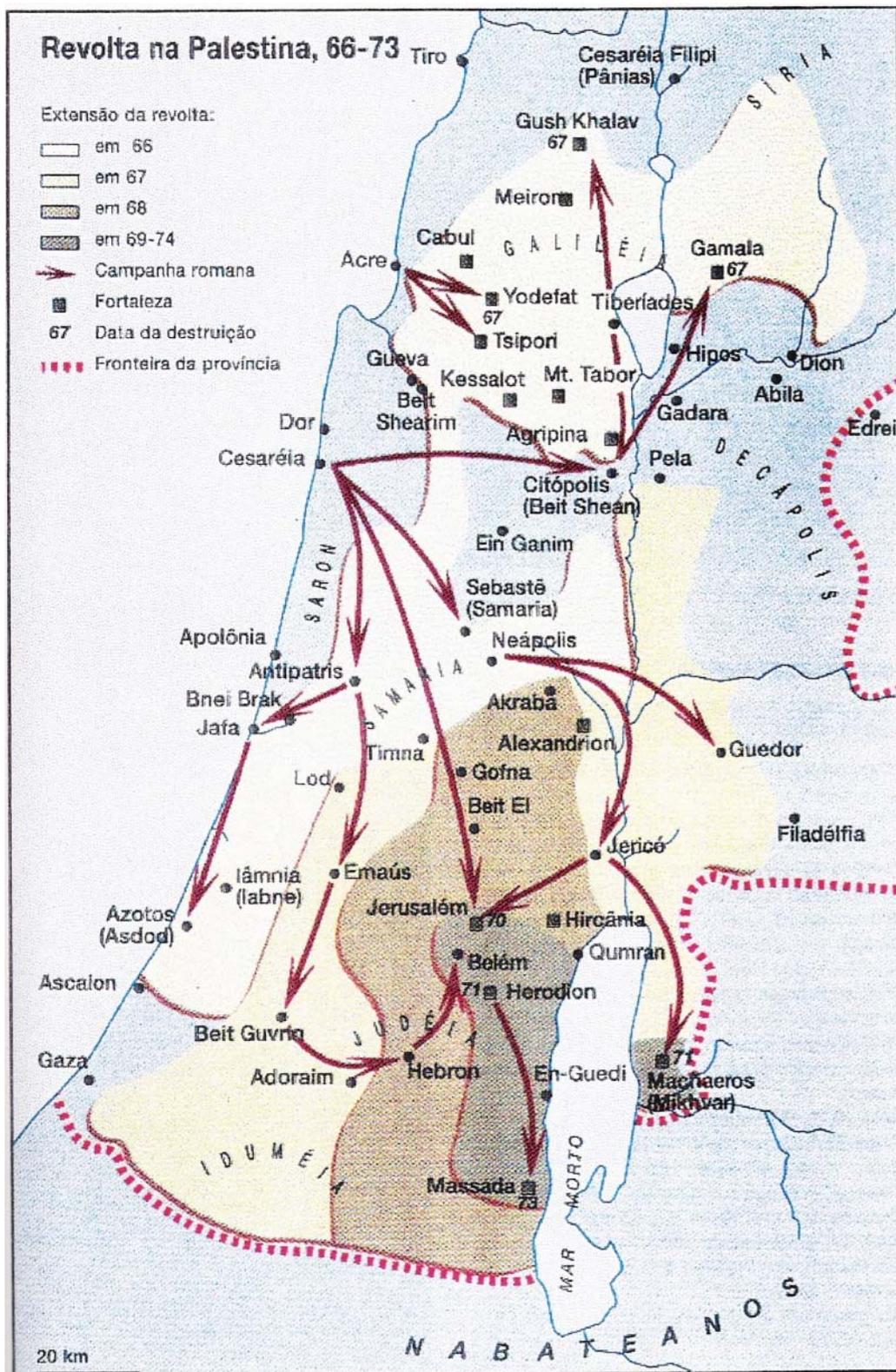


Figura 1-3: Judéia (amplo sentido) – Guerra Judaico-Romana (66 – 73 d.C.).

1.8.5 *As questões da fonte primária:*

Acima, a partir de opiniões ora divergentes e ora convergentes de vários estudiosos da Judéia Romana, busquei elaborar um quadro - em diferentes níveis de análise - do ambiente judaico do século I d.C., que antecedeu a eclosão da guerra, quadro que apresenta diversas argumentações que se vinculam a situações/causas que geraram este conflito, sendo que, a meu juízo, as que foram apresentadas por Martin Goodman são mais sólidas. Neste sub-item trago as considerações de Josefo sobre esta mesma questão.

Como já referido anteriormente, Josefo preocupou-se em narrar uma série de episódios que revelam o quadro de tensões sociais, que floresceram na Judéia ao longo das seis primeiras décadas do século I d.C. Contudo em nenhum daqueles momentos a guerra contra Roma foi deflagrada. Uma vez que a narrativa de Josefo obedece uma seqüência cronológica dos fatos, chega portanto a hora em que ele deve fornecer a seus leitores as razões, as causas, os culpados ou responsáveis pela guerra finalmente desencadeada entre a primavera e o verão de 66 d.C. Porém, ele não o faz ! Ao invés de apresentar uma razão, um culpado, um responsável ou uma *causa*, ele relata um *pretexto*, que é no meu entender uma cortina de fumaça lançada pelo narrador, com o objetivo de silenciar sobre a real causa da guerra, muito provavelmente pelas razões defendidas por Martin Goodman, supracitadas.

Segundo Josefo em *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, o pretexto foi um conflito entre judeus e gregos em Cesaréia Marítima, de base religiosa (2 §§ 284-291), agravado logo em seguida pela ambição e crueldade do Procurador Floro (2 §§ 292-

308), e que acabou levando ao início da guerra com o fim dos sacrifícios realizados em Jerusalém em nome do Imperador e do povo romano (2 § 409). Narra, portanto, Josefo:

TEXTO VII

*“No que diz respeito à extensão dos infortúnios oriundos da guerra, não houve **pretexto (provfasin)** de valor (que a justificasse).”*

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*.2 §§ 284-285.

A meu juízo, é fundamental aqui analisar-se a palavra grega *provfasin* - *prófasin* - (no caso acusativo, do nominativo *provfasiY* - *prófasis*), utilizada por Josefo e traduzida por *pretexto*. Liddell e Scott⁹⁷ apresentam a palavra *provfasiY*, como sendo em geral utilizada em sentido pejorativo como “um mero pretexto, uma aparência, um fingimento, uma simulação, uma desculpa, em especial empregado por Tucídides - paradigma de Josefo -, em oposição à *ai*tiva* - *aitía* - causa verdadeira”. Portanto, posso deduzir que ao empregar o termo *provfasin* - *prófasin*, Josefo simplesmente deixa de fornecer as causas responsáveis por este conflito. Reforçando este argumento, trago a seguir o último capítulo do primeiro Livro da conhecida obra de Tucídides *História da Guerra do Peloponeso*, onde em um mesmo trecho o ateniense

⁹⁷ LIDDEL and SCOTT'S. *Op.cit.*, p.p. 703-704.

emprega os dois termos “causas (ai*tiyai) e pretexto (provfasiY)” revelando a diferença entre ambos.

TEXTO VIII

*“Estas são as causas (ai*tiyai) e as diferenças que ocorreram para ambos os lados antes da guerra, tendo ela começado diretamente a partir dos fatos em Epidamo e Corcyra. Entretanto as duas partes continuaram a manter relações recíprocas e a se visitarem sem se anunciarem, embora sob suspeita. Na realidade a situação era de rompimento de alianças e pretexto (provfasiY) para guerrear.”*

Tucídides - *Histórias de Tucídides (História da Guerra do Peloponeso)*. I⁹⁸ - CXLVI⁹⁹

1.9 A Guerra Civil Judaica (66 - 70):

Dentro do período de tempo que testemunhou a guerra judaico-romana (66-73), desenrolou-se também na Judéia e sobretudo em Jerusalém, um outro conflito, desta vez local, uma guerra civil, que se iniciou praticamente junto com a outra e terminou quando Tito cercava Jerusalém, portanto estendeu-se de 66 a 70. Utilizando o mesmo critério empregado acima, a partir de opiniões ora divergentes e ora convergentes de vários estudiosos da Judéia Romana, busquei elaborar um quadro - em diferentes níveis de análise - que explique o que foi este conflito.

⁹⁸ Livro.

⁹⁹ Capítulo.

1.9.1 *As questões sócio-econômicas:*

Paul Johnson ¹⁰⁰, ao elaborar seus argumentos sobre bases sócio-econômicas, explica que uma das primeiras atitudes dos nacionalistas radicais, ao tomar Jerusalém, foi incendiar os arquivos do Templo, cujo escopo era a destruição dos registros de dívidas, em clara oposição aos ricos.

1.9.2 *As questões sócio-políticas:*

Uma vez mais Paul Johnson ¹⁰¹, ao construir seus argumentos sobre bases sócio-políticas propõe que na esteira dos acontecimentos iniciais da guerra contra Roma, ou seja: o litígio entre gregos e judeus em Cesaréia Marítima, a ambição do Procurador Floro face ao tesouro do Templo, a crueldade dos romanos contra Jerusalém e a paralisação dos sacrifícios em favor destes e de seu Imperador -, emergiram debates violentos que antagonizaram judeus moderados e judeus militantes, concluindo que a grande insurreição de 66 d.C. - isto é, a guerra contra Roma - foi uma guerra civil que atingiu a sociedade judaica.

André Paul ¹⁰² sobre bases sócio-políticas informa que após a queda dos Asmoneus e com o controle romano sobre a Judéia, pôde-se observar o reaparecimento de um velho

¹⁰⁰ JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Tradução de Henrique Mesquita e Jacob Volfzon Filho. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p.p. 145-146, 148.

¹⁰¹ Ibidem.

¹⁰² PAUL, André. *Op.cit.*, p.p. 227, 235, 250.

antagonismo entre duas tendências políticas da Judéia: a *progressista* - simpática à helenização e a *nacionalista* - que apoiava os Macabeus e os Asmoneus, acrescentando que após a morte de Herodes Magno, especialmente durante a época dos Prefeitos e dos Procuradores, foram registrados sérios conflitos urbanos na Judéia, onde judeus de uma mesma cidade separaram-se em tendências políticas que se opunham.

1.9.3 As questões sócio-político-religiosas:

Uma análise sócio-cultural da Judéia do século I d.C. leva ao encontro de três grupos judaicos distintos: os saduceus, os fariseus e os essênios (*Figura 1-4*)¹⁰³, os quais, segundo Mireille Hadas-Lebel¹⁰⁴, Josefo designou pela palavra grega *háiresis* e cuja melhor tradução é *escolha*. De fato, Liddel e Scott¹⁰⁵ informam que *háiresis* pode ser traduzida como *escola, seita religiosa*, como saduceus e fariseus - no Novo Testamento, *heresia* - em linguagem eclesiástica, contudo para Tucídides e Platão, a tradução é realmente *escolha*. Ainda a mesma autora acrescenta que Josefo igualmente se refere a estes três grupos como “filosofias”, termo voltado ao mundo greco-romano, familiarizado com escolas filosóficas.

¹⁰³ Mapa extraído de BARNAVI, Élie.(dir.) *História Universal dos Judeus – Da Gênese ao Fim do Século XX*. Coordenação de Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Cejup, 1995, p.42.

¹⁰⁴ HADAS-LEBEL, Mireille. *Flávio Josefo. O Judeu de Roma*. Tradução de Paula Rosas. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.p. 37-42.

¹⁰⁵ LIDDEL and SCOTT'S. *Op.cit.*, p. 22.

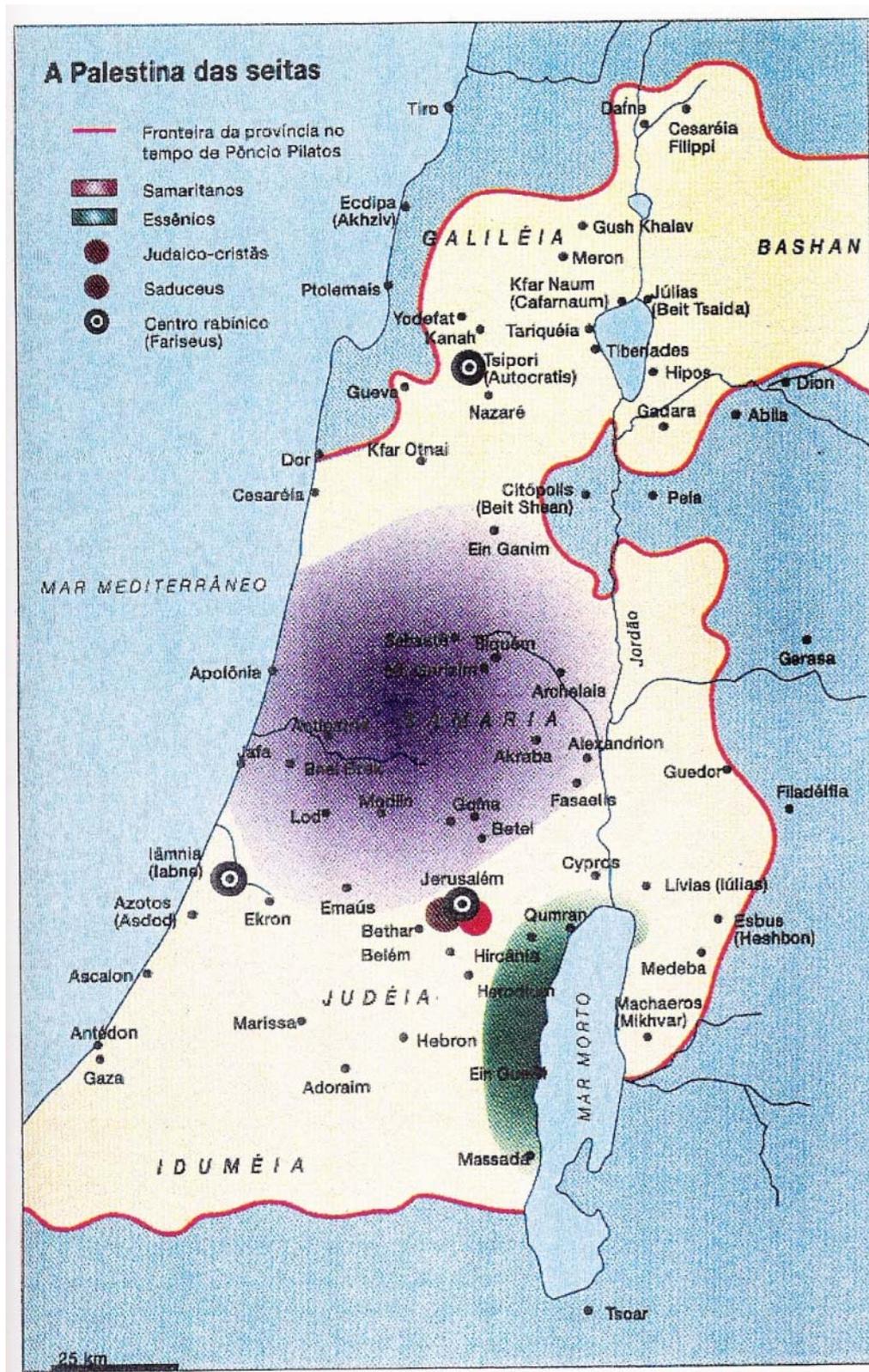


Figura 1-4: Os grupos religiosos na Judéia (amplo sentido) – séc. I d.C.

É ainda Mireille Hadas-Lebel quem explica que os fariseus tinham como ponto central de sua doutrina a imortalidade da alma, bem como interagiam o livre-arbítrio com a providência. Em contrapartida, os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma, logo não criam na ressurreição, e por fim os essênios se reuniam e se organizavam em comunidades homogêneas, ascéticas, sob rígidos padrões de comportamento, incluindo regras de iniciação e exclusão.

Maurice Sartre¹⁰⁶ fornece um quadro sócio-político da guerra civil judaica a ele acrescentando um fator religioso, informando, assim, que com relação às três grandes “*escolhas*” , “*seitas religiosas*” ou “*escolas*” perfeitamente constituídas dentro da sociedade judaica no século I d.C., suas posturas político-religiosas, frente à dominação romana, eram as seguintes: os essênios optaram por se isolar no deserto e aguardar, dentro das regras da תורה - *Torah* , o final dos tempos, que acreditavam iminente; que os fariseus, igualmente fiéis às determinações da תורה - *Torah*, eram conscientes de que sua obrigação era permanecer no seio da sociedade judaica; e que por fim, os saduceus - vinculados ao sacerdócio, ao Sumo Sacerdócio e às funções religiosas do Templo de Jerusalém - não se opunham a qualquer poder, portanto, ao controle romano da Judéia. Há

¹⁰⁶ SARTRE, Maurice. *Op.cit.*, p.369.

ainda um quarto grupo, cujo dogma central, segundo Goodman ¹⁰⁷ é a crença de que os judeus deveriam optar pela morte a ter que se submeter a outro senhor que não fosse seu Deus, sobretudo um mortal. Trata-se da chamada Quarta Filosofia, nascida do movimento de insurreição liderado por Judas de Gamala no ano 6 d.C, como ilustra passagem de Josefo a ser utilizada no *Capítulo Terceiro*.

Entretanto, afirma ainda Sartre ¹⁰⁸, que a ampla maioria dos judeus desejava um Estado-Nação independente, livre tanto do jugo da cultura helenística, quanto da exploração romana. Tal Estado, para alguns, poderia ser organizado por um estatuto de uma etnia, que portasse autonomia tributária, governado pelo Sumo Sacerdote e pelo Sinédrio, onde, entretanto, a conservação do domínio de Roma poderia ser eficaz para a preservação da ordem em áreas que sofriam a ação de ladrões, bem como para a proteção dos judeus face aos massacres, que lhes eram direcionados nas cidades gregas da região (*Figura 1-2*). Todavia, é óbvio que tal Estado, para ser realmente independente, não poderia contar com nenhuma forma de interferência romana.

Martin Goodman ¹⁰⁹ amparado em questões sócio-políticas e também tangenciando questões político-religiosas, disserta sobre uma luta de facções na classe dirigente judaica, que se desenvolveu ao longo da efêmera existência (67-70 d.C.) do que chamou de Estado

¹⁰⁷ GOODMAN, Martin. *Op.cit.*, p. 101.

¹⁰⁸ SARTRE, Maurice. *Op.cit.*, p.369.

¹⁰⁹ GOODMAN, Martin. *Op.cit.* capítulo 8, em especial p.p. 180-182m 210-211.

Judeu Independente, que portanto emergiu durante a guerra contra Roma, ou seja, quando o controle do Império sobre a Judéia encontrava-se afastado.

No campo religioso, Goodman mostra que a divisão dos judeus nas facções em guerra civil não guardava qualquer paralelo com o fracionamento desta comunidade nas *seitas religiosas - escolas, filosofias* ou *escolhas* então em vigor.

No campo político, Goodman lembra que o intuito de todas estas facções era basicamente o mesmo: a implantação de um Estado Judeu autônomo, informando ainda que a verdadeira explicação para o violento combate entre as facções era o desejo por um monopólio de poder em Jerusalém, onde os que estavam no comando pretendiam mais comando.

1.9.4 A pluralidade de líderes e facções:

Quanto à pluralidade de lideranças e facções em guerra civil, a partir das informações de André Paul, Paul Johnson e Martin Goodman, nas mesmas obras já citadas, pode-se identificar três grandes grupos: idumeus, sicários e zelotas e três grandes líderes: Eleazar (ou Eleezer) ben Simon, João de Giscala e Simão bar Giora, bem como outros grupos apenas reconhecidos como partidários destes líderes. Todos estes atuaram em uma política de alianças e rupturas ao longo da guerra civil, contudo em 70, quando Tito cercou Jerusalém, a cidade encontrava-se dividida em três áreas, cada qual ocupada por um destes líderes.

Assim, Eleazar (Eleezer) ben Simon encontrava-se na Antônia e no pátio interior do Templo; João de Giscala controlava a área externa do Templo e a Cidade Baixa, enquanto Simão bar Giora dominava a Cidade Alta. Entretanto, próximo do iminente ataque romano, contra o inimigo externo comum, todos os líderes se uniram. Para que se possa contemplar o cenário final desta guerra civil – Jerusalém -, abaixo seguem uma reprodução de maquete desta cidade e dois mapas da mesma, que indicam suas principais edificações e as zonas de ocupação das três grandes facções judaicas em luta interna (*Figura 1-5¹¹⁰, Figura 1-6¹¹¹ e Figura 1-7¹¹²*).

¹¹⁰ Maquete extraída de ISRAËL, Gérard e LEBAR, Jacques. *Quand Jérusalem Brûlait. En l'an 70, le 29 août*. Paris: Éditions Robert Laffont, 1970.

¹¹¹ Mapa extraído de JOSEPHUS. *The Jewish War*. - Livros I a VII, tradução do grego para inglês de H. ST. J. THACKERAY. Cambridge-Massachusetts e Londres: Loeb Classical Library - Harvard University Press, 1989.

¹¹² Mapa extraído de HADAS-LEBEL, Mireille. *Flávio Josefo. O Judeu de Roma*. Tradução de Paula Rosas. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 177.



Figura 1-5: Maquete de Jerusalém (século I d.C. – anterior ao ano 70).

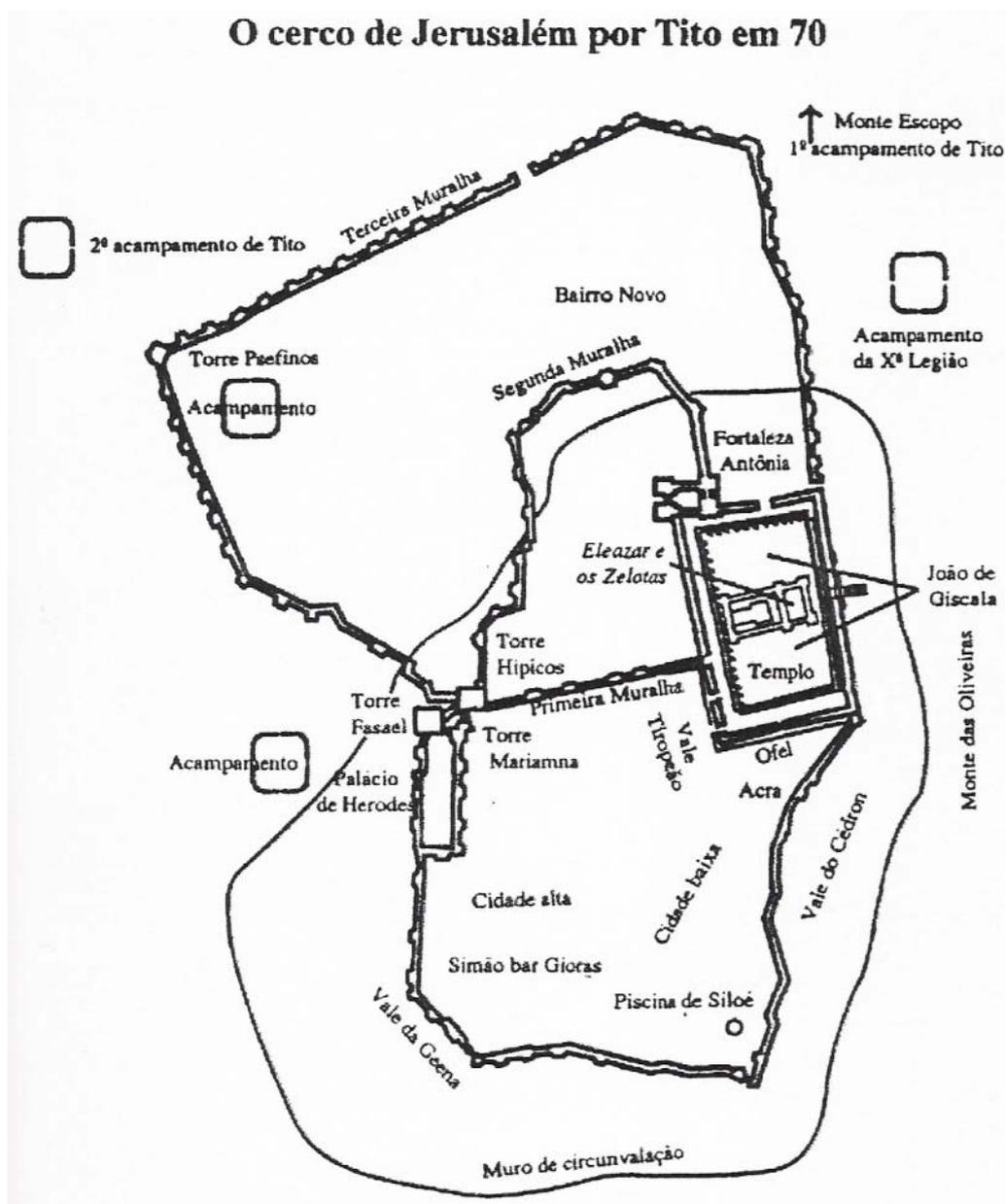


Figura 1-7: O cerco de Tito à Jerusalém (verão de 70 d.C.).

Com relação aos dois líderes judeus mais importantes - João de Giscala e Simão bar Giora, é necessário lembrar que, segundo Martin Goodman ¹¹³ tanto um quanto outro, apesar dos dados não os classificarem como membros da elite judaica, pelo tratamento dado por Tito a ambos após a guerra, nenhum deles pode ser considerado como pessoa não pertencente à classe dirigente judaica.

1.9.5 As questões da fonte primária:

Da mesma forma como elaborei a análise da guerra judaico-romana, com relação à guerra civil igualmente recolhi opiniões, desta vez todas divergentes, propostas por estudiosos da Judéia Romana, e busquei elaborar um quadro - em diferentes níveis de análise - do ambiente do conflito civil judaico. Neste sub-item trago as considerações de Josefo sobre esta mesma questão.

Em *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, Josefo informa sua crença de que a *stavsiY oi*kevia* - *stásis oikeia* -sedição doméstica/interna (guerra civil) judaica foi a responsável pela catástrofe que se abateu sobre a Judéia.

Narra portanto Josefo:

¹¹³ Idem, p.p. 204-206.

TEXTO IX

“...relatarei ... oferecendo meus próprios sofrimentos ao lamentar os infortúnios da minha pátria, porque a sedição interna (guerra civil) a destruiu...”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1 §§ 9-10.

Ainda na mesma obra, Josefo relata dois momentos desta guerra civil judaica, que julgo merecer destaque. O primeiro revela um conflito urbano (em Jerusalém) entre um grupo favorável à paz, portanto à ordem vigente, na prática o domínio romano, com outro que desejava a guerra contra o Império, logo anti-romano.

Narra Josefo:

TEXTO X

“...os mais poderosos, em companhia dos mais eminentes sacerdotes e todo aquele da população que amava a paz apoderaram-se da cidade alta, visto que a rebelião dominava a cidade baixa e o Templo.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 2 § 422.

O segundo mostra que a insurreição e o conflito de facções na Judéia iniciou-se em sua área rural e apenas posteriormente alastrou-se para a cidade de Jerusalém. Narra Josefo:

TEXT O XI

“Se por um lado efetivamente o povo (dh~mo Y, estava em tão grande confusão, por outro a população (o populacho) rural (thVn cwvran plh~qoY) já havia começado a se desunir antes da sedição em Jerusalém.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 4 § 129.

Aqui é relevante fazer-se uma observação. Bailly¹¹⁴, apresenta a palavra plh~qoY# plêthos também como “populacho, por oposição a povo - dh~mo Y# dêmos”, como utilizou Xenofonte em “Governo dos Atenienses” - 2, 18, e ainda informa que o termo plh~qoY# plêthos foi utilizado por Heródoto em “Histórias” - 3,81 e por Tucídides Em “História da Guerra do Peloponeso” - 1, 9, com valor de *multidão em oposição à aristocracia ou à realeza*. Portanto, é óbvio que não foi gratuita a escolha de Josefo destas duas palavras, de significação próxima, empregando-as em uma mesma passagem. O que ele quis revelar é que uma plh~qoY# plêthos - *multidão, nada aristocrata, o populacho, não o povo - dh~mo Y# dêmos* em seu todo, e em especial o *populacho rural - thVn cwvran plh~qoY - tèn chóran plêthos* - foi quem iniciou a sedição. Na realidade, a ratificar o fato de que Josefo apresentou a população rural como *nada aristocrata*, basta observar-se as

¹¹⁴ BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1968, p. 1570.

palavras que o autor empregou para se referir a esta camada da população no **texto II** - quando narrou as escaramuças entre Pilatos e os judeus, no caso dos estandartes com a imagem do Imperador Tibério. A expressão utilizada por Josefo foi “*th~Y cwvraY laovY*” - “*tês chóras laós*” - *o povo do campo (rural)*. Aqui, mais uma vez “*povo*” é representado por termo que diferencia a população geral da elite. Um dos sentidos da palavra “*laovY - laós*” apresentado por Liddell e Scott ¹¹⁵ é “*o povo, os homens comuns, em oposição a seus líderes*”. A partir dos dois últimos trechos acima transcritos, observo que Josefo descreve o surgimento da *stavsiY#i*keiva - stásis oikéia* - guerra civil dos judeus como se havendo iniciado na zona rural da Judéia e não em Jerusalém, e ali como tendo sido, ao menos no início, uma luta judaica entre de um lado insurgentes e de outro dirigentes - “*...os mais poderosos, em companhia dos mais eminentes sacerdotes...*” - que se uniram a “*... todo aquele da população que amava a paz...*”, o que confirma a tese de Martin Goodman de que Josefo tentou proteger a classe dirigente da qual fazia parte.

1.10 Epílogo:

Vale lembrar que após o ano 70 d.C., a situação dos judeus na Judéia tornou-se cada vez pior, atingindo contornos ainda mais trágicos e irreversíveis, quando após a segunda revolta contra Roma (132-135) esta, na pessoa do Imperador Adriano, levou a Judéia ao

¹¹⁵ LIDDEL and SCOTT'S. *Op.cit.*, p. 465.

fim, ao menos como entidade geo-política, uma vez que a região, cada vez menos habitada por judeus, já sob o forte efeito da diáspora, passou por ordens deste soberano, a chamar-se *Palestina*, no que considero, por conseguinte como o “*Ocaso da Judéia*”.

CAPÍTULO SEGUNDO

**FLÁVIO JOSEFO BEN MATTHIAS: Uma Etnia - Dupla
Identidade ?**

2.0 Preâmbulo

Uma vez apresentado o quadro conflituoso que se desenvolveu na Judéia sob a dominação romana, é necessário tecer alguns comentários sobre o homem que viveu neste período e que foi testemunha ocular das guerras judaico-romana e civil judaica. É importante ressaltar a etnia da qual faz parte, sua identidade individual, seu ofício de historiador e a importância de seu legado para os mundos judaico e romano.

2.1 Josefo - da Judéia à Roma:

Josefo é portador de uma trajetória dividida cronologicamente por uma guerra e marcada por sua participação em dois mundos – o judaico e o romano-oriental, leia-se de base grega. Viveu na Judéia desde seu nascimento em Jerusalém até a guerra judaico-romana (37 – 70) e em Roma do final da guerra, isto é, da queda do Templo e de Jerusalém, até sua morte (70 – cerca de 100).

2.1.1 A Trajetória: (Quadro 2-1)¹¹⁶:

<i>Curriculum vitae</i>	
Nome:	Josefo
Nome patronímico:	Matias
Tribo:	Levi (primeira classe sacerdotal)
Cidadania:	romana
<i>Tria Nomina:</i>	Titus Flavius Josephus
Data e local de nascimento:	Jerusalém, ano 3797 da criação do mundo, correspondente ao ano 1 do reinado de Calígula (37 da era cristã)
Funções exercidas:	sucessivamente general governador da Galiléia, intérprete, historiador (pensionista imperial)
Situação de família:	casado quatro vezes, três filhos: Hircano, Justo, Simônides-Agripa
Nível de instrução:	
– estudos judaicos:	
51-53:	círculos saduceus, farisaicos e essênios
53-56:	com o eremita Banus
– estudos gregos:	gramática, literatura
Línguas praticadas:	hebraico, aramaico, grego, latim
Serviços militares:	general na Galiléia, no exército judeano, do ano 12 ao ano 13 do reinado de Nero (66-67)
Domicílio:	residência de Vespasiano, Roma
Publicações:	<i>Guerra da Judéia</i> <i>Antiguidades judaicas</i> <i>Contra Apião</i> <i>Autobiografia</i>

Quadro 2-1: “*Curriculum Vitae*” de Flávio Josefo ben Matthias

¹¹⁶ Quadro extraído de HADAS-LEBEL, Mireille. *Flávio Josefo. O Judeu de Roma.*

Josefo, filho de Matthias, nasceu no ano 37 d.C. em Jerusalém, na Judéia. Mireille Hadas-Lebel,¹¹⁷ muito informa sobre a trajetória de Josefo (*Quadro 2-1*). Este judeu educado dentro das regras da תורה - *Torah* buscou, na adolescência conhecer cada *ai@resiY# háiresis* -, que como visto acima, é uma palavra de múltiplas traduções, como: *escola, seita, corrente religiosa, escolha* ou *filosofia* – então existente na Judéia, na verdade em número de três a *ai@resiY# háiresis* dos saduceus, a dos essênios e a dos fariseus. Entre dezesseis e dezenove anos, após ter conhecido cada uma das três, Josefo esteve no deserto junto ao eremita Banus, período ao final do qual o jovem optou por seguir a doutrina farisaica. Aos vinte e sete anos – no ano 64 – Josefo dirigiu-se a Roma com a missão, que foi bem sucedida, de libertar alguns sacerdotes.

Durante a guerra judaico-romana (66-74) é que se pode estabelecer um marco na trajetória de Josefo, que dividiu para sempre sua vida em dois períodos, o primeiro vivido na Judéia, o segundo em Roma; contudo, como se verá ao longo deste *Capítulo*, apesar de cidadão romano, ele nunca perdeu sua identidade judaica, nem deixou de ser parte integrante de seu grupo social de origem, estando sempre vinculado à etnia judaica. Indicado, ao final de 66, como general para defender a Galiléia, missão que desta vez não foi bem sucedida, com a queda da Fortaleza de Jotapata em 67, Josefo foi feito prisioneiro dos romanos.

É perante o então general Vespasiano, e também na presença do filho deste, Tito, que Josefo, segundo sua própria narrativa, diz a ambos que em breve serão os líderes de Roma. As palavras grafadas em sua primeira obra representam, a meu juízo, o exato divisor de águas da vida de Josefo, ou seja, o momento preciso em que ele, apesar de permanecer judeu, passa a ser parte do mundo romano, mais especificamente do mundo dos Flávios. Narra Josefo:

T E X T O X I I

“Vós sereis César, Vespasiano, vós sereis Imperador, vós e e vosso filho aqui.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 3 § 401.

Passa a ser parte dos mundos romano e Flávio, pois após tornar-se Imperador em 69, Vespasiano concedeu a Josefo a cidadania romana. Este ainda tornou-se intérprete e porta-voz de Tito junto aos judeus rebelados e sitiados em Jerusalém em 70 e, após a guerra, foi viver em Roma, sem mais retornar à sua terra natal. Embora já tivesse sido casado na Judéia, na realidade casou-se por quatro vezes. Em Roma Josefo foi pai de três filhos e, apesar do contato com a língua latina, desenvolveu seu trabalho de historiador escrevendo em língua grega, embora seus idiomas natais fossem o aramaico – língua corrente na Judéia – e o hebraico. Redigiu quatro obras: *“História da Guerra dos Judeus contra os*

¹¹⁷ HADAS-LEBEL, Mireille. *Op.cit.*, p.p.24, 37, 47, 54, 58,

Romanos”, “*Contra Apião*”, “*Autobiografia*” e “*Antigüidades Judaicas*” e por fim faleceu, por volta do 100.

2.1.2 O Nome:

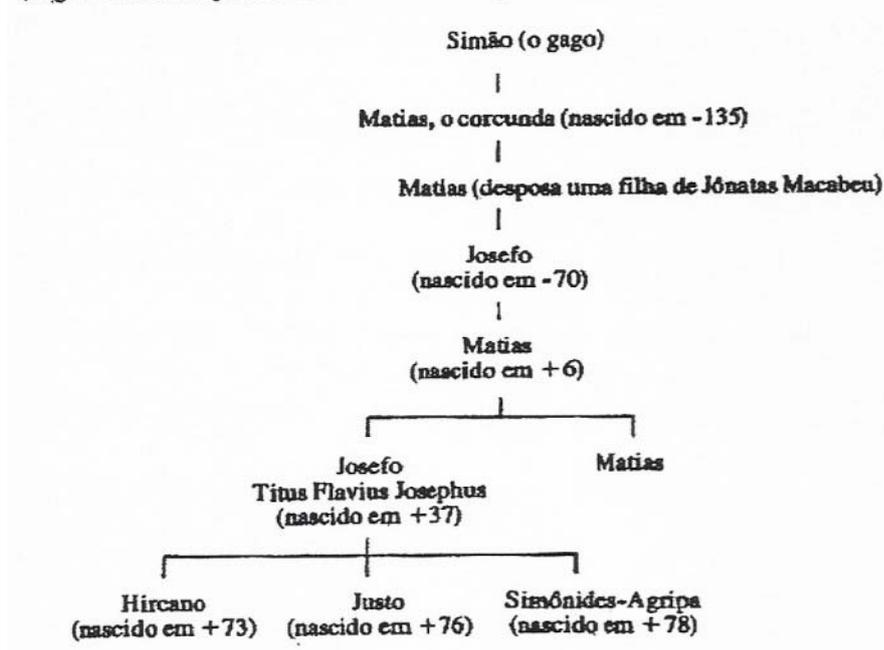
Segundo uma vez mais Mireille Hadas-Lebel¹¹⁸, de acordo com a tradição dos judeus, quando nasceu Josefo, a este foi dado o prenome de seu avô paterno, da mesma forma como a seu pai Matthias fora dado o do seu avô, bisavô de Josefo (Quadro 2-2)¹¹⁹. Este último se casara com uma filha de Jônathas Macabeu, fato que vincula Josefo aos irmãos Macabeus – responsáveis pela insurreição vitoriosa que afastou o domínio selêucida da Judéia – bem como o liga à dinastia asmonéia, que governara a Judéia totalmente independente entre os períodos de domínios helenístico-selêucida e romano (164 – 63 a.C.). Josefo, então, é descendente de líderes que lutaram pela liberdade da Judéia.

¹¹⁸ Ibidem, p.24.

¹¹⁹ Quadro extraído de HADAS-LEBEL, Mireille. *Flávio Josefo. O Judeu de Roma*. Tradução de Paula Rosas. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 21.

A genealogia de Flávio Josefo

(Segundo as indicações dadas em sua Autobiografia)



Quadro 2-2: A Genealogia de Josefo

Segundo Cláudia Andréa Prata Ferreira¹²⁰, o nome hebraico de origem de Josefo é הו יוסף בן מתתיהו - *Iossef / Yossef ben Matatiah* - *José ben (filho de) Matatias (Matias)*. יוסף - *Iossef / Yossef* significa “*que Deus ajunta; acréscimo de Deus*” מתתיהו - *Matatiah* significa “*Dom de Deus*”. *Matias* é abreviação haplológica de *Matatias*.

¹²⁰ Professora de Língua e Literatura Hebraicas do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras da UFRJ.

Ao apresentar-se no início de sua primeira obra *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, Josefo grafa em grego seu nome de origem hebraico, assim: *Iwvshpoy Matqivou Pai~ Y#D# Josépos Matthíou País - José filho de Matthias.

Na segunda metade de sua vida, após receber do Imperador Vespasiano a cidadania romana, novamente de acordo com Mireille Hadas-Lebel, Josefo teve seu nome modificado para *Titus Flavius Josephus*. (**Quadro 2-2**). Lucien Poznanski¹²¹, em discordância, defende que não se pode sustentar que Josefo tenha adotado o prenome *Titus* e prossegue afirmando que ele simplesmente utilizou a regra onomástica habitual de um recém-cidadão, incorporando a seu nome de origem *José*, o *nomen – nome de família* do Imperador, no caso de Vespasiano – *Flavius – Flávio*. Desta forma passou a chamar-se *Flavius Josephus* seu nome romano, assim grafado em latim.

Portanto a referência aos dois nomes de Josefo, o de origem e o de aquisição, ou seja, o hebraico - grafado em hebraico e grego- e o romano – grafado em latim -, foram propositalmente apresentados, para que se perceba, desde logo, o grau de envolvimento deste homem com estes três mundos – o judaico, o grego e o romano - fato que influenciou seu ofício de historiador. Aliás, em geral Josefo é apresentado como o maior dos historiadores judeus da Antigüidade, e, também em geral, como historiador romano, ou melhor, de Roma, é esquecido.

¹²¹ POZNANSKI, Lucien. *Op. cit.*, p.p. 115-116.

A partir dos nomes יהוסי - *Iossef / Yossef*; *Iwvshpoy - *Iósepos* e *Josephus* qual seria a correta tradução: *José* ou *Josefo* ?

No que concerne ao nome em hebraico, Cláudia Andréa Prata Ferreira¹²² ensina que *José* é a forma mais correta e usual de se traduzir יהוסי - *Iossef / Yossef*. Os nomes *Josefo*, *Joseph* e *Josef* são variantes. Com relação ao nome em grego, há duas grafias a serem analisadas. Inicialmente, aquela que consta da narrativa evangélica, logo de um relato escrito na mesma época da redação de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* (segunda metade do século I d.C.). Trata-se portanto de um nome em grego koinhv - *koiné* – comum. No início do relato de Mateus¹²³ (1,18) o evangelista ao tratar da origem de Jesus Cristo, cita sua mãe Maria que estava comprometida em casamento com *José*. Este nome no texto grego está grafado *Iwshvf – *Ioséf*. Ademais, F. Wilbur Gingrich, em obra específica acerca do Novo Testamento¹²⁴ indica que o nome *Iwshvf – *Ioséf* - traduz-se por *José*. É curioso, entretanto, que em sua primeira obra, Josefo grafe seu nome assim: *Iwvshpoy - *Iósepos*. Bailly¹²⁵, porém, informa que a palavra *Iwvshpoy -

¹²² Professora de Língua e Literatura Hebraicas do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras da UFRJ.

¹²³ *The New Testament*. Londres: Trinitarian Bible Society, 1994. (texto do Novo Testamento em grego).

¹²⁴ GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Tradução de Júlio P.T. Zabatiero. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p. 104.

¹²⁵ BAILLY, A. *Op.cit.*, p. 989.

Iósepos se traduz por *José* e indica tratar-se do nome do historiador. Por fim, como já referido acima, em Roma, a grafia latina do nome foi *Josephus*.

Pelo relatado, fica claro que o nome do historiador deveria ser *José* e não *Josefo*. Quem esclarece esta questão é Mireille Hadas-Lebel¹²⁶, que explica que a ortografia *Josefo* foi imposta no século XVIII pelo padre Hardouin, um jesuíta francês, com o objetivo de diferenciar o historiador dos “santos” homônimos. Então, o nome *Josefo* passou a ser utilizado para este historiador judeu. Seu nome, portanto, em português é *Flávio Josefo* e não *Flávio José*.

2.2 Etnia Judaica:

Para conceituar etnia, é necessário desenvolver-se uma análise dos termos gregos *εθνος* - *éthnos* e *γένος* - *génos*. Anthony D. Smith¹²⁷ informa que o primeiro é portador de grande extensão de uso, em geral entendido como *um conjunto de pessoas, que vivem e agem em coletividade*, lembrando porém que *estes indivíduos não obrigatoriamente precisam pertencer a uma mesma tribo ou a um mesmo clã*. Com relação ao segundo termo, o mesmo autor informa que em Heródoto pode-se encontrar *γένος* - *génos* como *povo, nação ou raça* ou ainda como *tribo – subdivisão de um*

¹²⁶ HADAS-LEBEL, Mireille. *Op.cit.*, p.12.

¹²⁷ SMITH, Anthony D. *The Ethnic Origins of Nations*. Oxford: Blackwell, 1986, p. 21.

e!qno Y-éthnos. É relevante informar que, segundo Liddell e Scott¹²⁸ o termo *gevno Y-génos*, foi utilizado por Platão como “*uma tribo como subdivisão do e!qno Y-éthnos*. Anthony D. Smith ademais afirma que não se percebe junto aos gregos a diferença entre *tribos* ou *nações*.

Abaixo trago três passagens de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*: Josefo emprega, na primeira e na segunda, o termo *gevno Y-génos*, na última a palavra *e!qno Y-éthnos*.

Ao referir-se a seu povo de origem, usa o termo *gevno Y-génos* e não *e!qno Y-éthnos*, como se vê do fragmento que ora transcrevo do **texto XXI**, que virá a seguir.

“... eu, por minha vez, Josefo, filho de Mathias, **um hebreu por raça (gevnei &Ebrai~oY)** um sacerdote de Jerusalém, ...”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1 §§ 1-3.

Ao referir-se a seu povo de origem, usa uma vez mais o termo *gevno Y-génos* e não *e!qno Y-éthnos*, como se vê do fragmento que ora transcrevo do **texto XVII**, que se encontra adiante.

“...Que eu não possa jamais viver para tornar-me tanto um prisioneiro abjeto quanto para **abjurar (abandonar) minha raça**”

¹²⁸ LIDDELL e SCOTT. *Op.cit.*, p.162.

(*pauvsomai tou~ gevnoY*) ou esquecer as tradições de meus antepassados!”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 6 §107.

Uma vez mais, refere-se a seu povo de origem, porém desta vez emprega o termo *e!qnoY-éthnos* e não *gevnoY- génos*, como se vê do fragmento que ora transcrevo do **texto III**, já apresentado.

“Desta cidade (Antióquia) ele (Petrônio) dirigiu-se às pressas para relatar a César sua expedição na Judéia e as súplicas da nação (*kaiV taVY i&kesivaY tou~ e!qnouY*), ...”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, 2 § 202.

Como sugeri na tradução acima, até mesmo para diferenciar os dois termos, *gevnoY* - *génos* é *raça* e *e!qnoY-éthnos* é *nação*. Qual seria, entretanto, a diferença entre ambos em sua utilização por Josefo, sempre se referindo a seu povo de origem ? O que se percebe, a meu ver, dos três fragmentos acima, é que nos dois primeiros, ou seja, quando Josefo utiliza a palavra *gevnoY- génos*, ele se refere a seu povo de origem, a partir de uma perspectiva individual, ou seja, ele, Josefo, pertence ao *gevnoY- génos* judaico; ao passo que, ao empregar o termo *e!qnoY- éthnos*, refere-se a seu povo de origem, agora a partir de uma perspectiva coletiva, isto é, o *e!qnoY- éthnos* judaico, todo o povo.

Anthony D. Smith¹²⁹ afirma ainda que o termo *γενοϑ* - *génos*, muito mais do que *εθνοϑ* - *étnos*, revela-se destinado a grupos alicerçados no parentesco; pelo contrário, *εθνοϑ* - *étnos* está associado às semelhanças culturais de um determinado grupo. Tratando da extensão do tema *etnia* e buscando definir a etnicidade, prossegue o mesmo autor¹³⁰ elencando seis elementos, os quais chama “*componentes da etnia*”, são eles: “*um nome coletivo; um mito de origem comum; uma história partilhada; uma cultura especial partilhada; uma associação com um território específico e um senso de solidariedade*”. Analisá-los-ei um a um, conectando-os ao povo judeu.

Um nome coletivo: segundo o autor¹³¹, ao longo da história, este elemento é o ponto de identificação de um etnia. Na Antigüidade dar nome a alguém ou a uma divindade era o mesmo que identificar a essência desta pessoa ou deus, algo que a reverência e o temor religioso proibiam e um bom exemplo dessa interdição, lembrado por Anthony D. Smith, encontra-se no judaísmo, onde o nome de seu Deus único é impronunciável. Como se vê na própria תורה - *Torah*, a divindade se revelou sem dizer um nome, como informa o texto abaixo, razão pela qual o nome de Deus é representado pelo tetagrama - יהוה - *YHWH* e, como dito acima não pode ser pronunciado.

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ SMITH, Anthony D. *Op.cit.*, p.p. 22 – 30.

¹³¹ Ibidem, p. 22.

TEXT O XIII

“E disse Moisés a Deus: Eis que quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: o Deus de vossos pais enviou-me a vós, e dirão para mim: - Qual é o seu nome? – Que direi a eles? E disse Deus a Moisés: Serei O que serei. E disse: Assim dirás aos filhos de Israel: “Serei” enviou-me a vós.”

שְׁמוֹת - *Shemot* - Êxodo, 3, 13-14.

O mesmo autor lembra que em regra geral não há etnias sem nome; contudo, na África, pequenos grupos étnicos só foram registrados por etnógrafos modernos que distinguiram tais grupos de outros, vizinhos, através do nome. Um outro exemplo que envolve os judeus e lembrado por Anthony D. Smith: é o caso de um grupo africano, que se considera ligado à casa de Israel, embora afastado dos demais Israelitas por séculos, mas sempre considerando a terra de Israel como seu centro religioso. Para seus vizinhos eles são “*exilados, estrangeiros*”, “*Falashas*”, na língua amárica; os próprios “*Falashas*”, porém, nomeiam-se “*Beta Israel*”.

Um mito comum de origem: de acordo com o autor¹³² um mito de origem procura esclarecer dúvidas acerca da semelhança entre determinadas pessoas, que se unem em uma

¹³² Ibidem, p. 24.

mesma comunidade. A explicação repousa no fato de serem oriundas de um mesmo lugar, de uma mesma época, e de serem descendentes de um mesmo antepassado. Esta explicação, segundo Smith, converge a idéia de viver em coletividade com a de partilhar cultura semelhante, componentes do termo *εὐγενής- éthnos*.

Retomando o texto do שמות - *Shemot* - Êxodo, no prosseguimento imediato do acima transcrito, observa-se registrado os três primeiros patriarcas hebreus, segundo a narrativa da תורה - *Torah*: Abraão, Isaac e Jacó (ou Israel).

TEXT O XIV

“ E disse ainda Deus a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Eterno Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob enviou-me a vós.”

שמות - *Shemot* - Êxodo, 3, 15.

Segundo John Bright¹³³ Abraão, Isaac e Jacó (ou Israel) devem ser reconhecidos com toda a certeza como indivíduos históricos reais. Ainda que eles sejam considerados personagens históricos, não se pode afirmar isto em totalidade, pois no caso dos patriarcas, a eles foi atribuído um papel mítico, ou seja, fundadores de uma nação.

¹³³ BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução: Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 116.

Uma história compartilhada: como informa Anthony D. Smith¹³⁴ uma história comum vincula gerações que se seguem, cada uma das quais fornecendo suas próprias experiências à linhagem comum, ou em resumo, a sucessão histórica auxilia experiências posteriores.

Uma cultura característica compartilhada: o autor¹³⁵ sustenta que as etnias se diferenciam a partir de elementos culturais, os quais ao mesmo tempo que unem seus integrantes, também os afastam dos estrangeiros. Para Anthony D. Smith os pontos mais comuns dessa cultura compartilhada são a língua e a religião, contudo também as leis, as instituições, os costumes, vestuário, culinária, música, arte e arquitetura têm sua influência como elementos, seja de coesão, seja de dispersão das etnias.

Com relação à religião, o historiador Élie Barnavi¹³⁶ afirma que a תורה - *Torah* pode ser apresentada como a constituição sagrada dos hebreus, do povo, não do Estado, que se constituiu como lei divina, gerada a partir do Deus único יהוה - *YHWH*, reguladora ainda de todo o povo de Israel, sendo por conseguinte o judaísmo sua religião nacional. No que concerne à língua, na Antigüidade, lembro a importância do hebraico – língua sagrada

¹³⁴ Ibidem, p. 25.

¹³⁵ Ibidem, p. 26.

¹³⁶ BARNAVI, Élie (dir). *História Universal dos Judeus - Da Gênese ao Fim do Século XX*. Tradução de Beatriz Sidou (coord.) et alli. São Paulo: Cejup, 1995, p. 18.

para os judeus, utilizada para escrever a maioria dos livros da Bíblia judaica - e do aramaico – que se encontra na redação de alguns textos bíblicos.

Uma assosiação com um território específico: Anthony D. Smith ¹³⁷ registra que a etnia sempre está vinculada a um território, que considera seu. O grupo étnico pode viver ali, porém isto não é necessário, ou seja, ele não tem que ter a posse da terra, o que de fato é fundamental é que haja um espaço geográfico simbólico, sagrado, como se fosse um lar, para o qual se possa, ainda que de forma simbólica, retornar, mesmo que os integrantes deste grupo estejam em dispersão pelo mundo ainda que há muitos séculos. A etnia não perde sua essência quando seus integrantes estão espalhados por outros territórios, privados de seu lar, já que a etnicidade compõe-se de mitos, memórias, valores e símbolos, não necessitando de possessões materiais ou poder político, e são estes dois últimos elementos que exigem um lugar, um território, para que sejam postos em prática. Para o autor o território é de extrema importância para a etnicidade, uma vez que há uma simbiose entre a terra e seu povo.

Com relação ao acima dito, isto é, a ocupação de um território por uma etnia e o retorno da mesma a este espaço geográfico, não perdendo de vista que o período que estudo é anterior à diáspora maciça – iniciada em 70 d.C. mas em plena atividade a partir de 135 d.C. –, posso fazer alguns comentários. É muito forte a ligação dos judeus com a terra de *Israel* ישראל e depois *Judah e Judéia* - ambas sendo a mesma palavra hebraica יהודה -

Iehudah, como já explicado. Naquela oportunidade, indiquei que afirmou André Paul¹³⁸, que devido à sua etimologia, o nome Judéia era portador, para os judeus, de um valor quase patronímico, visto que estava diretamente vinculado a Judah, filho de Jacó - ou Israel -, logo bisneto de Abraão, considerado pela tradição judaica como o primeiro patriarca hebreu. Além disso a própria תורה - *Torah*, uma vez mais no שמות - *Shemot* - Êxodo, revela que Deus - יהוה - *YHWH* –encaminhou o povo hebreu a uma terra especial, como se vê a seguir:

TEXTO XV

“E disse o Eterno: Tenho visto a aflição do meu povo que está no Egito e o seu clamor ouvi por causa de seus fiscais de trabalho, porque conheci as suas dores. E desci para o livrar do poder do Egito e para o fazer subir daquela terra, para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que emana leite e mel; para o lugar do Cananeu e do Hiteu e do Amoreu e do Periseu e do Heveu e do Jebuseu.”

שמות - *Shemot* - Êxodo, 3, 7-8.

Vale observar que a terra dos cananeus – Canaã - foi ocupada pelas tribos de Israel e que quando Davi conquistou Jerusalém, a cidade pertencia aos jebuseus. Após o exílio de quase meio século (587– 539 a.C.) na Babilônia, com a autorização do rei persa Ciro, os judeus, apenas parte, retornaram à Judéia. Neste período, a manutenção simbólica de seu

¹³⁷ SMITH, Anthony D. *Op. cit.*, p. 28.

¹³⁸ PAUL, André. *Op.cit.*, p.p.94-96.

lar – Judah - e seu centro de peregrinação sagrado – Jerusalém - os manteve unidos, apesar da falta do domínio do território, e por conseguinte da autodeterminação política, devido à ocupação babilônica e da destruição do Templo de Salomão, só reerguido após o retorno, sob os Aquemênidas.

Um senso de solidariedade: Por fim, o autor¹³⁹ mostra que uma etnia, além de estar vinculada a todos os cinco ítems acima, também é uma comunidade com noções precisas de identidade e solidariedade.

2.3 Identidade de Flávio Josefo:

Uma vez feita a análise da etnia judaica, passo agora a refletir acerca da pessoa de Josefo e da formação e cristalização de sua identidade. De acordo com o antropólogo Gilberto Velho¹⁴⁰, a antropologia vem recentemente desenvolvendo amplos estudos acerca do tema da identidade, a partir de reflexões sobre a questão da diferença.

2.3.1 Josefo: Identidade por Auto-Reconhecimento:

Carmelo Distante¹⁴¹ sustenta que a identidade sócio-cultural de um indivíduo revela-se na capacidade que ele tem de reconhecer o modo de ser e de se expressar de um povo

¹³⁹ SMITH, Anthony D. *Op. cit.*, p. 29.

¹⁴⁰ VELHO, Gilberto. “Memória, Identidade e Projeto”, in VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994, p. 97.

¹⁴¹ DISTANTE, Carmelo. “Memória e Identidade”, in *Op. cit.*, p. 81.

com os seus próprios. Portanto, com relação à pessoa de Josefo, lembre-se, um judeu portador de cidadania romana, torna-se fundamental estabelecer o processo de cristalização de sua identidade, sobretudo por seu próprio auto-reconhecimento perante o modo de vida dos dois povos nos quais se inseriu.

Em outras palavras, a partir de seu histórico de vida, Josefo se considerava judeu ou romano ? Parece que nada melhor do que as próprias palavras do autor para responder a tal indagação. Eis aqui dois pequenos excertos do início de sua primeira e mais importante obra, *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, sendo que o primeiro é parte do **texto XXI**, parte esta que já foi apresentada acima e virá também a seguir.

“... eu, por minha vez, Josefo, filho de Mathias, um hebreu por raça (gevnei &EbraioŸ) um sacerdote de Jerusalém, ...”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1 §§ 1-3.

T E X T O X V I

“...em minhas reflexões sobre os acontecimentos, eu não posso ocultar meus sentimentos particulares, nem recusar minha pessoal solidariedade em prantear as desventuras de meu país...”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1 §§ 9-10.

Já pelos curtos fragmentos de autoria de Josefo, acima transcritos, torna-se bastante transparente o fato de que ele se reconhecia como judeu, e nunca como romano, não só por uma mera leitura de suas palavras, mas também porque ele mesmo revela que sua ascendência e prática religiosa eram aquelas dos judeus, jamais as dos romanos.

2.3.2 Josefo: Identidade por Origem e por Aquisição:

Gilberto Velho¹⁴² mostra que há duas dimensões bastante diversas acerca da identidade individual. A primeira diz respeito àquela de origem, ou seja, determinada sobretudo pela etnia. A segunda está vinculada a uma aquisição efetuada graças a uma trajetória, que implica em escolhas e opções.

Tais afirmações teóricas do antropólogo são totalmente pertinentes à vida de Josefo, que nasceu judeu e na metade de sua existência recebeu a cidadania romana, como se pode constatar de todo o raciocínio desenvolvido acima. Entretanto, como se pôde observar e como se verá, com base em sua própria narrativa, Josefo não se apresentou como romano e, de fato, sempre foi judeu.

Lucien Poznanski¹⁴³ sustenta não se poder alegar que Josefo abandonara suas raízes judaicas; pelo contrário, apesar de cidadão romano, Josefo permaneceu a serviço de seu Deus.

Reforçando tal postura, ou seja, a de que a identidade de origem era mais forte do que a adquirida, Tessa Rajak¹⁴⁴ indica que Josefo nunca deixou de ser judeu e, como

¹⁴² VELHO, Gilberto. “Memória, Identidade e Projeto”, in *Op. cit.*, p.p. 97 e 101.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 117.

¹⁴⁴ RAJAK, Tessa. *Josephus. The Historian and his Society*. London: Duckworth, 1983, p.p. 11-12.

escritor, manteve-se vinculado ao judaísmo, apesar de por vezes ter-se posicionado diplomaticamente em direção às questões romanas, afirmando ainda que seu pensamento sofria múltiplas influências, sendo aquelas provenientes de Jerusalém bastante relevantes, já que qualquer indivíduo, no entender da autora, é moldado pelos padrões da educação que recebeu; sustenta igualmente que Josefo, como homem de letras, não se afastou da educação de sua infância, e acrescenta que não buscou tornar-se um romano, apesar da cidadania que lhe foi concedida pelo Imperador.

Tais afirmações são amparadas em uma pequena passagem próxima do final de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, e a partir da qual a mesma historiadora sentencia que Josefo manifestou intenção de manter, enquanto vivesse, vínculos de lealdade, não apenas com relação à seu grupo social de origem, como também às tradições deste povo. A passagem à qual a autora se refere, e que se encontra abaixo transcrita, refere-se ao momento do cerco final de Jerusalém, quando Tito e suas tropas avançaram contra a Fortaleza Antônia - edificação vizinha ao Templo -, relato este que traz as palavras pronunciadas pelo próprio Josefo - quando porta-voz do comandante romano - dirigidas ao líder revoltoso judeu João de Giscala.

TEXT O XVII

“...contudo eu posso ainda te garantir o perdão dos romanos. Lembra-te, também, que eu que o admoesto sou teu compatriota, que eu que faço esta promessa sou um Judeu... Que eu não possa jamais viver para tornar-me tanto um prisioneiro abjeto quanto para abjurar (abandonar) minha raça ou esquecer as tradições de meus antepassados!”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 6 § 107.

2.3.3 *Josefo: Identidade pela Alteridade:*

Na identidade por auto-reconhecimento, Josefo se via como judeu, com relação às identidades por origem e por aquisição, ele teoricamente poderia ter oscilado entre as duas e nelas se apoiado - a judaica e a romana; mas como visto, não o fez, porque vinculou-se à judaica. Por fim, em confronto com outros povos, não se reconheceu como pertencente a um deles, no caso gregos ou romanos, como se vê do fragmento abaixo, parte do início da obra.

TEXT O XVIII

“E eu ... que sou estrangeiro (de outra tribo) (ἀλλοφυλοῦς) dedico a memória dos feitos tanto a gregos quanto a romanos.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1 § 16.

Fica portanto claro que Josefo se via como um judeu, esta era sua verdadeira identidade.

2.4 Flávio Josefo: um Judeu em Roma:

Para que se possa analisar a relação entre Josefo, sua identidade pessoal e sua trajetória, sobretudo a segunda metade dela, ou seja, sua vida em Roma, é necessário verificar-se inicialmente como os judeus (e em seguida Josefo) lá se inseriram. É Martin

Goodman¹⁴⁵ quem apresenta este quadro. Lembra o autor que, desde meados do século I a.C., pode-se detectar a existência de uma comunidade judaica em Roma, acrescentando ser factível afirmar que tal comunidade estava integrada à sociedade romana e que os judeus se identificavam, ao menos parcialmente, com a cultura romana. Isto porque a maior parte deles era de cidadãos romanos. Estes se entendiam como romanos de fé judaica, isto é, portadores de uma dupla identidade. O mesmo autor prossegue afirmando que, após a guerra judaico-romana, houve um abalo neste equilíbrio: alguns judeus romanos mais integrados à sociedade romana rejeitaram o judaísmo, querendo doravante ser considerados puramente romanos. Entretanto, outros, mantendo sua dupla vinculação romano-judaica, preservaram sua prática religiosa ancestral: o porta-voz deste grupo era Josefo, visto provavelmente pelos judeus como um defensor de seus interesses, por sua relevância sócio-política em Roma.

Com relação à Josefo, Goodman¹⁴⁶ afirma que, sem dúvida, apresentou-se como um judeu devoto, ainda que poderia ter-se identificado com Roma, ter reforçado sua identidade romana, porque sabia que era possível que estrangeiros, como ele, se identificassem com o Império Romano, apenas pelo fato de serem portadores de sua

¹⁴⁵ GOODMAN, Martin. "Josephus as Roman Citizen", in *Josephus & the History of the Greco-Roman Period*. Leiden: E.J.Brill, 1994, p.p. 329-332.

¹⁴⁶ Idem, p. p. 333 - 336.

cidadania. O mesmo autor¹⁴⁷ lembra, entretanto, que Josefo não se apresentava como um romano e julgava sua cidadania uma mera honra concedida pelo Imperador; e com relação à sua produção historiográfica, diz que Josefo era mais um autor judeu do que romano. De fato sim, mas sua relevância como historiador de Roma deve ser apontada e este é o tema do próximo sub-item.

2.5 Flávio Josefo: o historiador judeu da Judéia e de Roma:

Mireille Hadas-Lebel¹⁴⁸ lembra que Josefo é conhecido como um historiador judeu, eventualmente grego, devido à língua utilizada na redação de suas obras; entretanto, nunca é apresentado como um historiador romano. Esta posição, porém, é frontalmente contestada pela autora, na medida em que ela sustenta que Josefo é um historiador romano e exemplifica recordando que, em **Ioudai>khV *Arcailogiva - Ioudaikè Archaiología - Antigüidades Judaicas*, 18-20¹⁴⁹, é possível encontrar-se relatos não apenas unicamente voltados para a história romana, bem como mais detalhados do que trechos de Tácito e Suetônio.

¹⁴⁷ Idem, p.p. 336-337.

¹⁴⁸ HADAS-LEBEL, Mireille. “Flavius Josephus, Historian of Rome”, in *Josephus & the History of the Greco-Roman Period*. Leiden: E.J.Brill, 1994, p. 97.

¹⁴⁹ Livros.

Hadas-Lebel¹⁵⁰ informa que de início, pelo fato de Josefo ter participado e assistido de muito perto a guerra judaico-romana, parte da história de Roma, ele forneceu aos historiadores deste Império grande quantidade de informações. A autora aponta três exemplos: (i) em Tácito, um opositor ao judaísmo, não se encontra relatada a proteção que o Imperador Cláudio (que reinou de 41 a 54) ofereceu a Agripa I. E tal informação, para ela, é de vital importância porque não se trata apenas de fato que pertence à história judaica, mais sim de episódio que também faz parte do estudo das relações do Império com seus súditos; (ii) o relato da morte de Tibério (que reinou de 14 a 37) e sua sucessão é bem mais minucioso em Josefo do que em Tácito ou Suetônio; (iii) a ascensão de Vespasiano ao trono (69) tem em Josefo uma testemunha ocular, e foi primeiramente narrada por ele em 75 (*História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, 4, §§ 616-620), seguido do relato de Tácito em 106 (*Histórias*, 2.81) e do de Suetônio em 120 (*Vespasiano*, 6). Para a autora, a narrativa de Josefo é literariamente melhor e mais convincente do que a dos outros dois.

2.6 Epílogo:

O que se percebe neste *Capítulo Segundo* e na trajetória de Josefo é que, apesar de pertencer à etnia judaica, era portador de duas identidades, a primeira por origem e a segunda por aquisição, graças à cidadania que lhe foi concedida pelo Imperador

¹⁵⁰ Ibidem, p.p. 103-105.

Vespasiano. Embora fosse um historiador da Judéia, também o era de Roma. Por fim, ainda que pudesse ter-se considerado um romano, sempre se entendeu como um judeu, ainda que dividido entre Judéia e Roma.

CAPÍTULO TERCEIRO

HISTÓRIA DA GUERRA DOS JUDEUS CONTRA OS

ROMANOS: Quádrupla Ambigüidade

3.0 Preâmbulo

Após a queda de Jerusalém no início do outono de 70 d.C., Josefo partiu para Roma, nunca mais retornando à sua terra natal. Lá, já cidadão do Império, residindo na antiga casa do Imperador Vespasiano e recebendo uma pensão do Estado, passou a dedicar-se ao ofício de escritor; na realidade sua pretensão, desde então, já era a de se tornar historiador. Tanto assim que, logo após a guerra, e ainda no reinado deste mesmo líder, elaborou um relato que tratava da história da Judéia desde o fim do domínio selêucida - primeira metade do século II a.C. - até a queda de Massada - 73 d.C. -, último foco de resistência judaica no interior da Judéia. Tal narrativa, tornada pública entre 75 e 79 d.C., foi a primeira de quatro grandes obras de Josefo e é caracterizada por uma quádrupla ambigüidade – no nome, na origem, na estrutura e no conteúdo - que emerge nitidamente nos três primeiros parágrafos da obra, como se verá -, e tamanha é sua importância para esta Dissertação, que se tornou um de seus capítulos. Trata-se, pois de **Istoriva **Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY - Istoría Ioudaïkou Polémou pròs Romaious - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* ou *Periv Tou~ *Ioudai>kou~ Polevmou - Perì Toû Ioudaïkoû Polémou - No Concernente à Guerra dos Judeus*, em geral conhecida por *Guerra Judaica*.¹⁵¹

¹⁵¹ Estes dois títulos serão tema de análise do item *Ambigüidade de Conteúdo*.

3.1 Os idiomas da obra - aramaico e grego:

Com relação aos dois idiomas, H. St. J. Thackeray¹⁵², após chamar a atenção para as primeiras linhas - **texto XXI** a seguir -, onde Josefo informa que a narrativa em grego fora precedida de outra em aramaico, revela que a versão aramaica se perdeu e que, ao contrário do que afirma Poznanski - ou seja, que apenas se preservou até nossos dias a tradução deste relato para a língua grega -, o texto grego não é uma tradução literal do anterior, pois nele não se encontra qualquer sinal de linguagem semítica, portanto, para Thackeray a narrativa aramaica foi praticamente reescrita.

O grego registrado nesta obra não se apresenta em sua configuração própria do século I d.C. - data de sua redação -, a forma comum - $\kappa\omicron\iota\eta\nu\upsilon$ - *koiné*. André Paul¹⁵³ esclarece que, a partir do avanço de Alexandre Magno para o Oriente e até o período bizantino, a língua grega que floresceu por todo o Mediterrâneo Oriental e o Oriente Próximo: era a chamada língua comum - $\kappa\omicron\iota\eta\nu\upsilon$ - *koiné*, que foi empregada a nível político-administrativo, bem como educacional e comercial. Dependendo da região de sua atuação, esta versão da língua grega predominava sobre o idioma antes falado, ou não. No caso da Judéia coexistiram no século I d.C. o grego, basicamente falado pelos de origem helenística, e o aramaico, essencialmente usado pelos judeus, e ainda o hebraico, língua da

¹⁵² Idem, p.p. ix e x.

¹⁵³ PAUL, André. *Op.cit.*, p. 19.

elite judaica. Conclui este autor afirmando que a *koinhv* - *koiné* era uma versão simplificada do dialeto ático, mesclado com elementos jônicos.

É ainda Lucien Poznanski¹⁵⁴ quem lembra que o grego de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* tem uma forma ática, cópia do grego clássico de Tucídides e não os traços do chamado grego comum - *koinhv* - *koiné*, utilizado por Políbio, da época helenística. De acordo com Poznanski tal atitude foi proposital, já que Josefo pretendia posicionar-se como grande historiador, seguindo seu paradigma - Tucídides -, cuja trajetória e produção historiográfica se assemelham à de Josefo, razão pela qual as narrativas sobre as Guerras do Peloponeso e dos Judeus contra Roma terão uma análise em paralelo, à frente. Martin Goodman¹⁵⁵ reforça que Josefo segue o modelo historiográfico de Tucídides. Uma vez mais, Thackeray¹⁵⁶ diverge de Poznanski, - não quando afirma que *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* é uma obra literária, que se constitui em um exemplo de texto grego aticizado, considerado de bom gosto no século I d.C., grego este que foi proposto pela escola que pretendia reviver a forma da língua do período clássico ao mesmo tempo que deter o avanço do emprego da *koinhv* - *koiné* -, mas sim, quando afirma que o grego de Josefo segue um estilo clássico, sem ser, contudo, uma repetição, uma cópia do modelo clássico.

¹⁵⁴ POZNANSKI, Lucien. *Op.cit.*, p. 119.

¹⁵⁵ GOODMAN, Martin. *Op.cit.*, p. 33.

¹⁵⁶ THACKERAY, in Introduction, *Op.cit.*, p.p. xiii e xiv.

Analisando-se esta obra emergem alguns exemplos do distanciamento lingüístico em relação aos padrões clássicos. Um caso a ser citado é o superlativo da palavra a*gaqovY - *agathós* - bom utilizado por Josefo, não em sua forma clássica - a!ristoY - *áristos* - ótimo / melhor, porém em uma versão mais simplificada, resultado da adição de a*gaqovY - *agathós* com o sufixo que indica superlativo taton - *taton* (na forma neutra), ou seja, a*gaqwvtaton - *agathótaton*, registro que se encontra no *Livro 2*, § 277.

Outro caso que merece relevância é o emprego de um verbo que é registrado por Bailly¹⁵⁷ como unicamente utilizado por Josefo nesta obra, trata-se de prodiévsth - *prodiéste*, que está no *Livro 4*, § .129 - **texto XI** -, que vem de prodiiv>sthmi - *prodiístemi*, cujo significado é *ter começado a se desunir, estar já em dissensão*.

3.2 Ambigüidade no Título:

O primeiro nível de ambigüidade que desejo comentar neste capítulo é o que se encontra no título da obra, que em geral é conhecida como *Guerra Judaica*, mas que na realidade é portadora de dois títulos fornecidos por Josefo: um no corpo da própria narrativa e outro em relatos posteriormente por ele escritos.

¹⁵⁷ BAILLY, A. *Op.cit.*, p. 1632.

Como lembra Thackeray¹⁵⁸, em suas obras subseqüentes Josefo se refere a esta narrativa como *PeriV Tou~ *Ioudai>kou~ Polevmou - Peri Toû Ioudaïkoû Polémou - No Concernente à Guerra dos Judeus*, ao passo que no início do primeiro Livro está grafado *&Istoriva **Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaïvouY - Istoría Ioudaïkoû Polémou pròs Romaíous - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. Laqueur¹⁵⁹ sugere que a primeira forma acima revela o ponto de vista romano de Josefo; e é ainda Thackeray¹⁶⁰ quem diz que a segunda forma pode ser uma tentativa de Josefo no sentido de amenizar o aspecto ofensivo da anterior.

Em minha opinião, o primeiro título é mais genérico, pois não esclarece com precisão a que guerra dos judeus se refere, por exemplo contra quem eles lutam; contudo, há de fato no título, um ponto de vista romano do conflito, onde a ênfase da ação está contida muito mais na guerra do que no povo judeu, ou seja, houve uma guerra dentro do Império Romano, neste caso envolvendo os judeus. O segundo título é mais específico, já que nele sabe-se de que guerra se está tratando, por exemplo, contra quem se combate, e há uma inclinação para o ponto de vista judaico do litígio, onde a ênfase da ação está presente

¹⁵⁸ THACKERAY, H. ST. J., “Introduction”, in JOSEPHUS. *Op.cit.*, p. vii.

¹⁵⁹ LAQUEUR, “Der jüd. Historiker Flavius Josephus”, Giessen, 1920, p.p. 98 e 255, APUD THACKERAY, H. ST. J., “Introduction”, in JOSEPHUS. *Op.cit.*, p. vii.

¹⁶⁰ *Ibidem*.

bem mais no povo judeu em guerra , do que na guerra em si, isto é, os judeus promoveram uma guerra dentro do Império contra os romanos.

3.3 Ambigüidade na Origem:

O segundo nível de ambigüidade que desejo ressaltar neste capítulo é o que se encontra na origem da obra, e que se pode compreender a partir da trajetória de Josefo, apresentada no *Capítulo Segundo*, que revelou um homem dividido entre Judéia e Roma.

Josefo esforça-se em justificar a redação de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, alegando que era necessário que não só os judeus, mas também os povos vizinhos no Oriente Próximo e ainda gregos e romanos, soubessem da verdade dos fatos sobre tal conflito bélico. Em contrapartida, a bibliografia recente, baseada inclusive no próprio discurso de Josefo, insiste que esta narrativa foi elaborada com objetivo de “propaganda” da dinastia Flávia. É sobre esta ambigüidade na origem da obra, que passo a dissertar.

3.3.1 Verdade ou “Propaganda” ?

Paul Johnson¹⁶¹ afirma que Josefo, no início de suas atividades como escritor, foi um defensor dos romanos. Seth Schwartz¹⁶² sustenta que entre 71 e 72 - portanto após a

¹⁶¹ JOHNSON, Paul. *Op.cit.*, p. 147.

¹⁶² SCHWARTZ, Seth. *Josephus and Judean Politics*. Leiden: E.J. Brill, 1990, p.p. 9 - 13.

queda de Jerusalém - Vespasiano reestruturou as fronteiras orientais de Roma e, na esteira desta política voltada para o Oriente, este mesmo Imperador encarregou Josefo de elaborar em aramaico uma obra com contornos de “propaganda”, cujo tema fosse a revolta dos judeus, destinada a partas, babilônios, árabes, aos habitantes de Adiabene e aos judeus que viviam à leste do Eufrates, afirmação oriunda da própria narrativa de Josefo, concluindo que naquele momento ele demonstrava sua submissão a seus patronos romanos - os Flávios - pois tornara-se um fiel propagandista dos mesmos. Tessa Rajak¹⁶³ lembra que é quase unânime o reconhecimento de que *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* foi redigida como história oficial, como “propaganda” autorizada pelos Flávios, tendo em seu âmago interesses desta dinastia, bem como do próprio Império. Lucien Poznanski¹⁶⁴ diz que o primeiro ato de Josefo como escritor foi redigir *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* na língua mais falada na Judéia - o aramaico -, que aliás havia sido o idioma administrativo do Império Persa, sendo ainda objetivo do autor apresentar, aos povos vizinhos do Oriente Próximo, os equívocos praticados pelos judeus em seu relacionamento com os romanos, como uma forma de padrão de comportamento, de exemplo histórico, para tais populações. Ratificando tal opinião, é importante registrar que

¹⁶³ RAJAK, Tessa. *Josephus. The Historian and His Society*. Londres: Duckworth, 1983. P.10.

¹⁶⁴ POZNANSKI, Lucien. *Op.cit.*, p. 119.

H. St. J. Thackeray ¹⁶⁵ não só afirma que esta obra foi um manifesto, cujo objetivo era mostrar ao Oriente a inutilidade de novas insurreições, bem como lembra que sendo uma ameaça constante uma revolta dos partas, é relevante que estes sejam os primeiros dentre os povos citados aos quais esta narrativa se destina.

É claro que Josefo não diz estar redigindo uma obra encomendada pelo Imperador como “propaganda”. A razão que declara para elaborar esta narrativa vem logo nas primeiras linhas, onde mostra sua preocupação com a verdade dos fatos em oposição a tantos relatos imprecisos sobre o conflito entre judeus e romanos. Na abertura da obra - 1, §§ 1-3 e § 6 - **textos XXI e XXII** a seguir – se esclarece toda a argumentação acima, tanto de Josefo quanto dos autores contemporâneos.

Josefo escreve em especial para os seus compatriotas – os judeus – bem como para os romanos, sempre, lembro, no sentido de garantir que a origem desta obra é a necessidade de relatar-se a verdade, e não fazer “propaganda”, como é a opinião praticamente unânime dos estudiosos de Josefo. Logo ainda no início de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, ele se dirige a estes dois povos explicando a cada um deles sua decisão para redigí-la.

Aos romanos, lembrando que Josefo fora recém-incorporado à sua sociedade, a explicação restringe-se a um passado também recente, ao exato momento da guerra.

¹⁶⁵ THACKERAY, H. ST. J., “Introduction”, in JOSEPHUS, *The Jewish War*. Loeb

Assim, o autor revela que sua decisão em redigir tal obra foi fruto da desinformação, que chegaria em especial àqueles por vias oblíquas. Aos judeus, lembrando que Josefo fora desde sempre incorporado à sua sociedade, a explicação é mais abrangente, alcançando um passado remoto, que igualmente desde sempre foi seu. Portanto, sua justificativa para escrever este relato não se restringe às questões unicamente referentes à guerra, mas sim a um período bem maior de tempo; assim, esclarece que inicia sua narrativa no ponto em que os historiadores que contavam as origens do povo judeu e seus profetas concluíram.

3.3.2 *Teoria do Discurso Colonial:*

No *Capítulo Primeiro*, detive-me nas reflexões da Teoria Pós-Colonial registradas na obra *Roman Imperialism: Post-Colonial Perspectives*.. Naquela oportunidade indiquei que abordaria neste *Capítulo Terceiro* a *Teoria do Discurso Colonial*, isto porque a obra que ora analiso e seu autor são uma exceção dentro desta reflexão.

Jane Webster¹⁶⁶, em seu artigo “*Imperialismo Romano e a ‘Idade Pós-Imperial’*”, trata do que vem a ser a *teoria do discurso colonial* ou *análise do discurso colonial*, que ganhou impulso a partir da obra de Edward Said, “*Orientalismo*”, datada de 1978, que buscava estudar a estruturação do Oriente, no discurso ocidental, pesquisando a multiplicidade de formas textuais através das quais o Ocidente criou e classificou o

Classical Library. Cambridge, Massachusetts e Londres: Harvard University Press, p. x.

¹⁶⁶ WEBSTER, Jane. “Roman Imperialism and the “Post Imperial Age” ”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* p.p. 6-8.

conhecimento acerca de muitas regiões e culturas estranhas à metrópole, e que se encontravam sob domínio colonial, como apontam Williams e Chrisman¹⁶⁷.

Em resumo, ainda segundo Jane Webster, a *análise* ou *teoria do discurso colonial* objetiva compreender como o Ocidente elaborou o *outro* colonizado, ou seja, reconhecer a alteridade na construção da relação Ocidente / Oriente, a partir do enfoque do primeiro.

Richard Hingley¹⁶⁸, em seu artigo “*O ‘Legado’ de Roma: a Ascensão, Declínio e Queda da Teoria da Romanização*”, complementa a *teoria do discurso colonial*, partindo das questões acerca de reação, oposição e resistência. Este autor, lembro, afirma que alguns romanistas em geral propõem que, uma vez conquistadas e pacificadas as novas províncias trazidas para o seio do Império, a oposição ao domínio romano era rara ou de pequenas proporções. Salvo algumas revoltas, no início do período de controle romano, estas novas áreas tornadas romanas podiam ser consideradas territórios pacíficos em relação do dominador, como já referido no *Capítulo Primeiro*.

Para Hingley, porém, a dificuldade em dar-se crédito à visão de que há uma pacificação prematura pró-romana, nas novas províncias incorporadas ao Império, consiste

¹⁶⁷ WILLIAMS, P. e CHRISMAN, L. “Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: an Introduction”, in WILLIAMS, P. e CHRISMAN, L. (eds). *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. London, 1993, APUD WEBSTER, Jane “Roman Imperialism and the “Post Imperial Age””, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.* p.p. 6-8.

no fato de que as fontes literárias romanas foram redigidas sob um ponto de vista específico e que não sobreviveram até hoje as opiniões dos que foram submetidos ao Império Romano. Afirma o mesmo autor que a sociedade da Britânia pré-romana, assim como da maioria das regiões incorporadas ao Império, em sua porção ocidental, não era letrada, e que aqueles da Britânia já romanizada, que eram capazes de elaborar escritos que chegaram à atualidade, eram pessoas que provavelmente se beneficiavam de Roma.

No concernente à Judéia, sua elite era letrada, e há um forte exemplo de discurso produzido por um nativo - Flávio Josefo; contudo, concordando com Hingley, o historiador judeu recebeu, de fato, grandes favorecimentos do Império, citados no preâmbulo deste capítulo. Lembro que a tendência majoritária, praticamente unânime da historiografia, aponta no sentido de que *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* foi uma obra encomendada pela dinastia Flávia, como indicaram Poznanski e Tackeray, para prevenir às demais populações das províncias e regiões do Oriente de que não seguissem o caminho dos judeus, afirmação que se sustenta no fato de que, segundo o próprio Josefo, esta obra fora inicialmente redigida em aramaico - língua ainda bastante difundida no Oriente Próximo do século I d.C.- e dirigida para os povos vizinhos e em seguida, traduzida para grego (**texto XXI e XXII**), obviamente para que não só o Oriente

¹⁶⁸ HINGLEY, Richard. “The “legacy” of Rome: the rise, decline, and fall of the theory of Romanization”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds), *Op. cit.*, p. 42.

Próximo, mas todo o Mediterrâneo Oriental tomasse conhecimento da guerra recém terminada.

Teria sido então Josefo um redator nativo - uma singularidade no seio do Império Romano -, que apenas produziu um discurso de encomenda ? Ou seria esta narrativa fruto de sua necessidade de contar a verdade, como ele mesmo disse? A obra ora sob análise é uma fonte literária que revela com riqueza de detalhes a história da Judéia do século I a.C e I d.C. Teria ela sido produzida apenas por ter sido autorizada por Roma, ou esta mesma fonte no fundo fora redigida por interesse particular de seu autor ? Seria “propaganda” dos Flávios ou da Judéia, ainda que já em seu outono ? A narrativa continha uma mensagem nativa totalmente manipulada por Roma ou não ?

No meu entender, convergindo com os especialistas antes citados, *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* foi de fato uma obra autorizada pelos Flávios, com objetivo de sua autopromoção e exemplo histórico, portanto, “propaganda,” contudo não posso deixar de reconhecer que este discurso não é totalmente encomendado, afinal sem dúvida alguma, há forte carga local, já que como visto no *Capítulo Segundo*, Josefo nunca deixou de ser judeu e como se verá no final deste capítulo há trechos em que o autor exalta os judeus e o judaísmo.

3.4 Ambigüidade de estrutura

O terceiro nível de ambigüidade que desejo comentar neste capítulo é o que se encontra na estrutura da obra, e que se pode compreender a partir da trajetória de Josefo, apresentada no *Capítulo Segundo*, que revelou um homem dividido entre Judéia e Roma.

No momento em que este tornou-se um historiador, é certo que nele floresceram dois entendimentos bastante diversos de história: um oriental e outro ocidental, ou seja, um hebraico-judaico e outro greco-romano. Isto resulta em uma ambigüidade na estrutura de sua obra, onde emergem as antigas noções greco-romanas e hebraico-judaicas de história, e é sobre isto que passo a dissertar.

3.4.1 Josefo - duas noções de história:

Como indica Poznanski¹⁶⁹, Josefo é um historiador que uniu em sua redação a tradição historiográfica grega clássica, de Tucídides, e helenística, de Políbio, à qual se vinculava, com seu próprio entendimento, fruto de uma história judaica que ele considerava sob a proteção de יהוה - *YHWH*.

De fato, em sua obra, há vários exemplos que revelam em Josefo as noções / entendimentos antigos para gregos/romanos e hebreus/judeus do que era a história, o que se percebe quando, procurando ainda justificar sua redação, o autor se apresenta como o paradigma da verdade, por ser testemunha ocular dos acontecimentos e assim poder

descrevê-los com precisão, sem perder de vista a fidelidade a seu Deus. Estas características do autor são nítidas, uma vez que, quando redigiu sua obra ora analisada, não só já se encontrava em Roma, como conhecia bem dois mundos completamente distintos - o judaico e o romano oriental, leia-se de base grega. Portanto, não é estranho que se perceba em Josefo a influência dos modelos de produção historiográfica pertinentes a estes mesmos dois mundos.

Josefo equilibrou-se, como historiador, entre duas concepções de história, que floresceram na Idade Antiga, seja ocidental - a grega -, sobretudo clássica, seja oriental - a judaica, sendo assim necessário aqui demonstrar-se os ensinamentos que se referem a estas duas formas de produção histórica, isto é, a compreensão do que era a história para estes dois mundos tão distintos, duas noções de história unidas no texto de Josefo, sendo esta, portanto, a ambigüidade de estrutura da presente obra.

3.4.2 *Antigas noções greco-romanas de história:*

Com relação aos *antigos modelo e entendimento gregos de história*, utilizados por Josefo, Carlo Ginzburg¹⁷⁰ aponta que os historiadores clássicos pretendiam transmitir uma sensação de verdade, que era um componente de seu ofício, indicando ademais que as três grandes noções-pilares, que sustentavam a historiografia grega na Antigüidade eram a

¹⁶⁹ POZNANSKI, Lucien. *Op. cit.*, p. 121.

¹⁷⁰ GINZBURG, Carlo. “Apontar e Citar - A Verdade da História”, in *Op.cit.*, p.p. 91-100.

*e*navrgeia* - *enárgeia*, a *au*toyiva* - *autopsía* e a *e!*kfrasiY- ékfrasis*, que respectivamente significam: *visão clara ou clareza; o ver com os próprios olhos; e descrição.*

Com referência ao termo *e*navrgeia* - *enárgeia*, Ginzburg esclarece que este indica o que é claro, que imprime vida, vinculando-se à experiência direta, enquanto seu adjetivo *e*narghvY- enargés* significa claro, palpável, concluindo que *e*navrgeia* - *enárgeia* remete à certeza da verdade histórica. Ou seja, um historiador clássico reconhecia que a verdade de suas palavras era transmitida por meio de *e*navrgeia* - *enárgeia*, com o objetivo de convencer seu leitor.

No que tange ao termo *au*toyiva* - *autopsía*, o mesmo autor lembra que na Grécia era comum e desejado que o historiador fosse uma testemunha bastante vinculada aos fatos que relatava, levando-se em conta a *au*toyiva* - *autopsía*, que remetia à visão direta, olhar este que demonstrava que as informações chegadas por meio de boatos eram tidas como inferiores, isto é, menos relevantes.

No tocante ao termo - *e!*kfrasiY- ékfrasis*, Ginzburg aponta que seu conceito abrangia um campo amplo, que ia da descrição de ações - como a guerra – ou de situações - como a peste - às descrições geográficas e etnográficas.

As três noções-pilares supracitadas se articulam a partir da primeira, como o mesmo autor ainda demonstra, afirmando que a - *e*navrgeia* - *enárgeia* era um instrumento adequado para transmitir a *au*toyiva* - *autopsía*, ou seja, era conferido ao historiador

relatar sua experiência direta, como testemunha, àqueles aos quais se dirigia, apresentando a estes uma realidade impalpável, e ainda ressaltando que a *e!kfrasiY- ékfrasis* tinha como meta a *e*navrgeia - enárgeia*, que por sua vez, como já dito, remetia à sensação de verdade, ou de forma mais clara, como emerge da sucessão a seguir, de autoria de Ginzburg: “*narração histórica - descrição - impressão de vida - verdade*”.

Portanto, vê-se que um historiador que se propusesse enquadrar no método de produção historiográfica grega da Antigüidade - aliás também empregado pelos romanos - deveria levar em conta a convergência das três noções acima referidas: *e*navrgeia - enárgeia*; *au*toyiva - autopsía* e *e!*kfrasiY- ékfrasis*, cuja justaposição leva ao seguinte resultado: um historiador portador de uma descrição, amparada em uma visão clara, oriunda de seus próprios olhos, garantindo a verdade, que se esperava obter a partir de uma precisão direta e concreta.

3.4.3 *Tucídides - o paradigma historiográfico de Josefo:*

Como já indicado acima, Tucídides e Josefo são portadores de trajetórias semelhantes. Thackeray¹⁷¹ lembra que, assim como Tucídides, Josefo foi general e historiador, igualmente como aquele, este não foi bem sucedido como comandante, ambos tiveram contato com o inimigo e assim puderam conhecer o ponto de vista das duas partes em litígio, no primeiro caso entre atenienses e peloponesos e no segundo entre judeus e

¹⁷¹ THACKERAY, H. ST. J., “Introduction”, in JOSEPHUS. *Op.cit.*, p. xxiii.

romanos, e, assim, redigiram a história das guerras em que tomaram parte, respectivamente, do Peloponeso (431 - 404 a.C.) e judaico-romana (66 - 73 d.C.).

Do mesmo modo, como já afirmado, Josefo segue o modelo historiográfico de Tucídides, portanto, ambos apresentam em suas obras a convergência das noções de *e*navrgeia - enárgeia; au*toyiva - autopsía* e *e!*kfrasiY- ékfrasis*, e isto fica muito claro ao se observar fragmentos do início de suas narrativas respectivamente *&Istoriva **Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY - Istoría Ioudaïkoû Polémou pròs Romaíous - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* em geral conhecida por *Guerra Judaica* e em *Qoukudivdou &Istorivai - Thoukudídou Istoríai - Histórias de Tucídides*, em geral conhecida como *História da Guerra do Peloponeso*.

Esta afirmação pode ser fortemente sustentada a partir de dois quadrados semióticos que construí e que foram aplicados, ambos, tanto a dois fragmentos de Josefo do início de sua narrativa, respectivamente - **textos XXI e XXII** -, quanto a um trecho de Tucídides, - **texto XX**-, igualmente do começo de sua obra, passagens que revelam a decisão dos dois historiadores de produzirem seus relatos acerca das guerras. Analisarei, portanto, em primeiro lugar o texto deste e em seguida os daquele.

TEXTO XX

“Quanto aos fatos ocorridos na guerra, julguei conveniente escrever procurando saber não a partir de informações de (pessoas) estando presentes por acaso (tou~ paratucovntoY) (aos fatos), nem em conformidade com minha opinião, mas sim relatando

*minuciosamente com exatidão cada um (dos fatos) aos quais tanto **eu mesmo estive presente (como testemunha ocular)** (au*toVY parh~n), quanto por informações obtidas da parte de outros, com o maior rigor possível. Eu fiz descobertas, porém, de maneira muito trabalhosa, porque **os que estando presentes (as testemunhas oculares)** (oi& pavronteY) a cada um dos acontecimentos não disseram as mesmas coisas acerca deles, mas sim (disseram) segundo sua parcialidade ou conforme sua lembrança. Talvez a falta do fabuloso (no relato) pareça menos agradável ao ouvido, no entanto todos aqueles que desejarem examinar não só a **clareza (a verdade clara)** (toV safeVY) dos fatos ocorridos, como também a dos vindouros, de modo semelhante pelo conteúdo humano, julgarão o meu relato útil e isto bastará.”*

TUCÍDIDES. Histórias de Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso*), I, XXII, 2¹⁷²

Antes de passar à apresentação dos dois quadrados semióticos, que serão aplicados ao texto acima, julgo necessário tecer alguns comentários acerca das palavras em negrito, porque intimamente vinculadas às noções de *e*navrgeia - enárgeia au*toyiva - autopsía* e a *e!*kfrasiY- ékfrasis* supracitadas e porque pelo menos uma delas estará também presente em Josefo. O termo *toV safeVY- tò safés*, como informa Bailly¹⁷³, pode ser traduzido não só por *clareza*, como também por *evidência*, ou mesmo *precisão*, enquanto que Liddell e Scott's¹⁷⁴ lembram que Eurípides utilizava tal termo como *a verdade clara*.

As expressões *tou~ paratucovntoY - tou~ paratychóntos - (pessoas) estando presentes por acaso*; *parh~n - parên - estive presente (como testemunha ocular)* e

¹⁷² Subdivisão do capítulo.

¹⁷³ BAILLY, A. *Op.cit.*, p. 1736.

¹⁷⁴ LIDDEL and SCOTT'S. *Op.cit.*, p.724.

oi& pavronteY - *hoi párontes* - *os que estando presentes (as testemunhas oculares)* parecem, a um primeiro olhar, sinônimas, mas não o são. Na realidade, as duas últimas estão vinculadas ao mesmo verbo pavreimi - páreimi - *estar presente em ou a*, e a primeira está ligada ao verbo paratugcavnw - paratygháno - *acontecer de estar presente, estar presente por acaso*.

Como ensina a Prof^a. Sílvia Damasceno¹⁷⁵ este último verbo possui em seu radical a palavra tuvvh - týche - *acaso, eventualidade*, é por esta razão que ele não apenas se traduz por *acontecer de estar presente ou estar presente por acaso*, como também esta presença não tem intencionalidade, ou seja, a pessoa presente não tinha o objetivo explícito de assistir aos fatos, ao passo que tanto o verbo pavreimi - páreimi - *estar presente em ou a*, como o verbo sinônimo paragivgnomai - paragígnomai - *estar presente em*, que surgirá no próximo fragmento de Josefo, ambos têm valor de testemunho ocular, o que faz uma enorme diferença com relação à noção de au*toyiva - *autopsía*.

Observe-se que Tucídides faz questão de valorizar a importância de sua própria visão dos fatos e por isso diz: (1) “... *julguei conveniente escrever procurando saber não a partir de informações de (pessoas) estando presentes por acaso* (του~

¹⁷⁵ Notas de aula de grego clássico e análise de textos de Tucídides e Josefo, ministrada pela Professora Doutora. Sílvia Damasceno, de Língua e Literatura Gregas, do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

paratucovnto Y (aos fatos),...” - ou seja, pessoas sem valor de testemunhas oculares; e (2) “... os que estando presentes (as testemunhas oculares) (*oi& pavronte Y*) a cada um dos acontecimentos não disseram as mesmas coisas acerca deles...” - isto é, ainda que sendo pessoas com valor de testemunhas oculares, não relataram corretamente os fatos e por isso só a *au*toyiva* - *autopsía* - o ver com os próprios olhos -, no caso de Tucídides, pode levar à convergência das três noções, que devem fazer parte da historiografia grega, e é então que ele diz em seu texto acima: (3)“... *mas sim relatando minuciosamente com exatidão cada um (dos fatos) aos quais ... eu mesmo estive presente (como testemunha ocular) (au*tov Y parh~n)...*”.

Passo agora à apresentação do quadrado semiótico, também aplicado ao texto inicial da obra de Josefo, a seguir.

O 1º QUADRADO PARA O TEXTO XX

S1

**DESCREVER OS FATOS COM
CLAREZA !EKFRASIS +
*ENAVRGEIA / ÉKFRASIS +
ENÁRGEIA**

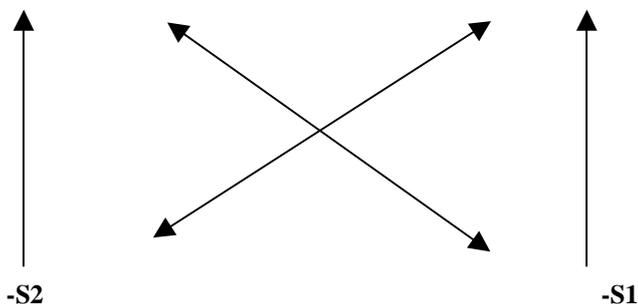
-“Quanto aos fatos ocorridos na guerra, julguei conveniente escrever ... relatando minuciosamente com exatidão cada um (dos fatos) ... com o maior rigor possível.”

- “... todos aqueles que desejarem examinar ... a clareza (a verdade clara) (τοV safeVY) dos fatos ocorridos,... julgarão o meu relato útil e isto bastará.”

S2

**OUTRAS TESTEMUNHAS
OCULARES -**

- “... os que estando presentes (as testemunhas oculares) (οi& pavronteY) a cada um dos acontecimentos não disseram as mesmas coisas acerca deles, ...”



**TUCÍDIDES TESTEMUNHA
OCULAR**

-“... relatando ... cada um (dos fatos) aos quais ... eu mesmo estive presente (como testemunha ocular) (au*toVY parh~n) ...”

**NÃO DESCREVER OS FATOS
COM CLAREZA - Ausência de
!EKFRASIS + *ENAVRGEIA
ÉKFRASIS + ENÁRGEIA**

- “ ... (disseram) segundo sua parcialidade ou conforme sua lembrança.

O presente fragmento encontra-se no início da fonte sob exame e revela a presença dos elementos que faziam parte da antiga noção greco-romana de história. Assim o autor se preocupa em descrever os fatos com clareza ($e!kfrasiY - ékfrasis + e*navrgeia - enárgeia$), ligando tal ato à importância de ser ele Tucídides testemunha ocular, ou seja, ter ele próprio a visão com seus próprios olhos ($au*toyiva - autopsía$). Em oposição o autor repudia a situação de não descrever os fatos com clareza (ausência de $e!kfrasiY - ékfrasis + e*navrgeia - enárgeia$) vinculando tal atitude à ação de outras pessoas, que embora sejam testemunhas oculares, informam falsamente.

Há euforização da dêixis positiva nas seguintes expressões: “*julguei conveniente escrever; relatando minuciosamente com exatidão; com o maior rigor possível; a clareza (a verdade clara) dos fatos ocorridos; meu relato útil*” e ainda por: “*eu mesmo estive presente (como testemunha ocular).*”

Em contrapartida há disforização da dêixis negativa em: “*não disseram as mesmas coisa*”s e “*(disseram) segundo sua parcialidade*”.

O percurso proposto por Tucídides é aquele que leva à descrição dos fatos com clareza, que só pode ser elaborado a partir do momento em que ele mesmo seja testemunha ocular, isto é, há aqui a tripla presença da $e!kfrasiY - ékfrasis$, da $e*navrgeia - enárgeia$, e da $au*toyiva - autopsía$ (**S2 – -S2 – S1**). O percurso inverso (**S1 - -S1 – S2**) é condenado pelo autor.

O 2º QUADRADO PARA O TEXTO XX

S1

S2

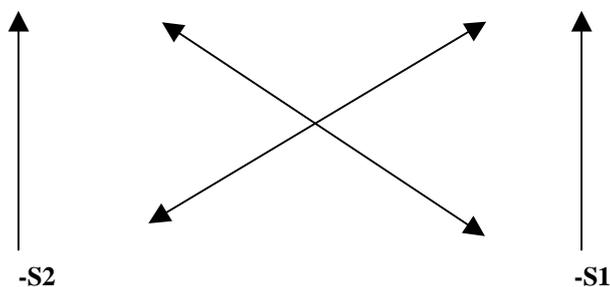
**VERDADE NA NARRATIVA DE
TUCÍIDES**

- “... todos aqueles que desejarem examinar ... a clareza (a verdade clara) (τοῦ σαφέως) dos fatos ocorridos,... julgarão o meu relato útil e isto bastará.”

**INFORMAÇÃO IMPRECISA DOS
FATOS**

- “ ... informações de (pessoas) estando presentes por acaso (του παρὰ τυχοῦντος) (aos fatos) ...”

- “ ... os que estando presentes (as testemunhas oculares) (οἱ ἐπαφροντες) a cada um dos acontecimentos não disseram as mesmas coisas acerca deles...”

**INFORMAÇÃO PRECISA DOS
FATOS**

- “Quanto aos fatos ocorridos na guerra, julguei conveniente escrever ... relatando minuciosamente com exatidão cada um (dos fatos) ... com o maior rigor possível.”

**FICÇÃO DAS DEMAIS
NARRATIVAS**

- “ ... mas sim (disseram) segundo sua parcialidade ou conforme sua lembrança.”

Como se vê, ao mesmo **texto XX** pode ser aplicado outro quadrado semiótico, que revela a preocupação do historiador grego com a precisão, a objetividade e a verdade de sua narrativa, elementos que complementam as três noções pilares da historiografia grega clássica. Assim, estes dois quadrados aplicados em conjunto a Tucídides e que, repito, também serão aplicados a fragmentos iniciais da narrativa de Josefo, ratificam o argumento de que um historiador, enquadrado no método de produção historiográfica grega e também romana, na Antigüidade, reunia em sua obra as noções de *e*navrgeia - enárgeia*; *au*toyiva - autopsía* e *e!*kfrasiY- ékfrasis*, cuja justaposição - como já dito anteriormente, mas é pertinente lembrar aqui - leva ao seguinte resultado: ser portador de uma descrição, amparada em uma visão clara, oriunda de seus próprios olhos, garantindo a verdade, que se esperava obter a partir de uma objetividade, uma precisão direta e concreta.

Para o caso do presente quadrado, apesar de se tratar do mesmo texto, a ênfase dada na análise é outra, ou seja, não às noções pilares supracitadas, mas sim à importância da verdade e da precisão e objetividade de sua narrativa. Assim, o que se percebe no autor é a preocupação em justificar a elaboração de seu relato: a necessidade de se apresentar aos leitores a verdade dos fatos, logo, vê-se a defesa da verdade na narrativa de Tucídides, através da informação precisa dos fatos, que ele fornece, e isto se opõe à informação imprecisa dos fatos, consequência da ficção das demais narrativas, sejam oriundas *de pessoas presentes por acaso aos fatos* (*tou~ paratucovntoY*) (sem valor de testemunha ocular) ou mesmo de testemunhas oculares (*oi& pavronteY*), mas que não são confiáveis.

Percebe-se a euforização da dêixis positiva por: “*a clareza (a verdade clara) dos fatos ocorridos; meu relato útil; julguei conveniente escrever; relatando minuciosamente com exatidão; com o maior rigor possível*”, e a disforização da dêixis negativa por: “*informações de (pessoas) estando presentes por acaso (aos fatos); (as testemunhas oculares) ... não disseram as mesmas coisas; (disseram) segundo sua parcialidade.*”

Assim o percurso proposto pelo autor é (S2 - -S2 – S1), isto é, a informação precisa dos fatos conduz à verdade na narrativa de Tucídides, ao passo que o percurso (S1 - -S1 – S2) é condenado porque a ficção de outras narrativas leva à informação imprecisa dos fatos.

3.4.4 Josefo - historiador greco-romano:

Por todo o exposto, pode-se perceber em Josefo os traços de um historiador greco-romano, como se vê dos dois exemplos abaixo, o primeiro aliás, fragmento dos parágrafos 1 a 3 do Livro 1, ou seja, logo na abertura da obra, Josefo esclarece que decidiu escrever não apenas para relatar a verdade dos fatos, como já explicado, mas também por oposição a relatos descontraídos, que como visto acima, não se enquadram às noções greco-romanas de história, já que os mesmos são boatos, oriundos de narradores não presentes aos fatos, portanto não portadores de *au*toyiva* - *autopsía*, relatos ainda que, segundo Josefo, mesmo oriundos de testemunhas oculares, não eram nem claros, nem verdadeiros, logo ausentes de *e*navrgeia* - *enárgeia* e nem precisos, por conseguinte sem *e!kfrasi Y-ékfrasis*.

TEXTO XXI

*“Quando se estabeleceu a guerra dos judeus contra os romanos (...) os não presentes por acaso (**oi& ou* paratucovvnteΥ**) aos acontecimentos, mas reunindo, a partir do que ouviram dizer, relatos fortuitos e discordantes, escreveram de forma sofisticada, ao passo que os que **estavam presentes (as testemunhas oculares) (oi& paragenovmenoι)** relataram falsamente os fatos ou por adulação aos romanos ou ódio aos judeus; os escritos deles continham ora acusação ora elogio, porém de nenhuma maneira precisão histórica. Nestas circunstâncias, eu, por minha vez, Josefo, filho de Mathias, um hebreu por raça, um sacerdote de Jerusalém, que no início da guerra lutei contra os romanos, posteriormente **tendo estado presente por acaso (paratucwVn)** entre eles por coação (necessidade) (**e*x a*navgkhΥ**), proponho relatar detalhadamente aos que estão sob a hegemonia romana traduzindo para a língua grega, aquilo que tendo composto em minha língua pátria, anteriormente enviara aos bárbaros do interior”*

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1, §§ 1-3.

Da mesma forma que ocorreu quando analisava o texto de Tucídides, antes de apresentar o quadrado semiótico, que será aplicado à passagem imediatamente acima, passo a tecer alguns comentários sobre as palavras em negrito, não apenas porque intimamente vinculadas às noções de *e*navrgeia - enárgeia au*toyiva - autopsía* e *a e!*kfrasiΥ- ékfrasis*, mas também porque, no caso de Josefo, envolvem questão de sua posição perante os judeus, a partir do momento em que passa a acompanhar os acontecimentos da guerra do lado romano. Quando da análise de Tucídides, esclareci a importância da diferença entre os verbos *paratugcavnw - paratygcháno - acontecer de estar presente, estar presente por acaso* - que surgiu naquele texto e reaparece agora na passagem acima - e *paragivgnomai - paragígnomai - estar presente em*, que naquela oportunidade indiquei que apareceria no texto de Josefo, como de fato ocorreu. O primeiro

verbo não tem valor de intencionalidade do espectador, enquanto o segundo sim, pormenor que interfere na noção de *au*toyiva* - *autopsía* e, é de extrema relevância para Josefo que o historiador se ampare nesta noção: ***ver com seus próprios olhos os fatos que vai narrar.***

Desta forma, assim como para Tucídides, Josefo faz questão de valorizar a importância de sua própria visão dos fatos e por isso diz: (1) “ (...) *os não presentes por acaso aos acontecimentos (οἱ& ou* paratucovnteϝ, ... escreveram de forma sofisticada ...*” - ou seja, pessoas presentes sem intencionalidade como espectadoras, tanto por obviamente não terem assistido aos fatos, como também por serem (*paratucovnteY* - *paratychóntes*); (2) “... *ao passo que os que estavam presentes (as testemunhas oculares) (οἱ& paragenovmenoἱ) relataram falsamente os fatos ...*” - isto é, ainda que sendo pessoas com valor de testemunhas oculares, não relataram corretamente os fatos. É por isso que para Josefo somente sua *au*toyiva* - *autopsía* pode levar à convergência das três noções, que devem fazer parte da historiografia grega, no seu caso greco-romana, e é por isso que ele diz em seu texto acima: (3) “... *que no início da guerra lutei contra os romanos, posteriormente tendo estado presente por acaso (paratucwVn) entre eles por coação (necessidade) (ε*x a*navgkhϝ, proponho relatar detalhadamente ...*”.

Se Josefo lutou contra os romanos e depois esteve junto deles, então assistiu à guerra e era uma testemunha ocular. Ocorre que se ele escreve dizendo *estar presente por acaso (paratucwVn)*, esvazia sua proposta, já que este verbo não revela uma intencionalidade do sujeito como espectador. Por que então ele não voltou a utilizar o verbo de que lançara

mão algumas linhas antes e que lhe daria o conteúdo de testemunha ocular: *paragivgnomai* - *paragígnomai* ? Por que ele não se declarou um *paragenovmeno* ~~Y~~ *paragenómenos* ?

Em minha opinião, Josefo usou a palavra *paratucwVn* - *paratychón* propositalmente, ainda que arriscando enfraquecer sua função de testemunha ocular. É que, como ele próprio narrou *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* – no Livro 3, § 438, os hierosolimitas revoltaram-se e o consideraram um covarde e traidor, quando souberam que ele havia sobrevivido à queda de Jotapata e estava junto aos romanos. Assim, sendo um *paratucwVn* - *paratychón* - *presente por acaso*, ele mostrou a seus compatriotas que não planejou estar entre os romanos, tentando fugir da acusação de deserção. A reforçar tal posição, ele diz que lá esteve *por coação (necessidade)* (*e*x a*navgkhY*) - *ecs anágkes*. Esta última expressão, contudo, também a meu juízo foi posta na narrativa não apenas para reforçar sua presença forçada e involuntária junto aos romanos, mas basicamente para que Josefo voltasse a ter a força de uma testemunha ocular, perdida no emprego de verbo impróprio. Veja-se que se alguém está *presente* em algum lugar, ainda que *por acaso, mas por necessidade, por coação*, significa que também *está na verdade por obrigação e não por acaso*, por isso pode pleitear para si o papel de testemunha ocular.

S1

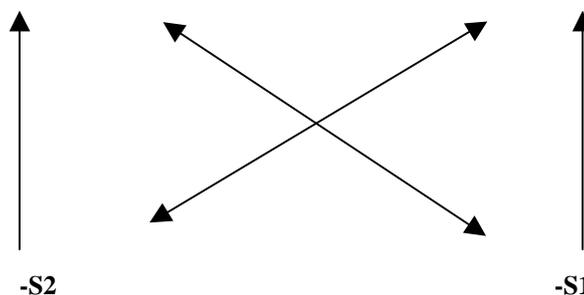
**DESCREVER OS FATOS COM
CLAREZA !EKFRASIS +
*ENAVRGEIA-ÉKFRASIS +
ENÁRGEIA**

- "... eu, ..., Josefo, ... proponho
relatar detalhadamente ..."

S2

**OUTRAS TESTEMUNHAS
OCULARES**

- "... os que estavam presentes (as
testemunhas oculares) (οι
¶genovmenoi) relataram
falsamente os fatos ou por adulação
aos romanos ou ódio aos judeus;..."



**JOSEFO TESTEMUNHA
OCULAR-**

- "... eu, ... no início da guerra lutei
contra os romanos, posteriormente
tendo estado presente por acaso
(παράτυχον) entre eles por coação
(por necessidade) (ε*χ
α*navgkhY), ..."

**NÃO DESCREVER OS
FATOS COM CLAREZA
AUSÊNCIA de !EKFRASIS +
*ENAVRGEIA ÉKFRASIS +
ENÁRGEIA**

- "... reunindo, a partir do que
ouviram dizer, relatos fortuitos e
discordantes, escreveram de forma
sofística,..."

"- os escritos deles continham ora
acusação ora elogio, porém de
nenhuma maneira precisão
histórica."

O presente fragmento encontra-se no início da fonte sob exame e revela a presença dos elementos que faziam parte da antiga noção greco-romana de história: a *descrição* - *e!kfrasiY-ékfrasis*, com clareza - *e*navrgeia* - *enárgeia*, daquilo que se viu com os próprios olhos - *au*toyiva* - *autopsía*. Assim o autor se preocupa em descrever os fatos com clareza, ligando tal ato à importância de ser ele Josefo testemunha ocular e repudia a proposta de não descrever os fatos com clareza vinculando-o ao papel de outras testemunhas oculares.

Há euforização da dêixis positiva em “*relatar detalhadamente e estando presente*” e em contrapartida há disforização da dêixis negativa em *relataram falsamente os fatos, relatos fortuitos e discordantes e forma sofisticada*”.

O percurso proposto por Josefo é aquele que leva à descrição dos fatos com clareza, que só pode ser elaborado, sendo ele uma testemunha ocular, ou seja há aqui a tripla presença da *e*navrgeia* - *enárgeia*, da *e!kfrasiY-ékfrasis* e da *au*toyiva* - *autopsía* (S2 - -S2 - S1). O percurso inverso (S1 - -S1 - S2) é condenado pelo autor.

TEXT O XXII

“Portanto, julguei inconcebível permitir que a verdade sobre questões de tal momento se perdesse, e que, enquanto partas e babilônios e a mais distantes tribos da Arábia, com nossos compatriotas além do Eufrates e os habitantes de Adiabene estavam, por meu zelo, precisamente informados sobre a origem da guerra, as várias fases da calamidade, pelas quais ela passou e seu desfecho, os gregos bem como os romanos, que não estiveram envolvidos na luta, permaneceriam ignorantes sobre estes fatos, tendo narrativas bajuladoras ou fictícias como seu único guia.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1 § 6.

S1

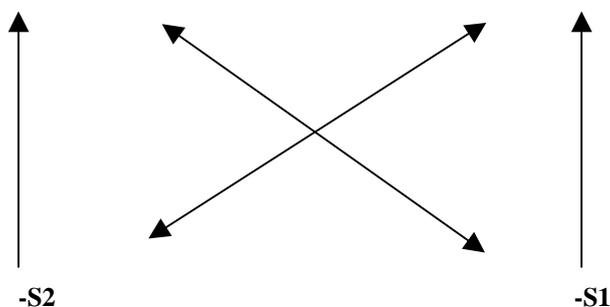
S2

**VERDADE NA NARRATIVA DE
JOSEFO**

**INFORMAÇÃO IMPRECISA DOS
FATOS**

- "... julguei inconcebível permitir que a verdade sobre questões de tal momento se perdesse..."

- "... permaneceriam ignorantes sobre estes fatos,..."



**INFORMAÇÃO PRECISA DOS
FATOS**

**FICÇÃO DAS DEMAIS
NARRATIVAS**

- "... estavam, por meu zelo, precisamente informados sobre a origem da guerra, as várias fases da calamidade, pelas quais ela passou e seu desfecho, ..."

- "..., tendo narrativas bajuladoras ou fictícias como seu único guia."

Este trecho, também inicial da fonte, mostra a preocupação de Josefo em justificar sua decisão em elaborar o presente relato: a necessidade de se apresentar a seus leitores a verdade dos fatos, logo vê-se a defesa da verdade na narrativa de Josefo, através da informação precisa dos fatos, que ele fornece, e isto se opõe à informação imprecisa dos fatos, que conduz à ficção das demais narrativas.

Percebe-se a euforização da dêixis positiva por “*inconcebível permitir que a verdade. se perdesse e por meu zelo, precisamente informados*” e a disforização da dêixis negativa por “*permaneceriam ignorantes e tendo narrativas bajuladoras ou fictícias*”.

Assim o percurso proposto pelo autor é (S2 - -S2 – S1) e o condenado é (S1 - -S1 – S2).

Logo a seguir - parágrafos 7-8 do Livro 1, Josefo afirma que tais redatores não podem considerar seus trabalhos “*história*”, obviamente, a meu juízo, porque neles faltam as três noções pilares de história para o mundo clássico, como visto no exemplo imediatamente acima.

TEXT O XXIII

“Embora os escritores em questão atrevam-se a dar a seus trabalhos o título de histórias, contudo ao longo destes, exceto pela absoluta falta de informação segura, eles parecem, em minha opinião, não alcançar seus próprios objetivos.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1 §§ 7 - 8.

3.4.5 4.4.5 Antigas noções hebraico-judaicas de história:

Com relação aos *antigos modelo e entendimento hebraico-judaicos de história*, igualmente utilizados por Josefo, Millar Burrows ¹⁷⁶ informa que as reflexões antigas hebraicas - por conseguinte judaicas -, no concernente à história, ancoravam-se na certeza de que na história da humanidade, יהוה - *YHWH* - o Deus de Israel - atuava pelo bem, em primeiro plano de seu povo eleito - os hebreus e na seqüência os judeus -, e posteriormente, dos demais homens. Esta interferência divina concretizava-se na luta contra os homens imprudentes e inflexíveis, oferecendo promessas, efetuando advertências, julgamentos e punições - que podiam ser convertidas em destruições -, contudo, em contrapartida, proporcionava também salvação e bênçãos àqueles que se submetessem à ordem e à lei, ou seja, assegurava a recompensa pela obediência.

Deste modo, de acordo com Burrows, ainda o entendimento central de história para os hebreus e os judeus garantia que יהוה - *YHWH* - Deus os elegera seu povo, o que abrangia não apenas direitos, mas igualmente deveres, como a תנ"ך *Tanach* - Bíblia Hebraica - revela no Livro de Isaías, pela definição do profeta conhecido como Segundo Isaías, no sentido de que Israel é o servo de יהוה - *YHWH* - Deus, ao que acrescenta John Bright ¹⁷⁷ que, ainda o Segundo Isaías garantiu ao povo eleito que יהוה - *YHWH* - Deus era senhor do controle total da história. Por fim, é mais uma vez Burrows quem

¹⁷⁶ BURROWS, Millar. "Ancient Israel", in DENTAN, Robert (ed.). *Op.cit.*, p.p. 128-130.

¹⁷⁷ BRIGHT, John. *Op.cit.*, p.481.

esclarece que caso este povo fosse atingido por um infortúnio, este era visto e absorvido como um castigo justo e merecido e admitia-se que antes de uma restauração, o arrependimento tornava-se essencial.

O que se observa da obra ora sob análise, é que Josefo busca elaborar uma narrativa extensa, a partir da clara descrição dos fatos, os quais viu com seus próprios olhos, pretendendo chegar à realidade e à verdade, incluindo neste mesmo relato a convicção do papel fundamental do Deus hebraico/judaico - יהוה - *YHWH* - como senhor e agente decisivo na interferência da trajetória humana, sobretudo do povo eleito, do qual o narrador era parte integrante.

3.4.6 Josefo - historiador hebraico-judaico:

Ainda, por todo o exposto, pode-se perceber em Josefo os traços de um historiador hebraico-judaico, onde a figura de יהוה - *YHWH* - *Adonai* é central e essencial para o controle e o desenrolar da história do povo judeu, como se vê dos dois exemplos abaixo.

O primeiro relata o momento da decisão do Imperador Calígula em colocar estátuas suas no Templo de Jerusalém, desrespeitando a תורה - *Torah*, que como visto ensinava que não se poderia cultuar imagens. Esta passagem já foi citada no *Capítulo Primeiro*, entretanto, naquela oportunidade deixei de dar relevância a algumas palavras, o que ora faço, já que aqui estas palavras - em negrito - servem de nítido exemplo da presença das noções hebraico-judaicas de história em Josefo.

“Gaios (...) enviou Petrônio com um exército para Jerusalém, para erigir no Templo estátuas do próprio Gaios, tendo ordenado, caso os judeus não aceitassem, condenar à morte os recalcitrantes e reduzir à escravidão todo o restante do povo. Essas ordens estavam sob o cuidado de Deus.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* 2 §§ 184 - 186.

TEXTO III

“Gaios (...) enviou Petrônio com um exército para Jerusalém, para erigir no Templo estátuas do próprio Gaios, tendo ordenado, caso os judeus não aceitassem, condenar à morte os recalcitrantes e reduzir à escravidão todo o restante do povo. Estas ordens, porém, estavam sob os cuidados de Deus. Petrônio, por conseguinte, com três legiões e um grande contingente de auxiliares sírios, deixou Antióquia em marcha para a Judéia. Entre os judeus, alguns não acreditavam nos rumores de guerra, outros creram, mas não viram meios de defesa, o alarme, entretanto, logo tornou-se universal, o exército tendo já atingido Ptolemaida.

(...)

Os judeus reuniram-se com suas esposas e filhos na planície de Ptolemaida e imploraram a Petrônio para primeiro dar atenção às leis de seus antepassados e em seguida a eles mesmos. Até então transigindo com a vasta multidão e suas súplicas, ele deixou as estátuas e suas tropas em Ptolemaida e avançou em direção à Galiléia, onde ele convocou para Tiberíades a população, inclusive todas as pessoas de distinção. Lá ele frisou o poder dos romanos e as ameaças do Imperador e, além disso, apontou a imprudência da solicitação deles, todas as nações súditas, ele advertiu, haviam erigido, em cada uma de suas cidades, estátuas de César, juntamente com aquelas de seus outros deuses, e que somente eles (os judeus) se oporiam a esta prática, o que equivalia quase a uma rebelião, agravada por insulto. Quando os judeus expuseram o costume e as leis de seu povo, que não permitiam colocar imagem, nem de Deus, nem de homem, não apenas no interior do seu Templo, nem em qualquer lugar do campo, Petrônio, tomando a palavra disse: “Mas eu também devo fazer cumprir a lei do meu senhor, se eu transgredí-la e os poupar, eu serei morto, com justiça. Guerra será feita sobre vocês por ele, que me enviou, não por mim, já que eu também, como vocês, estou sob ordens.” Com isto a multidão gritou que estava pronta para suportar tudo pela lei. Petrônio, tendo verificado seu clamor, disse: “Então vocês vão à guerr com César?” Os judeus responderam que eles ofereciam sacrifício duas vezes ao dia a César e

ao povo romano, mas que caso ele desejasse erguer estas estátuas, ele primeiro deveria sacrificar toda a nação judaica, e então eles próprios se apresentaram, suas esposas e seus filhos prontos para o massacre. Estas palavras encheram Petrônio de admiração e piedade diante de um espetáculo de incomparável devoção deste povo a sua religião e sua inabalável resignação à morte. Então, por ora, ele os dispensou, nada sendo decidido.

(...)

Desta cidade (Antióquia) ele (Petrônio) dirigiu-se às pressas para relatar a César sua expedição na Judéia e as súplicas da nação, acrescentado que, a não ser que ele desejasse destruir o país, assim como seus habitantes, ele deveria respeitar a lei deles e revogar as ordens. A este despacho Gaios respondeu em termos desmedidos, ameaçando matar Petrônio por seu atraso na execução de suas ordens. Entretanto, aconteceu que os portadores desta mensagem ficaram retidos pelo mau tempo por três meses no mar, enquanto outros, que trouxeram a notícia da morte de Gaios, tiveram uma viagem afortunada. Então Petrônio recebeu esta última informação vinte e sete dias mais cedo do que a carta que trazia sua própria sentença de morte.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 2. §§184 - 203.

S1

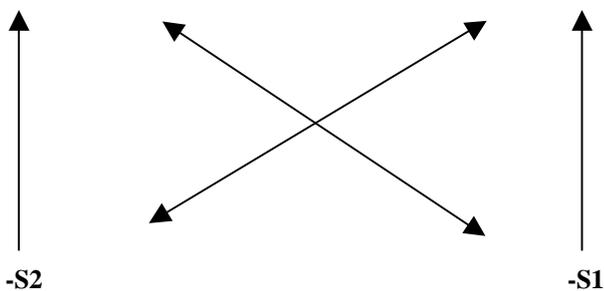
PODER DE יהוה - YHWH

- “Estas ordens, porém, estavam sob os cuidados de Deus.”

S2

INFORTÚNIO DOS JUDEUS

- “ Entre os judeus, alguns não acreditavam nos rumores de guerra, outros creram, mas não viram meios de defesa, o alarme, entretanto, logo tornou-se universal, o exército tendo já atingido Ptolemaida.”

**BOA FORTUNA DOS JUDEUS**

- “ ... aconteceu que os portadores desta mensagem ficaram retidos pelo mau tempo por três meses no mar, enquanto outros, que trouxeram a notícia da morte de Gaios, tiveram uma viagem afortunada. Então Petrônio recebeu esta última informação vinte e sete dias mais cedo do que a carta que trazia sua própria sentença de morte.”

PODER DE CALÍGULA

- “A este despacho Gaios respondeu em termos desmedidos, ameaçando matar Petrônio por seu atraso na execução de suas ordens.”

O quadrado semiótico acima foi construído e aplicado sobre o mesmo texto que serviu à aplicação de diferente quadrado no *Capítulo Primeiro*, contudo aqui a questão a ser refletida é bem diversa, não se trata mais de resistência, mas sim de antiga noção hebraico-judaica de história. Josefo sendo um historiador judeu a adotava, ou seja, acreditava que יהוה - YHWH – seu Deus era o senhor da história, portanto o poder dessa divindade estava acima de qualquer outro. No presente caso o autor destaca a boa fortuna dos judeus, que é fruto do poder de יהוה -YHWH, e assim o poder de Calígula, que promove o infortúnio dos judeus, é derrubado.

A dêixis positiva encontra-se euforizada por expressões como “*ordens sob os cuidados de Deus*”, referindo ao controle divino sobre as determinações autoritárias de Calígula e por palavras como: “*morte de Gaios e viagem afortunada*,” ou seja, o acaso, para Josefo obra que revela o poder de seu Deus, fez com que a notícia da morte do Imperador, logo do automático cancelamento de sua ordem contra os judeus e sua fé, chegasse antes em consequência de uma viagem feliz, do que a outra notícia, que condenava Petrônio à morte. A dêixis negativa encontra-se disforizada por “*rumores de guerra, não viram meios de defesa e alarme*”, com relação ao infortúnio que se anunciava sobre os judeus e ainda “*termos desmedidos, ameaçando matar, atraso na execução*”, o que indica a ira de Calígula sobre Petrônio, que insistia em desobedecer suas ordens. Logo o percurso apoiado por Josefo é (S2 - -S2 – S1) e por ele rejeitado é (S1 - -S1- S2).

O segundo exemplo extrai do final da obra, mais especificamente do Livro VI, quando Josefo - então porta-voz e intérprete de Tito, que promovia o cerco de Jerusalém em 70 d.C. - relata seu diálogo com João de Giscala, líder que comandava uma das facções judaicas que controlavam Jerusalém naquele momento, como visto no *Capítulo Primeiro*. Josefo tentava, segundo ele diz, convencer tal líder a se entregar aos romanos e para tanto lançou mão da presença de יהוה - *YHWH* - *Adonai* na história judaica - logo aí se vê a noção hebraico-judaica de história -, bem como se referiu a seu próprio entendimento farisaico, que unia as noções de livre-arbítrio e de pré-destinação, como visto no *Capítulo Segundo*.

TEXT O XXIV

“Uma vez mais tu irritando-te e vociferando injúrias a mim, que até mereço as coisas mais cruéis por oferecer advertência, e a mim que aconselho algo contra o destino e luto para salvar aqueles que foram condenados por Deus. Um dia eles (os profetas) anunciaram que a captura dela (da cidade de Jerusalém) seria quando alguém começasse a matar o próprio compatriota. A cidade e o Templo não estão totalmente repletos de vossos cadáveres? Deus, ele próprio, está trazendo com os romanos, o fogo purificador e vai destruir para ele a cidade sobrecarregada dessas (de tamanhas) impurezas.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 6 §§ 108 - 110.

3.5 Ambigüidade no Conteúdo:

O quarto nível de ambigüidade que desejo ressaltar neste capítulo é o que se encontra no conteúdo da obra, e que se pode compreender a partir da biografia de Josefo, apresentada no *Capítulo Segundo*, que revelou um homem dividido entre Judéia e Roma.

A ambigüidade de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos* não se restringe apenas a um relato ora pró-judaico, ora pró-romano, mas também apresenta-se em outros dois níveis, ora especificamente anti-judaico, embora nunca anti-romano, nunca contrário à estrutura do Império, no máximo em oposição a um líder romano em especial, como por exemplo Calígula. T tamanha oscilação entre diferentes graus de acusação e apologia tem, a meu ver, sua razão de ser. Ao redigir esta obra, apesar de ainda e sempre judeu, como se viu também no *Capítulo Segundo*, Josefo já era cidadão romano, vivia em Roma e estava sob a forte influência dos Flávios. Por isso, subdividi este item 3.4. em quatro partes, que mostram um Josefo ora anti-Calígula, ora pró-romano, ora anti-judaico e por fim pró-judaico, partes que formam um mosaico que, a meu juízo, esclarece e mesmo justifica a postura de Josefo ao redigir sua primeira obra dentro do contexto sócio-político em que vivia, e que envolvia Judéia e Roma .

Para compor este quadro de ambigüidades, selecionei, para cada um dos quatro sub-ítens a seguir, um trecho desta narrativa, logo são quatro textos que se complementam, a partir do modo em que Josefo apresenta cada um dos líderes - personagens centrais - de cada uma das quatro ações. Cronologicamente, o primeiro texto trata de Pompeu, o segundo de Judas de Gamala, o terceiro de Pilatos e o quarto de Calígula. Os textos se complementam, a meu juízo, porque: *no primeiro (pró-romano)*, Josefo apresenta Pompeu como um líder que preservou a ordem judaica após sua chegada à Jerusalém, ou seja, o primeiro líder romano não desestruturou aquela sociedade, que a partir de então começaria a ser lenta e gradualmente anexada ao Estado Romano; *no segundo (anti-judaico)*, Josefo

revela seu ódio por Judas de Gamala, que levou parte da população judaica a se distanciar da ordem então vigente, isto é, o domínio romano já instaurado, o qual, aliás, Josefo parece aceitar; *no terceiro (pró-judaico)*, Josefo demonstra sua admiração pela força da fé dos judeus, que conseguem preservar a força e a prática da תורה - *Torah* ainda que para que isso ocorra tenham que dar em troca suas próprias vidas; por *no quarto (anti-Calígula)* Josefo demonstra a crueldade e intransigência do Imperador.

Dos quatro trechos acima referidos, de *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, pude construir, para cada um, um quadrado semiótico que me auxiliou na reflexão das posturas de Josefo presentes na obra, respectivamente pró-romana, anti-judaica, pró-judaica e anti-Calígula. Lembro que o texto relativo a Judas é inédito neste trabalho, porém os referentes à Pompeu, Pilatos e Calígula, já surgiram no *Capítulo Primeiro*, contudo como o objeto de análise naquela ocasião era a resistência judaica face à dominação romana e não os diversos níveis de conteúdo da narrativa de Josefo, é claro que os quadrados que construí para os dois primeiros excertos, naquela oportunidade, não são os mesmos construídos agora.

Com relação ao quarto fragmento da obra, o texto que se refere a Calígula, devo tecer uma consideração especial. Este trecho já surgiu tanto no *Capítulo Primeiro*, como neste *Terceiro*. Em cada um desses momentos construí um quadrado semiótico para análise, no primeiro caso com relação ao processo de resistência judaica face à Roma e no segundo demonstrando Josefo como historiador hebraico-judaico. Neste terceiro repito o quadrado construído no *Capítulo Primeiro*, pois neste caso ele se aplica a uma análise que se propõe

anti-Calígula. É importante que se explique que apenas consegui utilizar um quadrado “anti-Calígula”, simplesmente porque não pude construir um quadrado para uma análise anti-romana da narrativa de Josefo. Tal fato tem um forte significado para mim. Se não foi possível aplicar a metodologia deste estudo a este texto, no sentido de prová-lo anti-romano, e também não o foi com relação a nenhum outro que selecionei, significa que nenhum destes fragmentos de fato é anti-romano, e então concluo que a narrativa de Josefo em *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, nada tem de anti-romana, à exceção de poucas passagens, com críticas isoladas, como contra o Imperador Calígula.

A seguir transcrevo os quatro textos e os quatro quadrados e suas respectivas análises, que me foi possível elaborar.

3.5.1 Josefo Pró-Romano:

(Pompeu, o respeito ao povo conquistado).

TEXTO XXV

“Nas calamidades até aquele momento, nada agrediu tanto a nação como o Templo, até então não visto, ter sido desvelado pelos estrangeiros. Pompeu, em companhia de seus seguidores, tendo, na verdade, entrado na parte mais sagrada do Templo, lugar em que somente ao Sumo Sacerdote era permitido entrar, contemplou os objetos do interior: o candelabro e luminárias, a mesa, os vasos para libação e incensórios, todos de ouro maciço, um acúmulo de fragrâncias e o depósito de dinheiro sagrado, que somava dois mil talentos. Ele (Pompeu), porém, não tocou nem nestes, nem em quaisquer outros dentre os tesouros do Templo, entretanto no dia seguinte à (sua) captura, ordenou aos guardiães purificar o Templo e dar prosseguimento aos sacrifícios, como de costume.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1 §§ 152-153.

S1

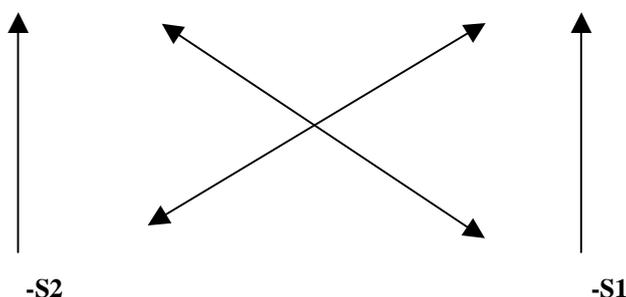
S2

DESRESPEITO AO TEMPLO

- “Pompeu,..., tendo, na verdade, entrado na parte mais sagrada do Templo, lugar em que somente ao Sumo Sacerdote era permitido entrar, ...”

RETORNO À NORMALIDADE DA VIDA JUDAICA

- “...dar prosseguimento aos sacrifícios, como de costume.”

**RUPTURA DA NORMALIDADE DA VIDA JUDAICA**

- “Nas calamidades até aquele momento nada agrediu tanto a nação como o Templo, até então não visto, ter sido desvelado pelos estrangeiros.”

RESPEITO AO TEMPLO

- “Ele (Pompeu), porém, não tocou nem nestes, nem em quaisquer outros dentre os tesouros do Templo, ...”

- “ ... no dia seguinte, ... ordenou aos guardiães purificar o Templo”

O texto revela o primeiro contato direto - 63 a.C. de uma autoridade romana - Pompeu – com o espaço de culto mais importante para o judaísmo – o Templo de Jerusalém. Deste encontro, observa-se, a princípio, a violação do santuário ser cometida pelo comandante estrangeiro, o desrespeito ao Templo, por sua entrada no local mais sagrado e interno da edificação, o Santo dos Santos, recinto onde apenas à mais alta autoridade religiosa judaica, o Sumo Sacerdote, era permitida a entrada. Tal ocorrência

reflete a ruptura da normalidade da vida judaica, pois os sacrifícios foram paralisados, já que no dia seguinte, como narra Josefo, se fez presente a reverência ao espaço sagrado, logo o respeito ao Templo por Pompeu, já que este não tocou em seus tesouros e ainda mais mandou purificar e restaurar seus cultos, o que significa o retorno à normalidade da vida judaica ao final deste episódio, fato que neste item mostra que Josefo produz uma narrativa pró-romana, na medida em que o Templo e a vida quotidiana judaica foram preservadas por Pompeu, ou seja, o conquistador mostrou-se, segundo narra o autor, benevolente para com o povo recém conquistado.

No quadrado proposto para análise, a dêixis positiva encontra-se disforizada por palavras como *“entrado ... lugar somente ao Sumo Sacerdote permitido entrar”*, que revelam o desrespeito ao Templo e por expressões como *“nas calamidades. nada agrediu tanto a nação o Templo, não visto, ter sido desvelado pelos estrangeiros”*, que indicam a ruptura da normalidade da vida judaica. Em contrapartida a dêixis negativa é euforizada tanto por *“não tocou em quaisquer tesouros do Templo e purificar o Templo,”* que mostram o respeito de Pompeu, sua reverência ao Templo, quanto por e *prosseguimento aos sacrifícios*, que demonstram o retorno à normalidade da vida judaica.

O percurso proposto pelo autor é **(S1 - -S1 – S2)**, ou seja, parte do desrespeito ao santuário, provocada pelo líder romano, passa por seu respeito a este prédio sagrado e por fim conduz ao retorno à normalidade da vida judaica, graças ao desejo e às ordens de Pompeu. O percurso inverso **(S2 - -S2 – S1)**, que parte da normalidade da vida judaica e

chega a sua profanação, ao desrespeito, é rejeitado pelo autor, visto que não daria sustentação a sua narrativa pró-romana.

3.5.2 *Josefo Anti-Judaico:*

(Judas, a apostasia, a Quarta filosofia e a ruína judaica).

O texto deixa emergir a repulsa que Josefo demonstra por Judas, o fundador da Quarta Filosofia, que seguiu às outras três, a dos saduceus, fariseus e essênios. No final do *Capítulo Primeiro* mostrei que, segundo Martin Goodman¹⁷⁸ este quarto grupo tinha como dogma central a crença de que os judeus deveriam optar pela morte, para não terem que se submeterem a outro senhor que não fosse seu Deus, sobretudo um mortal, como se vê do texto a seguir, também oriundo da mesma obra acima. O ódio de Josefo por Judas pode ser explicado por seu horror à Quarta Filosofia, já que esta foi a causadora da ruína da Judéia, segundo narra Josefo em **Ioudai>khV* **Arcailogiva* - *Ioudaikè Archailogía* - *Antigüidades Judaicas*, 18.9, como informa Mireille Hadas-Lebel,¹⁷⁹. Lembrando esta mesma passagem, na realidade *Antigüidades Judaicas*, 18.6-10, Martin Goodman¹⁸⁰ afirma que “*Josefo culpa explicitamente a Quarta Filosofia pela Guerra.*”

T E X T O XXVII

¹⁷⁸ ver nota nº 91.

¹⁷⁹ HADAS-LEBEL, Mireille. *Op.cit.*, p. 50.

¹⁸⁰ GOODMAN, Martin. *Op.cit.*, p. 102.

“Tendo sido o território de Arquelau delimitado em uma **província / prefeitura (e*parcivan)**, Copônio, um romano da ordem eqüestre, foi enviado como **procurador (e*pivtropoY)**, recebendo de César (Augusto) autoridade até para matar. Sob sua administração, um Galileu, chamado Judas,¹⁸¹ levou seus compatriotas à **apostasia (a*pvstasin)**, reprovando-os por consentirem pagar tributo aos romanos, e depois de terem Deus, submeterem-se a líderes mortais. Este homem era um sofista, que fundou sua própria **seita (ai&revsewY)**,¹⁸² que nada tinha em comum com as outras.

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 2 §§ 117-118.

Antes de passar ao quadrado semiótico que empreguei para a análise deste texto, necessito tecer alguns comentários acerca das palavras em negrito acima, à exceção da última, já foi trabalhada anteriormente - ver nota respectiva.

As duas primeiras estão vinculadas à estrutura político-administrativa do Império Romano: os termos *e*parcivan* - *eparchían* (caso acusativo de *e*parciva* - *eparchía*), que foi grafado no texto acima e *e*pivtropoY* - *epítropos*, registrado neste, bem como no **texto II**, anteriormente. Segundo Bailly¹⁸³ a palavra *e*parciva* - *eparchía* foi utilizada por Políbio e Plutarco e traduz-se por *Província ou Prefeitura*, ao

¹⁸¹ Nota da edição da Loeb: *Judas da Galiléia ou de Gamala*.

¹⁸² A palavra *ai@resiY#* háiresis, que no caso genitivo se declina para *ai&revsewY* - *hairéseos*, foi analisada no Capítulo Primeiro – “As questões sócio-político-religiosas”.

¹⁸³ BAILLY, A. *Op.cit.*, p. 724.

passo que para Liddell e Scott¹⁸⁴ o termo *εἰπαρχοῦ* - *éparchos*, empregado por Plutarco, traduz-se por *Praefectus* - o *Prefeito Romano*. Quanto à palavra *ἐπιτροπῶν* - *epítropos*, novamente de acordo com Bailly¹⁸⁵ foi grafada uma vez mais por Plutarco e também por Estrabão e significa *Procurator* - o *Procurador Romano*.

Alguns eruditos, especialistas na história da Judéia, apresentam uma reflexão sobre tais termos. Tanto Mireille Hadas-Lebel¹⁸⁶, quanto André Paul¹⁸⁷ e ainda John Meier¹⁸⁸ são precisos ao afirmarem que de 6 a 66 os governantes romanos da Judéia tiveram dois diferentes títulos, em três fases que se sucederam. De 6 a 41 o de *Praefectus* - *Prefeito*, e de 44 e até 66 - data do início da guerra, o de *Procurator* - *Procurador*. De 41 a 44, por ordem do Imperador Cláudio (41 - 54), o neto de Herodes Magno - Agripa I - foi *Rei* dos judeus. (*Quadro 1-1*). Os três autores ainda recordam que em 1961 foi descoberta em Cesaréia Marítima (hoje Cesaréia em Israel) uma inscrição que afirmava ser Pôncio Pilatos - *Praefectus Judaeae* - *Prefeito da Judéia*, logo ele não era *Procurador*. Em especial, John Meier¹⁸⁹ informa que sob Augusto (que governou de 27 a.C. a 14 A.D.) e Tibério (que

¹⁸⁴ LIDDEL e SCOTT. *Op.cit.*, p.281

¹⁸⁵ BAILLY, A. *Op.cit.*, p. 783.

¹⁸⁶ HADAS-LEBEL, Mireille. *Op.cit.*, p.277.

¹⁸⁷ PAUL, André. *Op.cit.*, p.53-56.

¹⁸⁸ MEIER, John P. *Um Judeu Marginal - repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 430.

¹⁸⁹ Idem, p. 106.

reinou de 14 a 37) os governadores da Judéia eram oriundos da ordem eqüestre - não da senatorial -, e tinham em geral o título de *Prefeito*, envolvido com funções militares, enquanto que o *Procurador* estava vinculado à administração financeira e representação pessoal do Imperador. A diferença entre os dois títulos parecia insignificante em uma região tão distante de Roma, como a Judéia, e assim a população provavelmente confundia os dois termos *Prefeito* e *Procurador*, por isso há imprecisão em Tácito, que, por exemplo, chamou Pilatos de *Procurador*, e em Josefo.

Este, aliás, como visto no **texto XXVII** acima, chama o antigo território de Arquelau de *Prefeitura* (*e*parcivan - eparchían*) e seu primeiro dirigente Copônio de *Procurador* (*e*pivtropoY- epítropos*), e não de *Prefeito* (*e!parcoY - éparchos*). Entretanto como se observa no mesmo texto e na explicação acima, *e*parciva - eparchía* também pode ser traduzida por *Província*. Se esta era a idéia de Josefo, então mais impreciso ainda ele foi, quanto à divisão político-administrativa romana no Oriente Próximo, envolvendo a Judéia e a Síria, uma vez que neste caso ele considerou a Judéia uma província romana já em 6 d.C., quando da queda de Arquelau e nesta data a Judéia não era ainda uma Província. Posso sustentar esta afirmação a partir do que informa objetivamente Maurice Sartre¹⁹⁰ e que por isso, a meu juízo, merece ser transcrito:

“Desde 6 d.C., Arquelau foi deposto e seus Estados anexados à província da Síria. Mas um prefeito foi encarregado da Judéia, sob a tutela do governador da Síria, Quirino.”

¹⁹⁰ SARTRE, Maurice. *Op.cit.*, p.362.

John Meier¹⁹¹ acrescenta que o Imperador Cláudio promoveu mudanças no título do governante romano na Judéia de *Prefeito* para *Procurador*, e lembra que segundo alguns estudiosos isto se tratou de uma “elevação” do cargo devido ao aumento das dificuldades na relação com os judeus, e esclarece ainda que é possível que a modificação do título na Judéia estivesse contido em uma reforma realizada por este mesmo Imperador, com o objetivo de aumentar seu vínculo e controle sobre o líder romano local, afastando-o da influência do Senado, já que como visto, o *Procurador* era um representante pessoal do Imperador.

A terceira palavra em negrito e última a analisar aqui é *apostasia* -*a*poḃstasin* - *apóstasin* (caso acusativo de *a*poḃstasiY* - *apóstasis*), palavra que, como informam Liddell e Scott¹⁹² se traduz por *defecção, revolta*, empregado por Tucídides e como indica Bailly¹⁹³, se traduz por *ação de se afastar, abandono, deserção de uma aliança*, utilizado por Tucídides. Pelo conjunto de traduções, percebo que esta palavra não só transmite a idéia de rebelião (*revolta*) como também de rompimento e afastamento de um pacto em vigor (*deserção de uma aliança*).

¹⁹¹ MEIER, John P. *Op.cit.*, p. 106.

¹⁹² LIDDEL e SCOTT. *Op.cit.*, p.107.

¹⁹³ BAILLY, A. *Op.cit.*, p. 244.

De fato, o sentido desta palavra, no período clássico é totalmente político, mas já na época helenística também é religioso. O *Novo Dicionário da Bíblia*¹⁹⁴ informa que no grego clássico o termo a*postasiva - *apostasía* significava *revolta* ou *defecção política*, e que na Septuaginta (século III a.C.) tal palavra sempre esteve vinculada à *rebelião contra Deus*. No judaísmo política e religião operam em um mesmo movimento. É interessante observar assim os dois sentidos – político e religioso - da palavra a*postasiva - *apostasía* – forma tardia do termo a*повstasiY- *apóstasis*, embora sempre se trate de uma rebelião, um afastamento.

O que percebo no **texto XXVII** é que há a idéia da apostasia religiosa em Judas, ao criticar seus compatriotas por aceitarem outros líderes, que não Deus, e há em contrapartida a noção de apostasia política em Josefo, quando este claramente afirma que “...um Galileu, chamado Judas, levou seus compatriotas à *apostasia (a*повstasin)*,...”. É sobre este sentido político que passo a refletir.

Dentro dos movimentos elencados no que concerne à fenomenologia do dissenso, recordando Giovanni Bianchi e Renzo Salvi, a revolta ou rebelião é a expressão de grupos insatisfeitos¹⁹⁵, logo a idéia que Josefo passa no **texto XXVII** acima é a de que Judas de Gamala levou seus conterrâneos à revolta, à manifestação de insatisfação, entretanto há

¹⁹⁴ DOUGLAS, J.D. (org.) *Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990, p. 95.

¹⁹⁵ Rever o item 1.6 - Fenomenologia do Dissenso.

mais. Se posso também entender a *a*повстасiY* - *apóstasis* - *apostasia* como *deserção de uma aliança*, posso concluir que Josefo nas entrelinhas deixa emergir seu sentimento de aceitação ao domínio romano. Veja-se que ele condena - não só por chamar de sofista¹⁹⁶, como também por ser fundador de nova *ai@resiY*- *háresis*, que nada tinha a ver com as demais tradicionais - o homem que conduziu seu povo não só a se rebelar como também a romper um pacto tacitamente estabelecido com Roma, uma vez que já era uma realidade em ação, não apenas a tributação romana, bem como a presença de líderes do Império, senhores mortais que comandavam a Judéia.

Segue o quadrado para análise.

¹⁹⁶ Segundo Liddell & Scott, *Op.cit.*, p. 738, a palavra *sofisthvY*- *sofistés* tem um sentido positivo e um negativo. Assim ela pode ser traduzida ora por “*homem sábio*” ora por “*impostor, trapaceiro*”. Pelo conteúdo do texto de Josefo, (**texto XXVII**) não tenho dúvidas de que ele utiliza o segundo sentido da palavra para se referir a Judas de Gamala.

S1

S2

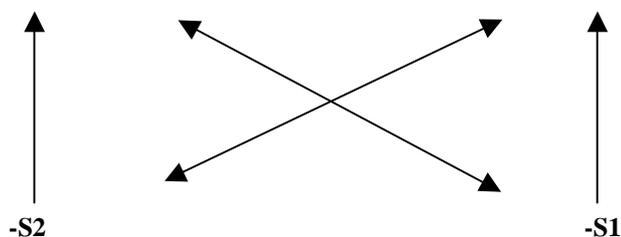
ACEITAR O DOMÍNIO ROMANO

- "... consentirem pagar tributo aos romanos, e..., submeterem-se a líderes mortais."

LIDERANÇA JUDAICA

- "... um Galileu, chamado Judas,..."

- " Este homem era um sofista, que fundou sua própria **seita** (**ai&revsewY**, que nada tinha em comum com as outras".

**LIDERANÇA ROMANA**

- "...Copônio, um romano da ordem eqüestre, foi enviado como **procurador** (**e*pivtropoY**, recebendo de César (Augusto) autoridade até para matar."

REPUDIAR O DOMÍNIO ROMANO

- ... " Judas levou seus compatriotas à **apostasia** (**a*povstasin**), reprovando-os..."

Este fragmento narra o exato momento em que, pela primeira vez, Roma coloca no comando da Judéia, passando a governá-la de forma direta, um romano - Copônio. Chega assim ao fim (à exceção de Agripa I (41-44)) o reinado da dinastia herodiana sobre esta mesma área. Aqui o autor demonstra sua reprovção à liderança judaica, no caso à pessoa

de Judas de Gamala, que ele considera um sofista¹⁹⁷ o fundador da chamada Quarta Filosofia, e que por fim, por repudiar o domínio romano, levou seu povo à apostasia, ao rompimento do status quo, que Josefo demonstra aprovar, tanto que ele não apenas admira a liderança romana, identificando Copônio e apresentando a importância de sua função administrativa, bem como registra o que julga ser o apoio dado pelos judeus à nova ordem, que parecem aceitar o domínio romano.

Neste caso a dêixis negativa é disforizada, já que Josefo revela seu total desprezo por Judas de Gamala – ou da Galiléia – por considerá-lo um homem não confiável e marginal à ordem então vigente, como se vê de palavras como “*Este homem era um sofista que fundou sua própria seita...*”, e ainda nota-se a disforização em “*Judas levou seus compatriotas à apostasia...*”. Em oposição, a dêixis positiva está euforizada por palavras como “*...Copônio, ... foi enviado como procurador, recebendo de César (Augusto) autoridade....*”, que revelam o respeito do autor pelo cargo e posição social ocupados por Copônio, bem como pelos poderes que lhe haviam sido conferidos pelo Imperador, e ainda por expressões como “*...consentirem ... e ... submeterem-se...*”, que registram a aceitação do povo e mesmo de Josefo ao domínio romano.

O percurso proposto pelo autor é (**S2 - -S2- S1**), que parte da liderança judaica que ele não concorda, rumando à liderança romana e chegando à aceitação do domínio do

¹⁹⁷ Ver nota anterior.

Império. Em contrapartida (S1 - -S1 – S2) é o caminho rejeitado por Josefo, já que parte do controle de Roma e leva à liderança de Judas.

3.5.3 Josefo Pró-Judaico:

(A vitória da fé judaica perante Pilatos).

T E X T O II

‘Pilatos, tendo sido enviado à Judéia por Tibério como procurador, introduziu furtivamente à noite em Jerusalém as efígies de César cobertas, as quais são chamadas de estandartes. Isto provocou grande agitação entre os judeus durante o dia. Estes ficaram consternados diante da visão, como se as suas leis tivessem sido esmagadas com os pés, pois não era permitido colocar imagens na cidade, enquanto a indignação do povo da cidade agitava as pessoas do campo, que afluíam juntas em multidão. Apoiando-se em Pilatos (indo) a Cesaréia, (os judeus) imploraram-lhe retirar os estandartes de Jerusalém e guardar (respeitar) as leis de seu antepassados. Quando Pilatos recusou-se, eles caíram prostrados ao redor de sua casa e por cinco dias e noites inteiros permaneceram imóveis naquela posição. No dia seguinte Pilatos tomou seu assento de magistrado no grande estádio e convocando a multidão, com a aparente intenção de respondê-la, deu o sinal combinado, a seus soldados armados, para cercarem os judeus. Encontrando-se estes dentro de um anel triplo de tropas, os judeus ficaram em silêncio, face a esta visão inesperada. Pilatos, após ameaçar trucidá-los, caso eles se recusassem em admitir imagens de César, fez sinal a seus soldados para desembainharem suas espadas. Em consequência disso, os judeus, em ação combinada, atiraram-se em conjunto ao chão, estenderam seus pescoços e exclamaram que eles estavam mais preparados para morrer do que para transgredir a lei. Pilatos, enormemente admirado com a pureza do fervor religioso, ordena retirar imediatamente os estandartes de Jerusalém.’

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 2 §§ 169 - 174.

S1

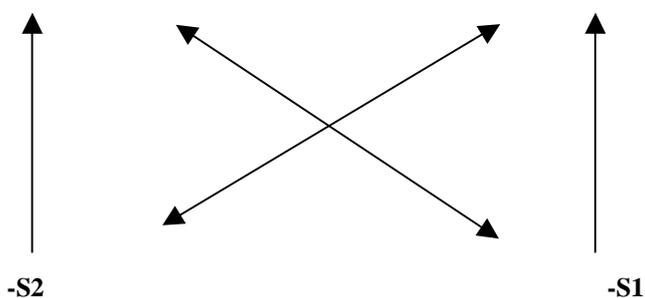
PILATOS CONTRA A תורה - TORAH

- “Pilatos, ... , introduziu furtivamente à noite em Jerusalém as efígies de César cobertas, as quais são chamadas de estandartes.” “

S2

RESPEITO À תורה - TORAH

- “Pilatos, enormemente admirado com a pureza do fervor religioso, ordena retirar imediatamente os estandartes de Jerusalém.”

**DESRESPEITO À תורה - TORAH**

- “Isto provocou grande agitação entre os judeus durante o dia. Estes ficaram consternados diante da visão, como se as suas leis tivessem sido esmagadas com os pés, pois não era permitido colocar imagens na cidade.”

JUDEUS EM DEFESA DA**תורה - TORAH**

- “ ... (os judeus) imploraram-lhe retirar os estandartes de Jerusalém e guardar (respeitar) as leis de seus antepassados”.

- “... os judeus, em ação combinada, atiraram-se em conjunto ao chão, estenderam seus pescoços e exclamaram que eles estavam mais preparados para morrer do que para transgredir a lei.”

Neste trecho, como já visto, o autor relata um dos mais graves conflitos deflagrados entre o Prefeito Pôncio Pilatos, que liderou a Judéia de 26 a 36 , e o conjunto da sociedade judaica, que a ele se opõe. Naquela oportunidade – no caso da residência estudada no *Capítulo Primeiro*, o sujeito central da ação era o Prefeito Pôncio Pilatos, já que minha

intenção era comprovar a hipótese formulada de que o respeito ou desrespeito da liderança romana pela תורה - *Torah* determinava o maior ou menor grau de resistência judaica. Aqui, o sujeito central da ação são os judeus, que com sua determinação em morrer pela Lei, conseguem, por seu fervor religioso, a vitória do cumprimento e respeito da mesma.

Assim, no presente caso o desrespeito à תורה - *Torah* foi conhecido quando o Prefeito romano não só introduziu imagens de Tibério, em Jerusalém, o que era uma afronta à determinação do texto sagrado judaico, que proibia a confecção e o culto de imagens, como também as quis manter lá. Josefo, contudo, mostra que Pilatos se curvou frente à grande religiosidade dos judeus e assim estando Pilatos contra a תורה - *Torah*, transgrediu a Lei judaica, tal atitude foi desfeita graças à ação dos judeus em defesa da תורה - *Torah*, o que levou ao respeito à תורה - *Torah*, à sua manutenção. Neste caso Josefo produz um texto pró-judaico, valorizando o poder da fé e a coragem de seu povo diante do poder do Prefeito.

A dêixis negativa encontra-se euforizada pelas expressões “*enormemente admirado pureza do fervor religioso, retirar os estandartes*”, que revelam a vitória dos judeus e do judaísmo na preservação da prática da תורה - *Torah* e “*guardar(respeitar) as leis de seus antepassados, e os judeus ... estavam mais preparados para morrer do que para transgredir a lei*”, que apontam, não só o desejo dos judeus em manter sua prática religiosa, bem como sua ação corajosa para tal manutenção. A dêixis positiva encontra-se disforizada pelas palavras “*ameaçar trucidá-los, desembainharem suas espadas, soldados*

armados...cercarem os judeus, que indica a intransigência da ação do Prefeito e *introduziu furtivamente...em Jerusalém... efígies de César*”, que exemplificam a quebra da observação da תורה - *Torah*.

O percurso defendido por Josefo é (S1 - -S1 – S2) que parte da ação de Pilatos, passa pela ação dos judeus e chega à manutenção da observação da Lei, logo à vitória do judaísmo, obtida pela força da fé dos judeus, o que demonstra o texto pró-judaico de Josefo. O percurso inverso (S2 - -S2 –S1), que vai da manutenção à quebra da observação da תורה - *Torah* e por fim chega à ação transgressora de Pilatos é repudiado pelo autor.

3.5.4 Josefo Anti-Calígula (não anti-Romano):

(Calígula, crueldade e arrogância).

TEXT O III

“Gaios (...) enviou Petrônio com um exército a Jerusalém, para erigir no Templo estátuas do próprio Gaios, tendo ordenado, caso os judeus não aceitassem, condenar à morte os recalcitrantes e reduzir à escravidão todo o restante do povo. Estas ordens, porém, estavam sob os cuidados de Deus. Petrônio, por conseguinte, com três legiões e um grande contingente de auxiliares sírios, deixou Antióquia em marcha para a Judéia. Entre os judeus, alguns não acreditavam nos rumores de guerra, outros creram, mas não viram meios de defesa, o alarme, entretanto, logo tornou-se universal, o exército tendo já atingido Ptolemaida.

(...)

Os judeus reuniram-se com suas esposas e filhos na planície de Ptolemaida e imploraram a Petrônio para primeiro dar atenção às leis de seus antepassados e em seguida a eles mesmos. Até então transigindo

com a vasta multidão e suas súplicas, ele deixou as estátuas e suas tropas em Ptolemaida e avançou em direção à Galiléia, onde ele convocou para Tiberíades a população, inclusive todas as pessoas de distinção. Lá ele frisou o poder dos romanos e as ameaças do Imperador e, além disso, apontou a imprudência da solicitação deles, todas as nações súditas, ele advertiu, haviam erigido, em cada uma de suas cidades, estátuas de César, juntamente com aquelas de seus outros deuses, e que somente eles (os judeus) se oporiam a esta prática, o que equivalia quase a uma rebelião, agravada por insulto. Quando os judeus expuseram o costume e as leis de seu povo, que não permitiam colocar imagem, nem de Deus, nem de homem, não apenas no interior do seu Templo, nem em qualquer lugar do campo, Petrônio, tomando a palavra disse: “Mas eu também devo fazer cumprir a lei do meu senhor, se eu transgredí-la e os poupar, eu serei morto, com justiça. Guerra será feita sobre vocês por ele, que me enviou, não por mim, já que eu também, como vocês, estou sob ordens.” Com isto a multidão gritou que estava pronta para suportar tudo pela lei. Petrônio, tendo verificado seu clamor, disse: “Então vocês vão à guerra com César?” Os judeus responderam que eles ofereciam sacrifício duas vezes ao dia a César e ao povo romano, mas que caso ele desejasse erguer estas estátuas, ele primeiro deveria sacrificar toda a nação judaica, e então eles próprios se apresentaram, suas esposas e seus filhos prontos para o massacre. Estas palavras encheram Petrônio de admiração e piedade diante de um espetáculo de incomparável devoção deste povo a sua religião e sua inabalável resignação à morte. Então, por ora, ele os dispensou, nada sendo decidido.

(...)

Desta cidade (Antióquia) ele (Petrônio) dirigiu-se às pressas para relatar a César sua expedição na Judéia e as súplicas da nação, acrescentado que, a não ser que ele desejasse destruir o país, assim como seus habitantes, ele deveria respeitar a lei deles e revogar as ordens. A este despacho Gaios respondeu em termos desmedidos, ameaçando matar Petrônio por seu atraso na execução de suas ordens. Entretanto, aconteceu que os portadores desta mensagem ficaram retidos pelo mau tempo por três meses no mar, enquanto outros, que trouxeram a notícia da morte de Gaios tiveram uma viagem afortunada. Então Petrônio recebeu esta última informação vinte e sete dias mais cedo do que a carta que trazia sua própria sentença de morte.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 2 §§ 184 - 203.

S1

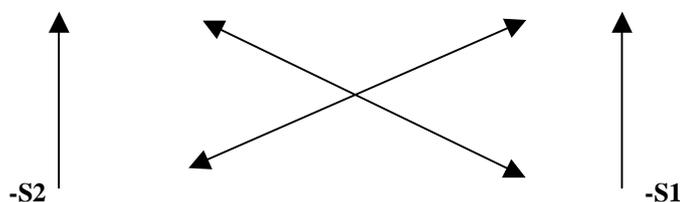
VIOLAÇÃO DA תּוֹרָה - TORAH

- “Gaios (...) enviou Petrônio com um exército a Jerusalém, para erigir no Templo estátuas do próprio Gaios,...”

S2

DESCUMPRIMENTO DAS ORDENS DE CALÍGULA

“ Até então transigindo com a vasta multidão e suas súplicas, ele deixou as estátuas e suas tropas em Ptolemaida ...”
 “... Petrônio, ... disse: ... a lei do meu senhor, se eu transgredí-la e os poupar, eu serei morto, com justiça.” “Então, por ora, ele os dispensou, nada sendo decidido”.-
 “... ele deveria respeitar a lei deles e revogar as ordens.”- “... trouxeram a notícia da morte de Gaios ...”

**CUMPRIMENTO DAS ORDENS DE CALÍGULA**

- “... tendo ordenado (Gaios), caso os judeus não aceitassem, condenar à morte os recalcitrantes e reduzir à escravidão todo o restante do povo.”

- “Petrônio, por conseguinte, com três legiões e um grande contingente de auxiliares sírios, deixou Antióquia em marcha para a Judéia.”

- “... avançou em direção à Galiléia, Lá ele frisou o poder dos romanos e as ameaças do Imperador...”

- “... Petrônio, tomando a palavra disse: “Mas eu também devo fazer cumprir a lei do meu senhor...”

- “ Guerra será feita sobre vocês por ele, que me enviou, não por mim, já que eu também, ... , estou sob ordens.”

PRESERVAÇÃO DA תּוֹרָה - TORAH

“Os judeus reuniram-se com suas esposas e filhos ... e imploraram a Petrônio para primeiro dar atenção às leis de seus antepassados e em seguida a eles mesmos.”

- “... os judeus expuseram o costume e as leis de seu povo,...”- “... a multidão gritou que estava pronta para suportar tudo pela lei.”- “ Estas palavras encheram Petrônio de admiração e piedade diante de um espetáculo de incomparável devoção deste povo a sua religião...”

Este extrato narra um dos mais sérios incidentes entre um líder romano e a nação judaica antes da guerra de 66 – 73. O Imperador Gaios, cognominado Calígula, que reinou

de 37 a 41, determinou, assim como já fizera com relação a outras províncias, que estátuas suas fossem erguidas no Templo de Jerusalém. Coube a Petrônio o cumprimento das ordens de Calígula, porém caso isto ocorresse seria necessário que se fizesse presente também a violação da תורה - Torah, que como visto no caso de Pilatos, proibia a confecção e o culto de imagens, não só de sua própria divindade, quanto mais a de um líder estrangeiro. Claro ficou que para a preservação da תורה - Torah era necessário que também ocorresse o descumprimento das ordens de Calígula.

Neste caso, a disforização da dêixis positiva é claríssima pelas seguintes expressões: “condenar à morte, reduzir à escravidão, ameaças do Imperador, guerra”, que revelam a agressividade de Calígula, e ainda “sacrificar toda a nação judaica, prontos para o massacre”, que mostram a que ponto os judeus chegaram por respeito a sua lei. Em contrapartida a euforização da dêixis negativa é nítida pelas seguintes palavras: “transigindo, poupar, nada sendo decidido e revogar as ordens” – com relação à atitude tolerante de Petrônio e “suportar tudo pela lei, admiração e piedade, incomparável devoção”, palavras que indicam a fidelidade dos judeus no cumprimento da תורה - Torah.

(S1 - -S1 - S2) é o percurso apoiado pelo autor, ou seja, aquele que parte da violação da תורה - Torah e termina no descumprimento das ordens de Calígula, logo na manutenção da lei judaica, esta triunfando. Por conseguinte (S2 - -S2 – S1), que leva à violação desta mesma lei é o percurso rejeitado por Josefo.

3.6 Epílogo:

Josefo, em quádrupla ambigüidade produziu seu primeiro trabalho de historiografia. No nome, oscilou entre um título mais pertinente ao ponto de vista romano do conflito e outro mais vinculado à ótica judaica do mesmo. Na origem, alegou ter que dizer a verdade, enquanto ele mesmo demonstra que manda mensagem aos vizinhos do Oriente, tendo os partas como os primeiros da lista. Em seguida, tendo Tucídides como paradigma, mas sem perder de vista sua formação farisaica, constrói uma narrativa com as características do historiador grego, no caso da época de Josefo, greco-romano e hebraico-judaico. Por fim, não se pode dizer que o conteúdo de sua obra seja pró-romano ou pró-judaico, e se fosse um ou outro caso, não necessariamente estaria a obra livre de passagens também anti-judaicas e anti-romanas. Portanto, constatei quatro níveis de ambigüidade de conteúdo. Entretanto, não esquecendo que Josefo redigiu este relato em Roma com o apoio dos Flávios, é óbvio que ele não poderia deixar de dizer, que:

“Então, contrário aos desejos de César (Tito), o Templo foi incendiado.”

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 6 § 266.

“Tito apiedou-se da população, adiou a captura da cidade e deu aos criminosos tempo para arrependimento”.

JOSEFO. *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*. 1 § 10.

CONCLUSÃO

O que aqui pretendo, ao encerrar a presente Dissertação, é apresentar minhas conclusões acerca de três tópicos: os três objetos centrais de minha pesquisa: (i) a pessoa de Flávio Josefo; (ii) a **Istoriva **Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY - Istoría Ioudaïkoû Polémou pròs Romaíous - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, sua primeira e mais significativa obra; e (iii) o ambiente que não só antecedeu imediatamente seu nascimento, como também foi o pano de fundo de sua existência – a Judéia sob a ocupação romana.

Priorizei neste estudo o processo de resistência judaica face à dominação romana, seja de modo passivo, seja ativo, cujo ápice foi a guerra contra Roma, dentro da qual emergiu a guerra civil judaica. Dei relevância, ainda, à análise da trajetória do historiador Flávio Josefo. Por fim, refleti acerca de sua primeira obra, minha fonte central de pesquisa.

Para a operacionalização deste trabalho formulei quatro hipóteses e, após consulta à vasta bibliografia e às fontes (a central e outras secundárias) e aplicação de determinada metodologia à fonte central da pesquisa, pude comprová-las.

Minhas considerações finais, portanto, se referem às quatro hipóteses:

1) A resistência dos judeus ao domínio de Roma aumentava na medida em que os líderes romanos da Judéia desrespeitavam a religião judaica e diminuía na medida em que estes líderes a respeitavam.

2) O ápice da resistência judaica contra a dominação romana - a deflagração da guerra de 66-73 d.C. - teve como causa um fator político: a ruptura da aliança entre as classes dirigentes judaica e romana para o comando da Judéia.

3) Nascido judeu e tornando-se cidadão romano, Josefo pode ser considerado, apesar destas duas condições e de sua trajetória conflituosa, dividida entre Judéia e Roma, como um homem vinculado à etnia judaica e portador de uma única identidade: a judaica.

4) *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, trata-se de uma obra que reflete um relato histórico repleto de ambigüidades, no nome, na origem, na estrutura e no conteúdo, sempre oscilando entre as influências judaica e romana que atingem seu autor.

Com relação à primeira hipótese, através da metodologia, comprovei diretamente, no próprio texto de Josefo, que ele demonstra que na medida em que as lideranças romanas tentam quebrar o cumprimento da תורה - *Torah*, os judeus reagem fortemente pela manutenção da sua prática religiosa, preservação essa que era a regra geral assegurada por Roma aos judeus. Portanto, esta hipótese comprovada se refere a casos de períodos de exceção na história política da Judéia, no período aqui pesquisado.

Quanto à segunda hipótese, a comprovação não pôde ser feita pela aplicação da metodologia escolhida, simplesmente porque Josefo, em *História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, procura isentar de culpa a classe dirigente judaica pelo início da guerra. Martin Goodman, ao comentar historicamente a obra, é quem ilumina esta questão, mostrando, no próprio texto de Josefo, sinais de que esta classe era a responsável pela guerra. Contudo, os pequenos fragmentos da narrativa que permitem levar a esta conclusão não são suficientes para a construção de quadrados semióticos.

No que concerne à terceira hipótese, busquei sua comprovação tanto na fonte quanto na bibliografia. Ambas deixam claro que Josefo pertencia à etnia judaica. Apesar de poder ser detentor de duas identidades, a romana e a judaica, ele sempre se reconheceu como judeu. O pouco número de palavras utilizadas por Josefo para se apresentar como judeu e

estrangeiro perante gregos e romanos não permite e torna desnecessária a construção de quadrados semióticos para que se chegue a esta conclusão.

Por fim, quanto à quarta hipótese, houve condição para que eu novamente pudesse lançar mão da metodologia escolhida à fonte central de pesquisa para comprová-la e poder assim afirmar que, em **Istoriva **Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY - Istoría Ioudaïkoû Polémou pròs Romaíous - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, a conhecida *Guerra Judaica*, Josefo se revela um historiador preocupado com as formas de narrar próprias dos modelos historiográficos greco-romano e hebraico-judaico, e voltado para uma narrativa muito mais pró-romana que pró-judaica, ainda que este último aspecto também esteja presente no texto. Na realidade, este relato é também pró-Flávio (ou Flaviano), porque voltado para atender aos interesses dos Flávios.

Em resumo, o que concluo depois de toda a pesquisa aqui realizada, é que o estudo da Judéia sob o domínio romano é muito enriquecedor para o historiador da Antigüidade, tanto para aquele que busca especializar-se na história de Israel, bem como para o que pretende dedicar-se mais atentamente à Roma. No primeiro caso, o pesquisador estará diante de um dos momentos mais importantes da história de Israel: a destruição do Templo de Jerusalém, realizada pelos romanos, fato que praticamente encerrou a guerra entre eles e os judeus, conflito este que, por sua vez, fora o ápice do processo de resistência judaica face ao domínio romano da Judéia. No segundo caso, o pesquisador ao estudar a Judéia encontrará uma relação excepcional entre o Império Romano e um território a ele anexado

e subjugado, contato este tem seu ponto de apoio na Lei que rege a vida civil e religiosa dos judeus: a תורה - *Torah*.

Concluo ainda, que não se pode deixar de reconhecer a importância do autor, que proporciona a melhor informação documental, porque a mais completa fonte literária, sobre este mesmo período da história judaica – Flávio Josefo. A trajetória deste judeu de nascimento, mas também cidadão romano, é muito importante para o estudo do contato romano-judaico. Josefo, é certo, foi um judeu que por toda a sua vida esteve ligado a sua etnia de origem e manteve sempre viva sua identidade judaica. Entretanto, em Roma e sob o patrocínio dos Flávios, tornou-se um historiador interessado na história não só de sua terra natal – a Judéia – bem como de Roma.

Concluo ademais, que em sua primeira obra, **Istoriva **Ioudai>kou~ Polevmou proVY &RwmaivouY - Istoría Ioudaïkoû Polémou pròs Romaíous - História da Guerra dos Judeus contra os Romanos*, Josefo redigiu um relato muito mais pró-romano do que pró-judaico. Na realidade foi uma narrativa pró-Flávios, já que Vespasiano ainda reinava quando esta foi publicada, entre 75 e 79, e Josefo era devedor deste Imperador que, segundo o próprio historiador afirmou, lhe concedeu a cidadania romana, lhe ofertou como moradia a casa que ocupara antes de reinar, lhe forneceu uma pensão e também lhe deu uma grande propriedade na Judéia e acima de tudo lhe salvou a vida, não o enviando a Nero, quando feito prisioneiro na Galiléia.

Concluo, por fim, que pesquisar a Judéia no tempo em que esteve sob o domínio romano, a fonte literária que mais dados fornece sobre este momento e seu autor, me fez refletir sobre o *Outono da Judéia*, um período relevante da história romana e acima de tudo uma época de grande importância para a história judaica.

FONTES :

JOSEPHUS. *The Jewish War*. - Livros I a VII, tradução do grego para inglês de H. ST. J. THACKERAY. Cambridge-Massachusetts e Londres: Loeb Classical Library - Harvard University Press, 1989.

תורה - *A Lei de Moisés e as "Haftarot"*. São Paulo: Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, 1996.

TUCÍDIDES. *History of the Peloponesian War*. Books I and II, tradução do grego para inglês de C.F.SMITH. Cambridge-Massachusetts e Londres: Loeb Classical Library - Harvard University Press, 1991.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Pat. (dir.). *Enciclopédia Ilustrada da Bíblia*. Tradução de Edwino A. Royer. São Paulo: Paulinas, 1987.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1968.

BIANCHI, Giovanni e SALVI, Renzo. “Elementi di Sociologia Politica”, in MELOTTI, Umberto (org.) *Introduzione alla Sociologia*. Milão: Centro Studi Terzo Mondo, 1980

BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1980.

BURROWS, Millar. “Ancient Israel” in DENTAN, Robert (ed.). *The Idea of History in the Ancient Near East*. New Haven: American Oriental Society / Yale University, 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Uma Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Narrativa, Sentido, História*. São Paulo: Papyrus, 1997.

_____ e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CLARKE, Simon. “Acculturation and Continuity: Re-assessing the Significance of Romanization in the Hinterlands of Gloucester and Cirencester”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds). *Roman Imperialism: Post - Colonial Perspectives*. Leicester: School of Archaeological Studies - University of Leicester, 1996.

COHN, Haim. *O Julgamento e a Morte de Jesus*. Tradução: Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

COMBY, Jean e LEMONON, Jean Pierre. *Roma em Face a Jerusalém - Visão de Autores Gregos e Latino*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1987.

CONNOLLY, Peter. *A Vida no Tempo de Jesus de Nazaré*. Tradução de Maria das Mercês de Mendonça Soares. Lisboa / São Paulo: Editorial Verbo, 1988.

CORNELL, Tim e MATTHEWS, John. *Roma – Legado de um Império*. (vol.1). Tradução de Maria Emilia Vidigal. Madrid: Edições del Prado, 1996,

DISTANTE, Carmelo. “Memória e Identidade”, tradução de Sérgio Mauro, in *Revista Tempo Brasileiro 95 - outubro-dezembro de 1988*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

DOUGLAS, J.D. (org.) *Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução: João Bentes. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990.

FERREIRA, Cláudia Andréa Prata. “A Literatura Hebraica Bíblica: A Construção da Identidade e o Pacto da Memória”, in *Anais do V Congresso Internacional da ABRALIC*, v. 3, p.p. 627 - 635. Rio de Janeiro: ABRALIC / UFRJ, 1998.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Tradução de Júlio P.T. Zabatiero. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

GINZBURG, Carlo. “Apontar e Citar - A Verdade da História”, in *Revista de História n° 2/3*. Campinas: Unicamp, 1991.

GOODMAN, Martin. *A Classe Dirigente da Judéia - As Origens da Revolta Judaica contra Roma, 66-70 d.C.* Tradução de Alexandre Lissovsky e Elisabeth Lissovsky. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. “Josephus as a Roman Citizen”, in PARENTE, Fausto e SIEVERS, Joseph (eds.) *Josephus & the History of the Greco-Roman Period*. Leiden, Nova Iorque e Colônia: E.J. Brill, 1994.

GRAMSCI, Antonio. *Antologia*. Seleção, tradução e notas de Manuel Sacristán. Cidade do México: Siglo XXI, 1970.

HADAS-LEBEL, Mireille. *Flávio Josefo. O Judeu de Roma*. Tradução de Paula Rosas. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. “Josephus historian of Rome”. In PARENTE, Fausto e SIEVERS, Joseph (eds.) *Josephus & the History of the Greco-Roman Period*. Leiden, Nova Iorque e Colônia: E.J. Brill, 1994.

HINGLEY, Richard. “The “legacy” of Rome: the rise, decline and fall of the theory of Romanization”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds.) *Roman Imperialism: Post-Colonial Perspectives*. Leicester: School of Archaeological Studies, University of Leicester, 1996.

ISRAËL, Gérard e LEBAR, Jacques. *Quand Jérusalem Brûlait. En l’an 70, le 29 août*. Paris: Éditions Robert Laffont, 1970.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no Tempo de Jesus. Pesquisas de História Econômico-Social no Período Neotestamentário*. Tradução de M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1983.

JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Tradução de Henrique Mesquita e Jacob Volfzon Filho. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

KIPPENBERG, Hans. *Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia*. Tradução de João Aníbal G.S. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1988.

LIDDELL e SCOTT. *An Intermediate Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LÓPEZ, Félix García. “Os Dez Mandamentos, Caminhos de Vida e Liberdade”, in LÓPEZ, Félix García (org.) *O Pentateuco*. Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 1998.

MEIER, John P. *Um Judeu Marginal. Repensando o Jesus Histórico*. Tradução de Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PAUL, André. *O Judaísmo Tardio - História Política*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1983.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. Tradução de Angelina Peralva. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

POZNANSKI, Lucien. *La Chute du Temple de Jérusalem*. Bruxelas: Éditions Complexe, 1997.

RAJAK, Tessa. *Josephus. The Historian and his Society*. Londres: Duckworth, 1983.

SARTRE, Maurice. *L'Orient Romain. Province et sociétés provinciales en Méditerranée Orientale d'Auguste aux Sévères (31 avant J.-C. - 235 après J.-C.)* Paris: Éditions du Seuil, 1991.

SCHUBERT, Kurt. *Os Partidos Religiosos Hebraicos da Época Neotestamentária*. Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1979.

SCHWARTZ, Seth. *Josephus and Judaeae Politics*. Leiden: E.J. Brill, 1990.

SIMON, Marcel e BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo - de Antíoco Epifânio a Constantino*. Tradução de Sônia Maria Siqueira Lacerda. São Paulo: Pioneira / EDUSP, 1987.

SMITH, Anthony D. *The Ethnic Origin of Nations*. Oxford: Blackwell, 1986.

THIEDE, Carsten Peter. “Nos Passos de Jesus de Nazaré”, in *Revista 30Dias - n° 8 - setembro de 1993*.

TUBB, Jonathan N. e CHAPMAN, Rupert L. *Archaeology and the Bible*. Londres: British Museum Publications Ltd., 1990.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Tradução de Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WEBSTER, Jane. “Roman Imperialism and the “Post Imperial Age”, in WEBSTER, Jane e COOPER, Nick (eds.). *Roman Imperialism: Post - Colonial Perspectives*. Leicester: School of Archaeological Studies - University of Leicester, 1996.